



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MAYARA ARRUDA MARTINS

TECNOTEXTUALIDADE E CAMPO DÊITICO DIGITAL –
ANÁLISE DE ASPECTOS INTERACIONAIS E ENUNCIATIVOS

FORTALEZA

2024

MAYARA ARRUDA MARTINS

TECNOTEXTUALIDADE E CAMPO DÊITICO DIGITAL –
ANÁLISE DE ASPECTOS INTERACIONAIS E ENUNCIATIVOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará (PPGLin/UFC), como requisito para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de concentração: Linguística.

Linha de pesquisa: Práticas discursivas e estratégias de textualização.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M344t

Martins, Mayara Arruda.

Tecnotextualidade e campo dêitico digital : análise de aspectos interacionais e enunciativos /
Mayara Arruda Martins. – 2024.

163 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-
Graduação em Linguística, Fortaleza, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

1. Dêixis. 2. Enunciação . 3. Interação humano-máquina. 4. Campo dêitico digital. 5.
Tecnotextualidade . I. Título.

CDD 410

MAYARA ARRUDA MARTINS

TECNOTEXTUALIDADE E CAMPO DÊITICO DIGITAL –
ANÁLISE DE ASPECTOS INTERACIONAIS E ENUNCIATIVOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará (PPGLin/UFC), como requisito para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de concentração: Linguística.

Linha de pesquisa: Práticas discursivas e estratégias de textualização.

Aprovada em: 22/02/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Elias Soares (Examinadora/Membro interno)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito (Examinadora/Membro externo)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Alena Ciulla (Examinadora/Membro externo)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Vanda Maria Elias (Examinadora/Membro externo)
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Profa. Dra. Maria da Graça dos Santos Faria (Examinadora/Suplente externo)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Profa. Dra. Áurea Suely Zavam De Stefani (Examinadora/Suplente interno)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

DEDICATÓRIA

Ao Álisson, à Mônica e ao Sr. João, que, cada um a seu modo, me fizeram acreditar que eu sou capaz de defender a proposta deste trabalho interdisciplinar entre Linguística Textual e Tecnologias e me ajudaram a persistir na condução das minhas investigações, quando nem eu mesma acreditei que conseguiria – é por vocês! 🍷

AGRADECIMENTOS

Agradecer sempre é uma tarefa que extrapola as vivências, as memórias, as emoções, as dificuldades e as muitas mãos que se fizeram sustentáculo e afago nos momentos difíceis. Nesta trajetória de doutorado, iniciado em março de 2020, caminhos tortuosos se revelaram – o maior exemplo deles foi lidar com uma pandemia (Covid-19) desde o primeiro mês do curso de doutorado e conviver com ela durante metade dessa trajetória – mas a paz, enfim, pareceu (res)surgir, e a vida tem voltado ao seu eixo, com todas as adaptações que a pandemia exigiu de nós.

Dessa forma, os agradecimentos desta tese não explicitam todos aqueles a quem agradeço, não por eu não ser grata pelo percurso, mas, pelo contrário, por eu ter me tornado ainda mais grata por cada mínimo instante do viver. Assim, esses agradecimentos se fazem *pro forma*, uma vez que cada um que foi importante, a seu modo, por um instante que tenha sido, durante esses quase quatro anos (47 meses), já recebeu o meu afeto e o meu agradecimento. Aqui, destaco nominalmente aqueles que mais diretamente contribuíram para que esta tese chegasse a este estágio – não como um fim, mas como o início das pesquisas e reflexões que tenho feito acerca da tecnotextualidade, ou do texto digital nativo – “apenas um novo começo”, como diz “Moniquinha”, como chamo carinhosamente, há cerca de 10 anos, minha mãe-orientadora, um grande presente que a UFC me deu.

Assim, aqueles a quem agradeço profundamente e que sabem que me ajudaram em um momento, por mais ordinário que seja do cotidiano, já sabem da minha gratidão e sabem que estão nessas entrelinhas. Desta forma, apenas poucos são “evocados diretamente” nesta seção, mas muitos são representados indiretamente nela. Agradeço também, de modo muito afetuoso e especial, a todos aqueles que partilham comigo o momento da minha defesa presencial – a festa que sonhei, com a banca que sonhei, do jeito que sonhei.

Começo agradecendo a Deus, meu Pai, que tudo faz, de tudo cuida e em tudo surpreende. Deus, a Ti, que está comigo sempre e em todo lugar, que me conduz pelos caminhos mais fantásticos que até eu mesma desconheço, que me permite sonhar e realizar. Tua obra é perfeita! Teus planos para mim são maravilhosos! Eu não questiono, apenas acredito neles e sigo, pois a Tua vontade em minha vida se realiza em todos os momentos, desde sempre, para sempre! Eu abandono as minhas redes, os meus planos e enveredo pelo que o Senhor prepara para mim – e esta tese é uma das provas disso.

Quebro um pouco a organização retórica desta seção e agradeço a mim mesma. Isso mesmo! Não de forma orgulhosa, soberba ou arrogante – como queiram pensar –, mas,

pelo contrário, por me permitir amadurecer, ficar no meu casulo algumas vezes, desistir de alguns caminhos, seguir orientações de anjos que Deus colocou no meu caminho e me permitir recomeçar do zero, encarar os desafios dos novos caminhos, ressurgir como fênix e alcançar a “linha de chegada”, defendendo quase no tempo cronologicamente previsto (4 anos!), mesmo tendo o direito à prorrogação da pandemia (até 2026 para defesa). A borboleta agora voa! Mas isso acontece, porque soube suportar o processo, que foi partilhado, cuidado e encorajado por tantos, como alguns que explico aqui.

Álisson, Liara, Leandro (e Lúminus), vocês são o melhor que há em mim, o meu apoio, o meu conforto, o melhor abraço, as maiores reflexões. Se eu pudesse listar um motivo para eu ser imensamente feliz, eu diria que é partilhar a minha vida com vocês. Vocês são o retrato mais fiel e constante de que Deus me ama, cuida de mim e me dá os melhores presentes! Vocês são os meus melhores presentes, e, por outro lado, são aqueles que viram cada pedra do caminho e me ajudaram a tirar de perto de mim. Se as plantinhas da vida só ficam lindas e frondosas a partir de reparo, vocês são os melhores jardineiros que me ajudaram a fazer as podas necessárias para que minhas árvores crescessem e frutificassem. Álisson, em especial, obrigada por ser parceiro de vida e de pesquisa. “O meu melhor amigo é o meu Amor”, mas também é o melhor ouvinte e coautor de invenções científicas e mirabolantes. Esta tese é nossa! Você pensou comigo e me encorajou desde o primeiro momento!

Paizinho, mãezinha (*in memoriam*), irmãs, sobrinhos, cunhados, tios, tias, afilhados, primos, madrinha, sogro, sogra, família inteira do Álisson, que se tornou minha também: vocês são o meu alicerce, a minha base, as minhas raízes, o ponto de origem que me conecta ao que fui e ao que espero ser. Sem vocês, nada da minha vida seria possível, pois vocês foram, literalmente, braços e abraços, alimento e aconchego. Cada dia nesse ínterim de doutorado, especialmente os meus domingos sagrados, com meu bom cafezinho (ou dois, ou mais rsrs), com a minha Mamá e a família inteira, e meu bom “almocim” na casa da Rosinha, me deram a força, a energia, a luz e o Amor necessários para que eu voltasse às minhas atividades revigorada e reafirmasse que o lugar de onde vim é o que me torna o que eu sou. Minha “família-origo”, a Mayarinha que vocês criaram carrega muito de cada um de vocês e é doutora agora – a primeira da família – e somos todos nós nessa conquista partilhada e celebrada em cada passo.

Mônica, eterna orientadora, amiga, confidente, mãe, exemplo, caminho, futuro, e tantos outros papéis e representações que não cabem no *lattes*, pois é apenas no coração que você cabe! Você é a certeza nas incertezas, o caminho que me puxa de volta para o meu

caminho, a coragem nos meus medos, o respirar quando as situações são turbulentas. Você foi, literalmente, a mão que escreveu junto, a cabeça que pensou comigo, a boca que rezou, os abraços que acalentaram, as mãos que me empurraram do ninho (com muita vistoria) e o coração que sempre acolheu e pulsou junto a mim. Esta tese é nossa, pois você me apresentou o caminho, propôs-me o desafio, acreditou nela antes que eu a visse. E eu, sempre confiante em você, enfrentei, desbravei, inovei. Ela tem partes suprimidas para caminhos futuros que trilharemos juntas, pois você, minha orientadora “desde que nasci”, de todos os níveis, de monitoria de LP: Frase, iniciação científica, mestrado e doutorado, foi, é e sempre será a orientadora absoluta da minha vida. E terminamos antes de 2026 (olha só! rsrs). Sou porque somos! E esta tese se constrói por/com você!

Mariza e Alena, as duas assim juntinhas, por serem as avaliadoras que me ajudam a crescer, aquelas que seguram as minhas mãos e enfrentam comigo o percurso acadêmico. Vocês vieram da minha defesa de mestrado “diretamente” para a minha defesa de doutorado (5 anos depois), tendo passado pela minha qualificação nesta etapa – e celebrado comigo presencialmente esse momento, um presente! Marizinha, obrigada por ser acolhida, incentivo e parceria sempre certos. Você, literalmente, é o mais profundo significado de “lar”, pois abre o seu para orientações, planejamentos, conversas revigorantes e lanchinhos maravilhosos. Alena, obrigada por tantos áudios de sugestão e por tantas mensagens carinhosas que fazem, sempre, com que eu a sinta pertinho de mim e obrigada pelas boas “vadiagens” e conversas quando a gente se encontra. A vida nos dá inspirações e faz delas amigos. Vocês são prova disso! E vamos celebrar mais uma vez, no paraíso, Jeri, para coroar esse percurso!

Maria Elias, a melhor professora de metodologia que eu poderia ter! Como brinco, Deus foi muito bom quando me deu você como “avó acadêmica”. Admiro seu vigor, seus conhecimentos científicos e burocráticos e, sobretudo, a doação de uma vida inteira em dedicação à universidade. Obrigada por se fazer presente e ativa no meu mestrado e no meu doutorado, participando de cada etapa que enfrentei até aqui, aceitando ser suplente em etapas anteriores e examinadora nesta, o marco final de uma jornada “sofrida”, mas muito bem aproveitada e certamente partilhada com muita gente querida.

Vanda, ter você na banca é uma honra! Isso já seria motivo suficiente de agradecimento! Agradeço por seu aceite e por seu investimento financeiro para estar presente em um dos momentos mais importantes da minha vida. Agradeço por discutir e sugerir caminhos em cada uma das vezes que nos encontramos durante esse percurso. E, como “há vida além do *lattes*” (essa que é tão valiosa!), agradeço pelos abraços, pelos bons votos, pelos momentos inesquecíveis em Campos do Jordão e por ter me acolhido no seu lar.

Gostaria de agradecer àquela que, há tantos anos fala tanto ao meu coração, ensina-me tanto de maneira tão sincera, apoia-me e faz questão de acompanhar todos os momentos da minha trajetória; quem, literalmente, já foi casa, abrigo e Amor tantas vezes e que se tornou uma grande amiga: Gracinha, a você todo o meu Amor, a minha gratidão e a melhor amizade que alguém puder oferecer, pois você é isso para o mundo e “o seu coração é uma casa de portas abertas”. Você fez questão de estar presencialmente na minha defesa de mestrado e, novamente, acompanhará presencialmente a minha defesa de doutorado. Mais do que suplente dessa banca de defesa de tese, você é um presente em forma de amiga!

Agradeço também à “florzinha” mais querida do PPGLin/UFC. Áurea, colega de grupo de pesquisa, minha primeira professora de estágio na graduação em Letras, ouvinte atenta das discussões do grupo e amiga sempre presente nas edições do Natal do Prottexto, que aconteceram no nosso lar nos últimos anos, ter você como leitora e suplente nesta etapa de conclusão de doutorado é uma verdadeira honra! Obrigada por, ao longo dos anos, me incentivar e encorajar a alçar lindos voos e por sempre ser sinônimo de afeto e boas energias a cada (re)encontro, a prova maior de que viver e ter as pessoas certas ao lado é um presente.

Eduarda, você foi uma das responsáveis por nos apresentar o tecnodiscurso e, com isso, proporcionar uma relação frutífera dentro dos estudos do Grupo Prottexto. Agradeço duplamente: por ter sido parecerista do meu trabalho em Seminários de Pesquisa II (tudo está devidamente registrado e aquilo que ainda não tiver sido incorporado à versão que agora apresento será, sem dúvidas, utilizado em trabalhos futuros) e, principalmente, por conduzir com leveza, polidez e alegria esse momento tão importante para mim e para a melhoria da minha pesquisa. Principalmente depois disso, admiro ainda mais você!

Amigos do Prottexto, o meu “grupo-família” como chamo, vocês representam, sempre, incentivo, escuta, sugestões de melhoria, abraços, gargalhadas. Cada celebração com vocês, em grupos maiores ou menores, em eventos ou encontros, me prova que este grupo é a mistura perfeita entre competência e dedicação, entre afeto e doação. Eu jamais conseguiria agradecer efetivamente a cada um de modo adequado, mas agradeço a todos em nome da Maiara, uma amiga-irmã que a vida me deu, alguém que permanece de mãos dadas e que vive tantos momentos valiosos – e tortuosos – ao meu lado desde a graduação. A você, Mai, toda a segurança necessária para alcançar suas metas, toda a leveza mesmo nos momentos difíceis e o meu “muito obrigada” pela parceria sempre presente, mesmo na distância. Também agradeço aos meus amigos do grupo “Lascades”, Hellenson, Marina e João Pedro, que tantas vezes confiaram a mim suas ideias iniciais e inseguras e seus estudos desde antes de se

tornarem “Protexoto”. Agradeço por terem trocado ideias, confiado em minhas sugestões e terem sido parceiros de trabalhos e apresentações durante minha trajetória no doutorado.

Colegas do PPGLin/UFC, com quem partilhei disciplinas presenciais e remotas, trabalhos, discussões e conhecimentos, especialmente aos meus amigos da turma do mestrado que permaneceram e que foram responsáveis por, mesmo remotamente, manter afeto, respeito, carinho, cuidado e reciprocidade. Vocês, mais do que conhecimento e competência, são sinônimos de bons encontros, boas gargalhadas, parceria sem medida e ajuda mútua, tornando a vida acadêmica, que, por si só é pesada e desafiante, um lugar melhor e mais leve.

Professores da vida, desde as séries iniciais às disciplinas da pós-graduação, passando pelos professores de cursos livres e por todos aqueles que, de alguma forma, me ajudaram a me interessar pelo caminho dos estudos e a ver nesse caminho o meu modo de viver, algo sem o qual a minha vida realmente não tem sentido, pois “estudar” (assim, amplamente mesmo), embora seja um caminho desafiante, frustrante e tantas vezes adoeceador e sem recompensa, ainda é o caminho mais gratificante que segui e aquele que sei que tem mudado a minha história e a dos meus. Em especial, à minha “Mamá”, a melhor amiga que eu poderia ter, que me ensinou a ler ainda antes da escola, que me acolheu durante alguns dos momentos mais estressantes desta etapa de doutorado e quem sempre me presenteou com as declarações mais lindas sobre o Amor verdadeiro e singelo. Você plantou a semente; a árvore não só cresceu como frutificou. Agora eu vejo como a música da infância representa muito a gente: “Sou eu que vou ser seu amigo, vou lhe dar abrigo se você quiser”...

Alunos da professora Mônica das turmas da graduação presenciais e/ou remotas (desde 2014, quando comecei a acompanhar, ininterruptamente todas as turmas), meu agradecimento por cada discussão enriquecedora, por cada exemplo instigante e por cada “conversa de bastidor”. Unir ensino e pesquisa sempre foi um dos meus objetivos acadêmicos, e fazer isso com afeto, escuta e apreço sempre foi um dos meus objetivos de vida. Em especial, agradeço ao Ricardo, que partilhou muitas das turmas durante minha trajetória de doutorado e acabou se tornando um amigo querido e um parceiro sempre presente.

Meus mentorandos amados, todos! Mentorandos das mentorias individuais ou em grupo, mentorandos da área de Letras e de outras áreas, mentorandos “pagantes” e bolsistas, mentorandos com objetivo de entrar na pós-graduação, permanecer nela ou sair dela (rsrs), a todos vocês a minha mais sincera gratidão pela confiança em mim e no meu trabalho, mas, principalmente, por toda a partilha do que é e do que pode ser a vida acadêmica. Se eu tiver tocado o coração de apenas alguns de vocês para que a condução das fases da vida acadêmica seja feita com trabalho, esforço e dedicação, mas também com leveza, autocuidado e

descanso, eu já estarei feliz e realizada. Vocês “nasceram” junto a este curso de doutorado e, desde 2019 para cá, têm mudado a minha vida, me mostrado o meu caminho e reforçado o “fazer científico” que desejo para mim e para o mundo. Sejam fortes e confiantes! E não cedam às pressões do mundo cruel que nos mostram. A vida não é fácil, mas é, sim, muito melhor quando partilhada com as pessoas certas e vivida com nosso coração e nossa verdade! Eu também não conseguiria agradecer a cada um como gostaria, mas encapsulo meus agradecimentos em nome de três deles: à Camila, minha primeira mentoranda oficial, que conquistou um resultado impressionante após algumas tentativas fora d’“O Método”, que é o *segredo*, mas que também nos ensina a caminhar com *disciplina*; à Aline, que se tornou uma amiga fiel e presente em tantos momentos desafiantes da minha vida e levou o meu Amor, tantas vezes, àqueles que amo por meio dos melhores chocolates do mundo; e ao Edinaldo, mentorando e amigo solícito, a quem entrego esta tese para que, com seu olhar cuidadoso, refine os aspectos estruturais em termos de formatação e revisão e a quem agradeço por toda prontidão e afeto.

Profissionais de saúde física e mental, meu sincero agradecimento a vocês pelo trabalho comprometido e responsável, mesmo eu dando um trabalhinho na disciplina e precisando desmarcar algumas vezes pela vida que me arrasta e sobrecarrega tantas vezes. Poder investir em mim para que eu fosse acompanhada por vocês fez a diferença no meu modo de conduzir esta pesquisa ao longo desses quatro anos. Psicóloga, fisioterapeutas, nutricionista, educador físico e todos os médicos que me acompanharam nos momentos de dor e de medo, de quase bloqueio mental e de bloqueio físico, muito obrigada, apenas!

Servidores e funcionários da universidade, cada um de vocês torna cada vez melhor um dos *locus* mais especiais da minha vida. Apesar do terror que nos assolou epidemiologicamente e do terror que nos devastou politicamente, vocês se entregaram e cuidaram de cada cantinho (físico ou digital) da melhor forma possível, dentro das circunstâncias de vocês. Em especial, agradeço ao servidor, sempre querido amigo, conhecedor e solícito Eduardo Xavier por cada explicação e por cada um dos bons votos, e à funcionária Dona Raimunda por todo o zelo e carinho com que cuida do DLV/PPGLin, nossa casinha. Agradeço também àqueles que, embora “de fora”, pertencem à universidade e acompanharam todo o meu processo desde a graduação até aqui, minha imensa gratidão: Rui (da banquinha), Helena (da xerox) e Wilson (dos lanches).

À agência de fomento CNPq, agradeço pela possibilidade de bolsa e de taxa de bancada ao longo desses quatro anos. Ter cursado um doutorado com bolsa foi um privilégio

que muitos não têm, mas busquei honrar com compromisso e dedicação cada centavo recebido, trabalhar da melhor forma possível e me engajar numa ciência de qualidade.

A tantas que, como eu e como a banca fantástica que me acompanha, são mulheres buscando fazer ciência, meu profundo agradecimento pelo investimento desafiante a um mundo que tantas vezes nos desvaloriza e não para de nos cobrar sem medida e sem considerar as tantas vidas que há em uma só. Mães, filhas, empreendedoras, professoras, donas de casa, esposas, cientistas, mulheres, enfim! Mais do que fortes, nós merecemos ser reconhecidas. Mais do que doces, nós merecemos ser acolhidas. Somado a isso tudo, é a nossa parceria e compreensão que nos faz crescer, sonhar e realizar. Sigamos!

Meus seguidores de redes sociais e de vida, vocês que me acompanham, aprendem comigo e torcem por mim são fundamentais na minha trajetória e, por isso, agradeço mesmo àqueles com quem sequer interagi. Vocês nasceram junto ao meu doutorado, quando eu quis romper a barreira da pandemia e me arrisquei no mundo digital para levar conhecimento a tantos que não tinham acesso naquele momento. Isso fez crescer em mim o meu desejo por divulgar e popularizar a ciência e, hoje, me faz ver o quanto eu amo esse caminho – e é também por isso que inovo ao escrever a “descrição da tese” para público geral.

A cada um e a cada uma que viveu comigo, me acolheu, me abraçou rapidamente, mandou uma mensagem, celebrou cada etapa desta pesquisa, partilhou vida, cafés e momentos valiosos, relaxantes e necessários, meu muito obrigada! Nem todos os nomes aparecem aqui, hoje, mas eu guardo cada um no meu coração, pois foi disso que tirei o melhor de mim para conduzir essa trajetória com Amor e Esperança. Se “é caminhando que se faz o caminho”, eu escolhi fazer isso ao lado das melhores companhias que eu poderia ter, cada um a seu tempo e a seu modo. Vocês fazem parte!

Enfim, agradeço a todos que compõem a Universidade Federal do Ceará, que me dá a honra, a imensa alegria e a extrema emoção de ser doutora justamente no ano do seu aniversário de 70 anos. Agradeço a cada milímetro de pedaço de chão desta minha casa, da minha UFC, do meu L[u]GAR há tantos anos. Agradeço a cada experiência que vivi aqui e a partir daqui. Agradeço a cada um que me fez o que sou hoje e àquilo que vou me tornar.

A menina sonhadora da escola pública da periferia – da “Barra do Ceará, minhas raízes” – de Fortaleza vai ser doutora! Isso não é motivo de soberba; pelo contrário, é motivo de reconhecimento de que isso foi feito a partir das mãos de muitos (próximos ou distantes, poderosos ou comuns) que acreditam que o estudo muda vidas, e que ciência boa é aquela que se faz pública e de qualidade.

Muito obrigada!   

Sou¹

*Se sou como um sol,
Que enche de luz o tudo,
Então, dê-me o direito
De declinar ao fim do dia,
De provocar a sombra,
De fazer lânguida a tarde,
De arder também o pelo nu.*

*Dê-me, então, o direito
De ser o intenso e o risco,
De ser a luz pra cada lua
E de só responder no outro dia.*

*Não me cobre a noite e o frio,
Nem me queira conter os ciclos,
Porque o destino do sol
É destinar cada brilho. 🌻*

(Mônica Magalhães Cavalcante)

1 Poema inédito escrito em 14 de julho de 2002 pela professora Mônica Magalhães Cavalcante.

 *Sonhar, Bráulio Bessa:*



DESCRIÇÃO DA TESE PARA LEIGOS²

Nosso estudo busca compreender como os humanos interagem entre si e com as máquinas por meio de textos utilizando várias formas de se comunicar e construir sentidos, como por meio da fala, dos gestos, das expressões faciais, das cores e de outros recursos que existem no mundo digital, a exemplo das redes sociais. Nessas interações, tanto as pessoas e seus recursos de linguagem quanto as possibilidades da tecnologia desempenham papéis importantes. A partir de conceitos como o de “dêixis”, isto é, o modo como as formas de linguagem se ligam ao contexto, e o de “campo dêitico”, ou seja, o ambiente em que a comunicação ocorre, chegamos às noções de “tecotextualidade”, quando nos referirmos às interações que acontecem na internet, e de “campo dêitico digital”, quando analisamos as possibilidades que a internet nos trouxe para ocuparmos lugares e vivermos momentos mesmo com quem não está no mesmo espaço físico. Dessa forma, nossa investigação articula aspectos linguísticos, sociais, conversacionais e tecnológicos. Nesse entrelaçamento, demonstramos que papéis que eram desempenhados apenas por seres humanos podem ser também desempenhados por máquinas, como a Siri e a Alexa, inteligências artificiais amplamente utilizadas no mundo todo. Em redes sociais, analisamos como elementos comumente vistos e utilizados, por exemplo o @, a # e o ✓ servem para reforçar posicionamentos a fim de persuadir, manipular e influenciar o outro, bem como demarcar estruturas de poder que unem sociedade, cultura e tecnologia. Nossas descobertas neste trabalho não apenas ajudam a desvendar interações que acontecem *on-line* e novos modos de produzir e compreender textos, como também têm implicações significativas para a ciência e para a sociedade, uma vez que compreender como nos comunicamos no mundo digital é fundamental para acompanhar o ritmo acelerado da tecnologia, sobretudo após a pandemia da Covid-19 e suas influências em nossas atividades cotidianas. Com este resumo, buscamos tornar essa pesquisa acessível ao público geral, incluindo não especialistas e interessados pela temática, a fim de promover a popularização da ciência linguística e levar esses conhecimentos a todos aqueles que buscam uma maior compreensão sobre a importância da comunicação entre humanos e entre humanos e máquinas na era digital.

² Esta seção pré-textual foi inserida tomando por base ritos comuns em outras culturas disciplinares e itens obrigatórios em outras áreas e em outros programas de pós-graduação, até mesmo da nossa universidade (UFC). Acreditamos que, com essa iniciativa, podemos fortalecer o movimento de popularização da ciência linguística e divulgação científica, tornando, assim, academia e sociedade interligadas.

RESUMO

Esta tese investiga a interação e a enunciação em contexto digital, focalizando interações humano-máquina e recursos de linguagem utilizados pelos interlocutores. Pressupondo a tecnodiscursividade (Paveau, 2021) e o circuito comunicativo estabelecido nos contratos (Charaudeau, 2008), reconsideramos a noção de dêixis a partir da concepção de texto da linguística textual (LT) (Cavalcante *et al.*, 2019), que se integra ao contexto como emergência e incorporação, e ampliamos a noção de campo dêitico (Hanks, 2008), postulando o campo dêitico digital. Para isso, analisamos gestos languageiros e aspectos multimodais que humanos e máquinas usam para assumir o papel de locutor (Benveniste, 1988) e o ponto de vista dos enunciadores (Rabatel, 2008). Estas reflexões aprofundam as investigações iniciadas por Martins (2019), que considera a criação de campos dêíticos a partir da *origo* de coordenadas eu-aqui-agora (*ego-hic-nunc*) como o principal critério para a dêixis, sempre permeada pelos papéis sociais dos interlocutores na cena e presente em textos produzíveis em quaisquer interações, desde as humanas mais básicas, via gestos e apontamentos corporais (Camus; Mondada, 2021) às “tecnológicas” que emergem da relação simbiótica humano-máquina. Metodologicamente, nosso *corpus* (30 textos de diferentes gêneros) constitui-se por interações multissemióticas (verbal, oral, imagética, sonora, gestual) – estáticas/dinâmicas – no contexto digital, que aparecem no trabalho via QR-Codes, links, e/ou capturas de tela. Utilizamos o QR-Code pelo fato de, em LT, necessitarmos analisar os textos integralmente, como um “evento, único e irrepetível”, dentro do próprio ambiente de interação e circulação. Categorizamos esses dados em três grupos: a) interações que simulam o face a face, como aulas no *Google Meet* e *lives* no Instagram; b) interações síncronas e assíncronas em redes sociais; c) interações humano-máquina, em que ambos podem assumir-se como um *eu* e convocar um *tu*, como assistentes virtuais, aplicativos e *chatbots*, como Bia (Bradesco) e ChatGPT (OpenAI). Destacamos alguns resultados: definição de campo dêitico digital, para reclamar a expansão, em contexto digital, da tríade eu-aqui-agora e seus derivados; explicação de novos modos pelos quais os sujeitos (re)constroem o quadro enunciativo, sem que haja, no entanto, uma ampliação enunciativa; análise efetiva, no acontecimento textual, de como alguns aspectos se imbricam na tríade social-discursiva-tecnológica, comprovando o caráter interdisciplinar da LT; descrição da menção por meio do @ como recurso dêitico, mesmo que não haja interpelação direta ao “tu”, pois quem é mencionado por esse gesto tecnolinguageiro é notificado e, conseqüentemente, engajado metadiscursivamente; proposição de que tanto humanos quanto máquinas podem assumir identidades; demonstração de que é por meio da

indicialidade que a dêixis se efetiva como um fenômeno de linguagem presente em todo texto, em todo gênero e em toda interação, digital ou não; comprovação de que a todo texto corresponde ao menos um campo dêitico, visto que toda interação acontece num dado “eu-aqui-agora” e que interações podem se sobrepor, gerando camadas enunciativas. Tomando a dêixis como um fenômeno de linguagem fundamental, concluímos que a instauração de campos dêiticos em camadas enunciativas ocorre não apenas em ambientes digitais, mas reflete o funcionamento da dêixis em geral, em textos de qualquer natureza, digitais ou não.

Palavras-chave: campo dêitico digital; dêixis; tecnotextualidade; enunciação; interação humano-máquina.

ABSTRACT

This thesis investigates interaction and enunciation in a digital context, focusing on human-machine interactions and language resources used by the interlocutors. Assuming technodiscursivity (Paveau, 2021) and the communicative circuit established in contracts (Charaudeau, 2008), we reconsider the notion of deixis based on the conception of text from Textual Linguistics (LT) (Cavalcante *et al.*, 2019), which integrates into the context as emergence and incorporation, and we expand the notion of deictic field (Hanks, 2008), postulating the digital deictic field. To do this, we analyze language gestures and multimodal aspects that humans and machines use to assume the role of speaker (Benveniste, 1988) and the viewpoint of enunciators (Rabatel, 2008). These reflections deepen the investigations initiated by Martins (2019), who considers the creation of deictic field from the origin of I-here-now coordinate (*ego-hic-nunc*) as the main criterion for deixis, always permeated by the social roles of interlocutors in the scene and it's present in texts producible in any interactions, from the most basic human interactions, such as gestures and bodily pointing (Camus; Mondada, 2021), to the “tecno-logical” ones that emerge from the symbiotic human-machine relationship. Methodologically, our corpus (30 texts of different genres) consists of multisemiotic interactions (verbal, oral, visual, sound, gestural) – static/dynamic – in the digital context, which appear in the work through QR-Codes, links, and/or screenshots. We use QR-Codes because, in LT, we need to analyze texts fully, as a “unique and unrepeatabe event”, within the interaction and circulation environment itself. We categorize these data into three groups: a) interactions that simulate face-to-face, such as classes on Google Meet and Instagram lives; b) synchronous and asynchronous interactions on social networks; c) human-machine interactions, where both can assume an *I* and call upon a *you*, like virtual assistants, applications, and chatbots, such as Bia (Bradesco) and ChatGPT (OpenAI). We highlight some results: definition of digital deictic field, to claim the expansion, in a digital context, of the I-here-now triad and its derivatives; explanation of new ways in which subjects (re)construct the enunciative framework, without, however, an enunciative expansion; effective analysis, in the textual event, of how some aspects intertwine in the social-discursive-technological triad, proving the interdisciplinary character of LT; description of the mention through @ as a deictic resource, even if there is no direct interpellation to the “you,” as the person mentioned by this technolinguistic gesture is notified and, consequently, engaged metadiscursively; proposition that both humans and machines can assume identities;

demonstration that deixis is realized through indexicality as a language phenomenon present in every text, in every genre, and in every interaction, digital or not; proof that every text corresponds to at least one deictic field, since every interaction occurs in a given “I-here-now” and interactions can overlap, generating enunciative layers. Taking deixis as a fundamental language phenomenon, we conclude that the establishment of deictic fields in enunciative layers occurs not only in digital environments but also reflects the functioning of deixis in general, in texts of any nature, digital or not.

Keywords: digital deictic field; deixis; technotextuality; enunciation; human-machine interaction.

RESUMÉ

Cette thèse étudie l'interaction et l'énonciation dans un contexte numérique, en se concentrant sur les interactions humain-machine et les ressources linguistiques utilisées par les interlocuteurs. En supposant la technodiscursivité (Paveau, 2021) et le circuit communicatif établi dans les contrats (Charaudeau, 2008), nous reconsidérons la notion de deixis basée sur la conception de texte de la linguistique textuelle (LT) (Cavalcante *et al.*, 2019), qui s'intègre dans le contexte en tant qu'émergence et incorporation, et nous élargissons la notion de champ déictique (Hanks, 2008), en postulant le champ déictique numérique. Pour ce faire, nous analysons les gestes linguistiques et les aspects multimodaux que les humains et les machines utilisent pour assumer le rôle de locuteur (Benveniste, 1988) et le point de vue des énonciateurs (Rabatel, 2008). Ces réflexions approfondissent les recherches initiées par Martins (2019), qui considère la création de champs déictique à partir de l'origine des coordonnées moi-ici-maintenant (*ego-hic-nunc*) comme critère principal pour la deixis, toujours imprégnée des rôles sociaux des interlocuteurs dans la scène et présente dans les textes pouvant être produits dans n'importe quelle interaction, des interactions humaines les plus basiques, comme des gestes et des indications corporelles (Camus; Mondada, 2021), aux interactions "tecno-logiques" qui émergent de la relation symbiotique humain-machine. Méthodologiquement, notre corpus (30 textes de différents genres) se compose d'interactions multisémiotiques (verbale, orale, visuelle, auditive, gestuelle) – statiques/dynamiques – dans le contexte numérique, qui apparaissent dans le travail via des Codes-QR, des liens et/ou des captures d'écran. Nous utilisons le Code-QR car, en LT, nous devons analyser les textes intégralement, comme un "événement unique et irrépétable", dans l'environnement d'interaction et de circulation lui-même. Nous catégorisons ces données en trois groupes : a) les interactions qui simulent le face à face, telles que les cours sur Google Meet et les lives sur Instagram; b) les interactions synchrones et asynchrones sur les réseaux sociaux; c) les interactions humain-machine, où les deux peuvent assumer un *je* et appeler un *tu*, comme les assistants virtuels, les applications et les chatbots, tels que Bia (Bradesco) et ChatGPT (OpenAI). Nous mettons en avant certains résultats: définition du champ déictique numérique, pour revendiquer l'expansion, dans un contexte numérique, de la triade moi-ici-maintenant et de ses dérivés; explication des nouvelles façons dont les sujets (re)constituent le cadre énonciatif, sans pour autant qu'il y ait une expansion énonciative; analyse efficace, dans l'événement textuel, de la manière dont certains aspects s'entremêlent dans la triade sociale-discursive-technologique, prouvant le caractère interdisciplinaire de la LT; description de la

mention par le @ comme ressource de deixis, même s'il n'y a pas d'interpellation directe au "tu", puisque celui mentionné par ce geste technolinguistique est notifié et, par conséquent, engagé métadiscursivement; proposition que tant les humains que les machines peuvent assumer des identités; démonstration que la deixis se réalise à travers l'indexicalité en tant que phénomène linguistique présent dans chaque texte, dans chaque genre et dans chaque interaction, numérique ou non; confirmation que chaque texte correspond à au moins un champ déictique, puisque chaque interaction se produit dans un "moi-ici-maintenant" donné et que les interactions peuvent se superposer, générant des couches énonciatives. En prenant la deixis comme un phénomène linguistique fondamental, nous concluons que l'instauration de champs déictique dans des couches énonciatives se produit non seulement dans des environnements numériques, mais reflète également le fonctionnement de la deixis en général, dans des textes de toute nature, numériques ou non.

Mots-clés: champ déictique numérique; deixis; tecnotextualité; énonciation; interaction humain-machine.

RESUMEN

Esta tesis investiga la interacción y enunciación en contexto digital, centrándose en las interacciones hombre-máquina y los recursos lingüísticos utilizados por los interlocutores involucrados en la enunciación. Así, partiendo de la tecnodiscursividad (Paveau, 2021) y del circuito comunicativo establecido en los contratos (Charaudeau, 2008), reconsideramos la noción de deixis basándonos en la concepción de texto de la Lingüística Textual (LT) (Cavalcante *et al.*, 2019), que se integra en el contexto como emergencia e incorporación, y, de esta manera, ampliamos la noción de campo deíctico (Hanks, 2008), postulando el campo deíctico digital. De este modo, analizamos gestos lingüísticos y aspectos multimodales que humanos y máquinas utilizan para asumir el papel de locutor (Benveniste, 1988) y el punto de vista de los enunciadores (Rabatel, 2008). Estas reflexiones profundizan las investigaciones iniciadas por Martins (2019), que considera la creación del campo deíctico a partir del origen de las coordenadas yo-aquí-ahora (*ego-hic-nunc*) como el principal criterio para la deixis, siempre permeada por los roles sociales de los interlocutores en la escena y presente en textos producibles en cualquier interacción humana, desde las más básicas, vía gestos y señalamientos corporales (Camus; Mondada, 2021), hasta las “tecno-lógicas” que emergen de la relación simbiótica hombre-máquina. Metodológicamente, nuestro corpus es compuesto por 30 textos de distintos géneros, que se constituye por interacciones multisemióticas (verbal, oral, visual, auditiva, gestual) – estáticas/dinámicas – en el contexto digital, que aparecen en el trabajo por medio de códigos QR, enlaces y/o capturas de pantalla. Utilizamos el código QR en virtud de la necesidad de analizar los textos integralmente, como un “evento único e irrepetible”, como es propuesto en LT, dentro del propio ambiente de interacción y circulación. Categorizamos estos datos en tres grupos: a) interacciones que simulan el rostro a rostro, como clases en Google Meet y transmisiones en vivo en Instagram; b) interacciones síncronas y asíncronas en redes sociales; c) interacciones hombre-máquina, donde ambos pueden asumir un yo y convocar a un tú, como asistentes virtuales, aplicaciones y chatbots, como Bia de Bradesco y ChatGPT de OpenAI. Destacamos algunos resultados: definición de campo deíctico digital, para reclamar la expansión, en contexto digital, de la tríada yo-aquí-ahora; explicación de nuevos modos por los cuales los sujetos (re)construyen el marco enunciativo, sin que haya, sin embargo, una ampliación enunciativa; análisis efectivo, en el acontecimiento textual, de cómo algunos aspectos se entrelazan en el trío social-discursivo-tecnológico, comprobando el carácter interdisciplinario de la LT; descripción de la mención a

través del @ como recurso de deíctico, aunque no haya interpelación directa al “tú”, ya que quien es mencionado por este gesto tecnolingüístico es notificado y, consecuentemente, comprometido metadiscursivamente; proposición de que tanto humanos como máquinas pueden asumir identidades; demostración de que es a través de la indicialidad que la deixis se efectiva como un fenómeno de lenguaje presente en todo texto, en todo género y en toda interacción, digital o no; comprobación de que a todo texto corresponde al menos un campo deíctico, dado que toda interacción ocurre en un dado “yo-aquí-ahora” y que las interacciones pueden superponerse, generando estratos enunciativos. Tomando la deixis como un fenómeno de lenguaje fundamental, concluimos que la instauración del campo deíctico ocurre en estratos enunciativos y acontece, no sólo en entornos digitales, sino que también refleja el funcionamiento de la deixis de modo general, en textos de cualquier naturaleza, digitales o no.

Palabras clave: campo deíctico digital; deixis; tecnotextualidad; enunciación; interacción hombre-máquina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	–	Diagrama de representação da relação texto e tecnotexto	45
Figura 2	–	Proposta de análise ampla do enunciado/texto.....	47
Figura 3	–	Exemplo de gerenciamento de pontos de vista analisado em notícia do jornal Nexo.....	54
Figura 4	–	Esquema dos processos referenciais	81
Figura 5	–	Pressupostos teóricos para as camadas enunciativas nos textos	84
Figura 6	–	Busca no Portal de Periódicos da Capes	89
Figura 7	–	Busca no Portal de Periódicos da Capes pelo termo “Tecnotextualidade”	90
Figura 8	–	Página inicial do trabalho com o termo “Tecnotextualidade(s)”, de Navas Ocaña e Romemo López.....	90
Figura 9	–	Exemplo 1: <i>live</i> no Instagram no perfil @mayaramartins.me.....	97
Figura 10	–	Exemplo 2 – “Dead Pum” e a Turma da Mônica – exemplo estático.....	99
Figura 11	–	Exemplo 3 – Teen Titans Go em português – Episódio “Quebrando a quarta parede!” – exemplo dinâmico	100
Figura 12	–	Exemplo 4 – Tirinha do Armandinho em um <i>blog</i> e no Facebook.....	101
Figura 13	–	Esquema de itens em redes sociais	103
Figura 14	–	Exemplo 6 – perfil no X @funceme	104
Figura 15	–	Exemplo 7 – perfil humorístico no X	105
Figura 16	–	Exemplo 8 – @OCriador	105
Figura 17	–	Exemplo 9 – Bia Bradesco.....	107
Figura 18	–	Exemplos 10, 11 e 12 – stories de @mayaramartins.me instaurando @nocasomila, cantordaniel e @brauliobessa.....	111
Figura 19	–	Exemplo 13 – @gisele na @carasbrasil.....	113
Figura 20	–	Exemplo 14: post com vídeo no X da Blogueirinha do Fim do Mundo	117
Figura 21	–	Exemplo 15 – Algumas assistentes virtuais e identidades que assumem	118
Figura 22	–	Perfil da Nat Natura no X.....	119
Figura 23	–	Exemplo 17 – ChatGPT	120
Figura 24	–	Exemplo 18 – Bianca Andrade, Boca Rosa e iampink.....	121
Figura 25	–	Exemplo 19 – robôs e IAs na atualidade – Ameca, Sophia, Mika e os robôs de Ishiguro.....	122
Figura 26	–	Exemplos 20 e 21 – Indicialidade, campo dêitico digital e negociação de sentidos por meio do direcionamento do olhar	125

Figura 27	– Exemplos 22, 23, 24, 25, 26 e 27 – a cor e os sentidos de identidades de perfis verificados no X.....	126
Figura 28	– Exemplo 28 – Indicialidade, campo dêitico digital e negociação de sentidos por meio de aspectos sonoros – recontextualização e construção de sentidos.....	129
Figura 29	– Vídeo original da canção Lovin’ you, interpretada por Minnie Riperton.....	130
Figura 30	– Exemplo 29 – <i>post</i> com vídeo no X e vídeo no YouTube.....	131
Figura 31	– Exemplo 30 – entrevistas e debates presidenciais de 2022 – Presidente Lula.....	133
Figura 32	– Exemplo 31 – Entrevistas e debates presidenciais de 2022 – candidato Ciro Gomes.....	133
Figura 33	– Exemplo 32 – entrevistas e debates presidenciais de 2022 – candidatos Lula e Bolsonaro.....	134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Quadro resumitivo dos processos referenciais	82
Quadro 2	–	Quadro-síntese de pesquisa adaptado e expandido por Martins (2022)	157

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IHC	Interação Humano-Computador
LT	Linguística Textual
QNP	Quadro norteador de pesquisa
PDV	Ponto de vista

LISTA DE SÍMBOLOS

- @ arroba elemento dêitico usado para mencionar o outro em redes sociais
- # hashtag elemento dêitico usado para revelar posicionamento e gerar engajamento
- ✓ verificação elemento de perfis verificados em redes sociais, que pode cumprir função dêitica de atrelar determinados tipos de identidades aos usuários por meio de cores diferentes.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	29
2	ENUNCIÇÃO E INTERAÇÃO NA PERSPECTIVA DA TECNOTEXTUALIDADE	41
2.1	Proposta de um viés teórico-metodológico ampliado para o enunciado- texto	41
2.2	O conceito de enunciação e a proposta de ampliação teórico- metodológico-analítica	47
2.2.1	<i>Benveniste (1988) e as bases da enunciação</i>	48
2.2.2	<i>O ponto de vista dos enunciadores</i>	52
2.2.3	<i>Paveau (2021) e o fator tecnológico da perspectiva tríade: a virada tecnodiscursiva nos estudos textuais</i>	57
2.3	O texto no circuito comunicativo	59
2.3.1	<i>A proposta de contexto de Hanks (2008)</i>	60
2.3.2	<i>Charaudeau (2019), Amossy (2017) e o aspecto discursivo da perspectiva da tríade</i>	62
3	DÊIXIS E CONTEXTO: POSTULANDO UM CAMPO DÊITICO DIGITAL	64
3.1	Noção de dêixis ampliada, para além das formas dêiticas	64
3.2	Por um campo dêitico digital	69
3.2.1	<i>Bühler (1934) e os dois campos da linguagem</i>	69
3.2.2	<i>Bourdieu (2019[1981]) e o campo social da linguagem – o fator social da tríade</i>	71
3.2.2.1	<i>O sujeito locutor-enunciador</i>	74
3.2.3	<i>Hanks (2008) e o campo dêitico da linguagem</i>	75
3.2.4	<i>A proposta de um campo dêitico digital</i>	77
3.3	Dêixis e referenciação	80
4	DOS PASSOS METODOLÓGICOS DESTA PESQUISA	86
4.1	Tipo de pesquisa	88
4.2	Delimitação do universo e amostra	88
4.3	Técnicas	88
4.4	Descrição da coleta dos dados	91
4.5	Procedimento de análise dos dados	92

5	ANÁLISE DE TECNOTEXTOS A PARTIR DE CONSTATAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO EMPREENDIDA – RECORTES DE UM CORPUS DIGITAL.....	94
5.1	O campo dêítico digital amplia as coordenadas <i>ego-hic-nunc</i> na tecnotextualidade	96
5.1.1	<i>Proposta analítica de um outro formato de campo dêítico digital: a quebra de quarta parede.....</i>	99
5.2	O quadro enunciativo se complexifica na tecnotextualidade.....	101
5.3	A interdisciplinaridade dos estudos textuais se evidencia pela tríade social-discursivo-tecnológica.....	106
5.4	O @ funciona como um recurso intrinsecamente dêítico em tecnotextos	111
5.5	Identities, papéis sociais e estereótipos são assumidos tanto por indivíduos humanos quanto por indivíduos maquínicos no circuito comunicativo na tecnodiscursividade	116
5.6	A indicialidade é o fator responsável por caracterizar a dêixis e o campo dêítico (digital ou não) como fundamentais a toda interação, a todo gênero e a todo texto	124
5.6.1	<i>O modo semiótico visual</i>	125
5.6.2	<i>O modo semiótico sonoro</i>	129
5.7	Todo texto, em contexto digital ou não, corresponde a pelo menos um campo dêítico que pode se sobrepor a outros por meio das camadas enunciativas.....	131
6	ALGUMAS CONCLUSÕES – O TRABALHO CONTINUA	136
	REFERÊNCIAS.....	138
	GLOSSÁRIO – MARTINS, M. A.....	144
	ANEXOS – CORPUS DE INTERAÇÕES DIGITAIS.....	145
	APÊNDICE A – QUADRO-SÍNTESE DE PESQUISA ADAPTADO E EXPANDIDO	157

1 INTRODUÇÃO

“A vida sempre encontra um jeito.”

(Mônica Magalhães Cavalcante)

Se fazer pesquisa no Brasil implica inúmeros desafios, resistir na pesquisa no contexto que assolou o mundo todo em 2020, ano de ingresso no doutorado e ponto de origem desta pesquisa é, de fato, um querer imensurável, um sentido que já faz parte da vida. Temos aprendido ainda mais a valorizar a vida hoje, depois dos quase 7 milhões³ de mortos por Covid-19 no mundo. Graças à Ciência, este trabalho se conclui com o número de vacinados superior ao número de mortes – e a luta continua, resistimos, pois é necessário *Esperançar!* A pandemia, essa surpresa desagradável para o mundo todo, foi o motivo pelo qual esta pesquisa ficou quase completamente parada pelo período de 7 meses, e seus desdobramentos fizeram com que metade deste curso de doutorado (de março de 2020 a março de 2022) fosse executado totalmente em formato remoto, envolvendo créditos em disciplinas, estágios de docência, orientações, coleta de dados e processo de escrita. Todos passamos por uma reinvenção obrigatória, migrando do presencial para o digital. Ressurgir foi necessário. Como uma fênix, foi dos resquícios das próprias cinzas que esta pesquisa nasceu, pois, provavelmente, sem este movimento de olhar para o “novo”, nós não teríamos encontrado a necessidade de nos atentarmos para as lacunas aqui discutidas e para as propostas aqui apresentadas.

A motivação para este trabalho surge primeiro do interesse em continuar e aprofundar as investigações empreendidas no trabalho de mestrado, defendido em 2019, que se intitula “A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais (Martins, 2019). Mesmo diante do desafiador cenário pandêmico que modificou os modos de interagir e produzir textos, procuramos desenvolver pesquisas sobre referenciação dêitica, por meio de apresentações e publicações que demonstrassem o quanto é frutífera a exploração do campo da referenciação e das interfaces que ela pode viabilizar – dentro da Linguística e fora dela. Associado ao contexto social e aos objetivos inicialmente delineados, surgiu a necessidade de se traçar novas rotas, assim como a vida exigira de cada um de nós.

³ Número atualizado durante o processo de escrita da versão da tese em andamento para a apresentação em Seminários de Pesquisa II (outubro de 2023) e ratificado durante o período final de escrita (janeiro de 2024). Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 20 jan 2024.

Assim, o que, inicialmente, seria uma proposta sobre *dêixis como fenômeno de linguagem*, que, por muito tempo, foi o título deste trabalho, com suas características multissemióticas e suas muitas formas de gerar interação, expandiu-se para uma proposta textual que contempla, além da própria referência e de seu caráter interacional e enunciativo, a tecnodiscursividade e sua abordagem ecológica, que contempla aspectos linguageiros e tecnológicos simultaneamente. Mais do que isso, pretendemos marcar o nosso lugar de estudo e propor, ainda que preliminarmente, alguns avanços nas pesquisas acerca do texto, pensando nos aspectos que precisam ser considerados em uma análise da **tecnotextualidade**, cujas características apresentamos no capítulo seguinte.

Desse modo, delineamos nosso objetivo geral a fim de propor a definição e a caracterização de **campo dêítico digital** nas interações da tecnodiscursividade e da tecnotextualidade, investigando a interação e a enunciação em contexto digital, bem como os recursos envolvidos na manifestação da dêixis em textos digitais. Especial enfoque foi dado às interações humano-máquina, sob uma perspectiva de análise ampliada dos textos, que são perpassados pela tríade de aspectos sociais-discursivos-tecnológicos, ancorados na proposta pós-dualista e ecológica da linguagem, segundo Paveau (2021). Para alcançar esse fim, definimos os seguintes objetivos específicos:

- a) redimensionar a dêixis como um fenômeno enunciativo e interacional que precisa evidenciar o ato de enunciação, conforme Benveniste, mas também os pontos de vista dos enunciadores, conforme Rabatel;
- b) demonstrar como se dá o jogo enunciativo nas ocorrências de funções dêíticas presentes em textos digitais, considerando a distribuição dos papéis dos actantes no circuito comunicativo, chegando a uma proposta ampliada de análise dos textos do ponto de vista enunciativo e interacional e a uma concepção de campo dêítico digital;
- c) analisar as funções dêíticas em diferentes interações, desde aquelas que simulam o face a face àquelas que utilizam recursos que se propõem a substituir papéis humanos;
- d) demonstrar o funcionamento da dêixis na tecnotextualidade, com ênfase nas formas próprias e nos recursos próprios dos textos nativos digitais para engajar o interlocutor e demonstrar os posicionamentos do locutor/enunciador, como é o caso do @ e da #.

Como problematização da nossa investigação sobre interações digitais, refletimos acerca dos modos como as interações acontecem no contexto digital e fora dele e pensamos

ser a dêixis um importante conceito para unir a construção de todo o quadro enunciativo-interacional ao circuito comunicativo do ato de linguagem em contexto. É no ato de enunciação que a dêixis se estabelece, motivo pelo qual ela é central para a enunciação e para a linguagem, em suma. No entanto, estudos da dêixis, na literatura sobre o assunto, costumam estar relacionados às manifestações de formas dêíticas e às análises enunciativas por um viés estrito, sem considerar, por exemplo, aspectos sociais, culturais, discursivos e tecnológicos na criação dos campos dêíticos. Na tentativa de nos debruçarmos sobre esses outros aspectos para a ampliação das manifestações do fenômeno dêítico, formulamos a seguinte problemática geral de pesquisa: *por quais modos os indivíduos interagem em textos digitais, em termos de sistemas semióticos usados na instauração da relação eu-tu e dos papéis associados a esses locutores?*

Essas discussões nos moveram a reflexões que ultrapassaram o escopo das teorias do texto e do discurso, pois nos direcionaram para reflexões sobre o próprio objeto da ciência linguística, tantas vezes tomado como a língua, apenas. Mesmo os estudos que buscavam apresentar um novo viés, mais voltado para o uso, como aqueles que se dão sob uma perspectiva mais funcionalista, ainda se detinham, muitas vezes, em análises que tratavam da *língua* em uso. Aspectos mais contextuais, que envolvem fatores sociais, culturais e de registro são considerados, mas o foco de investigação ainda recai sobre a língua.

Toda essa problemática parece se intensificar quando saímos de uma dualidade formalismo x funcionalismo e nos deparamos com a delimitação do próprio objeto da ciência linguística. É mister considerar que mesmo os estudos presentes no célebre Curso de Linguística Geral (doravante CLG), atribuídos a Saussure, já previam uma *Semiologia* que lançava o olhar sobre os fatos de *linguagem* e que se propunham a definir um objeto para a ciência linguística. No entanto, ao analisarmos a obra mais atentamente, percebemos trechos que, por vezes, passam despercebidos, como este que diz que “A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer ser (*sic*) trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão” (Saussure, 2012 [1916], p. 37). Essas e outras discussões de vários tipos estão presentes no CLG e versam, inclusive, sobre outras manifestações de linguagem para a comunicação, como as imagens visuais e os gestos. Essas últimas manifestações de linguagem, os gestos, são atribuídas por muitos autores a formas pioneiras de comunicação humana e, por isso, são amplamente discutidas em trabalhos mais clássicos da Linguística, como em Whitney (2010[1875]), embora haja investigações mais recentes, como a de Everett

(2019[2017]), que neguem isso, ao afirmar que “a linguagem surgiu através de símbolos inventados culturalmente” (Everett, 2019, p. 13).

Em nossa reflexão, concebemos a importância da língua para a linguagem, mas sem focalizar apenas aspectos estritamente gramaticais e lexicais, mas refletindo sobre a dimensão textual e discursiva relacionada a ela. Mesmo desde os estudos iniciais da Linguística, com o CLG, já temos que “é a língua que faz a unidade da linguagem” (Saussure, 2012 [1916], p. 42). O que reivindicamos aqui é o fato de, mesmo em estudos do texto, tidos como “unidade de comunicação e sentido em contexto”, como afirmam Cavalcante *et al.*, (2019), as análises se debruçarem, muitas vezes, sobre aspectos restritos à língua e ao seus fatores mais gramaticais com uma perspectiva logocêntrica que chega a desconsiderar muitos aspectos languageiros que permeiam os textos nas interações. Defendemos que também eles possam ser considerados “linguísticos”.

Expandido e atualizado com os estudos recentes da Linguística de modo geral, o termo “linguístico”, portanto, poderia também abarcar todos os elementos necessários às práticas de *linguagem*, que, por sua vez, sempre estão imbricados a elementos de ordem social, cultural, discursiva e tecnológica.

Percebemos, assim, uma necessidade de elástico do termo *linguístico* para todos aqueles fatores que envolvem o estudo da linguagem como forma de manifestação e produção de sentidos no mundo por meio de textos nas interações entre pares. Embora saibamos da possibilidade de utilizar o termo “languageiro” para o que está relacionado a manifestações via linguagem, como recurso para se opor ao termo “linguístico” especificamente para a língua, não consideramos coerente abarcar no termo “linguístico” apenas aquilo que diz respeito à “língua”, uma vez que isso geraria contradição com o próprio objeto dessa **ciência linguística**.

Por entendermos que a dêixis, em suas manifestações amplas, une as perspectivas adotadas neste trabalho, como um elo que relaciona teorias interacionais, enunciativas, sociológicas, discursivas e tecnológicas, a “origo” dos aspectos de linguagem manifestados nos textos, estando tanto marcada na língua como gerando inúmeros efeitos de sentido no texto e no discurso, destacamos este fenômeno como primordial no nosso estado da arte, pois a dêixis é um assunto de interesse de várias áreas por expressar a subjetividade e por instaurar um interlocutor nas mais diversas interações. Autores como Bühler (1982[1934]), Benveniste (1988[1976]), Fillmore (1971), Lyons (1977), Levinson (1983) e Cervoni (1989) realizaram amplas pesquisas sobre a dêixis, cada um trazendo importantes contribuições para o estudo do fenômeno na Linguística, ocupando-se, sobretudo, da descrição dos tipos dêiticos.

Em nossa dissertação (Martins, 2019), recorremos não somente a esses estudos clássicos, mas também aos trabalhos de Irene Fonseca (1989), Cavalcante (2000) e Ciulla (2002; 2008), cotejando descrições e discussões das autoras, verificando traços em comum apresentados e ponderando sobre as divergências. Constatamos, à época, que todos os tipos dêiticos têm, cada um com suas particularidades, duas características comuns: a subjetividade e a ostensividade. Comprovamos ainda que só há dêixis quando se considera, obrigatoriamente, a *origo* do locutor para que o sentido se construa em contexto e os referentes sejam acessados. O fenômeno da dêixis exigiria, portanto, a **criação de campos dêiticos** cujo centro é o locutor. Por nos interessarmos por novas manifestações da dêixis, partir da exigência de uma *origo* para a existência da dêixis pode ser um ponto de partida, independentemente dos critérios multissemióticos para a criação dos campos dêiticos nas mais diversas interações. Dentro dos estudos da referenciação, um outro ponto central da caracterização da dêixis como um processo referencial é o fato de a dêixis ser, essencialmente, um **processo referencial híbrido**, isto é, coocorrer com outros processos referenciais, como a introdução referencial e as anáforas, assim, introduzindo ou retomando referentes dentro dos textos.

Assim, constatamos três critérios fundamentais de pensar o **fenômeno dêitico em três dimensões**:

- i) do ponto de vista da *origo*, cujo centro é o locutor, demonstra-se um traço importante da dêixis, que está ligado à sua forma e ao seu próprio **acontecimento**;
- ii) sob o viés do **campo dêitico**, percebe-se a projeção da dêixis a partir da situação de **interlocução** e da **relação entre os participantes** da cena;
- iii) em relação à referenciação, concebe-se a dêixis como um **processo híbrido**, no que diz respeito ao **funcionamento da dêixis no texto** e à possibilidade de coocorrer com outros processos referenciais, visando constituir diversos efeitos de sentido no texto.

A dêixis subjaz, portanto, ao centro deste trabalho, mas alguns outros conceitos são caros à definição que temos buscado delinear e aos empreendimentos científicos que temos proposto em torno do objeto de estudo mais geral que escolhemos: as interações digitais. Por esse motivo, para além da noção de dêixis, este trabalho pretende aprofundar, agora também por um viés digital, os conceitos que já sofreram modificação em Martins (2019), como os de *contexto*, *enunciação* e *situação comunicativa*, bem como as formas utilizadas pelos interlocutores para interagirem digitalmente. Além desses, que já vêm sendo

ampliados pela autora como consequência das reflexões sobre dêixis, duas outras perspectivas provavelmente vêm sendo alargadas tendo em vista, principalmente, a discussão acerca das interações na tecnodiscursividade, considerando o modo como se dão os textos no contexto digital: a noção de campo dêitico e a análise do texto nesse viés.

Para as três noções inicialmente discutidas em trabalhos anteriores, tomaremos por base as contribuições dadas por Martins (2019), a fim de fazermos as discussões e modificações pertinentes aos interesses do percurso teórico deste trabalho, que vai de uma análise de textos que simulam os “pré-digitais” face a face a uma análise de textos nativos digitais, chegando às interações que decorrem da interação humano-máquina.

No que tange à enunciação, lidamos com o que chamamos de **camadas enunciativas** dos textos. Na interação, os interlocutores assumem, ao mesmo tempo, tanto o papel de locutor, se considerarmos o ato de enunciação em termos benvenistianos, quanto os pontos de vista dos enunciadores que atravessam o texto, sob uma perspectiva rabateliana. Essa emergência do texto na interação, porém, precisa também ser analisada de forma ampliada em relação a aspectos apenas verbais, por reconhecermos que os textos se dão a partir da utilização de recursos de linguagem diversos.

Além disso, consideramos o mesmo movimento de ampliação para o conceito de situação comunicativa, no qual Martins (2019) extrapola os apontamentos do entorno espaçotemporal imediato e considera modos de referir que são sempre criados por um viés sociocognitivo e discursivo.

A essa perspectiva de ampliação cara às pesquisas que temos desenvolvido, novos olhares serão considerados, pois os textos foram analisados a partir da **triáde social, discursiva e tecnológica**. Isso significa que, além das marcas estritamente linguísticas, isto é, essencialmente verbais – que não são desconsideradas neste trabalho – e das marcas de ostensão *in praesentia*, isto é, no entorno espaçotemporal estrito, outros fatores que contribuem para a construção de sentidos dos textos foram incorporados em nossa pesquisa. Assim, reiteramos a relevância de abarcar os diversos modos multissemióticos (imagético, gestual, corporal, sonoro etc.) de manifestar a dêixis e de instaurar a interação *eu-tu*, demonstrando o profícuo fenômeno de linguagem que ela é e sua importância dentro dos estudos textuais.

Nossa preocupação em alargar os modos de expressão da dêixis nas interações digitais e analisá-la em suas diversas manifestações de linguagem se deve ao fato de a maioria dos trabalhos da literatura especializada priorizarem a divisão da dêixis em tipologias fundadas nas formas gramaticalmente aceitas como representativas do fenômeno, relegando a

segundo plano discussões pertinentes sobre esse objeto, como os efeitos argumentativos possíveis que ela gera em diferentes contextos de uso, como apresentados por Ciulla (2008) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), e os modos “além-língua” de instauração do campo dêitico, apresentados, por exemplo, por Martins e Almeida (2020).

Quanto aos efeitos argumentativos possíveis que a dêixis pode desempenhar nos textos, baseamo-nos em Amossy (2017) para destacar a importância de se relacionar os usos dêiticos à argumentação, pois, segundo a autora, o locutor expressa seus pontos de vista e busca influenciar o outro nas diferentes situações e, para isso, se vale de recursos da língua, como os dêiticos.

Acreditamos, por exemplo, no que diz respeito aos efeitos argumentativos possíveis para cada tipo dêitico, que determinados usos de dêiticos temporais têm grande força argumentativa, embora atenuado pela geração de humor em frases como “Fiado só amanhã” em estabelecimentos comerciais (cf. Martins, 2019). De certo modo, a utilização do dêitico exime o locutor-enunciador da responsabilidade de atender a possíveis pedidos de clientes, uma vez que ele já prevê esses pedidos, evitando, assim, prováveis constrangimentos entre ele e os interlocutores, pressupondo, assim, efeitos possíveis nas interações já projetadas por ele.

Estudos como o de Silva Neto (2019) reflete acerca das escolhas lexicais que contêm dêiticos, ponderando sobre seu potencial argumentativo. Do mesmo modo, Esteves (2017), ao estudar os encapsulamentos, discute também sobre aqueles formados com demonstrativos, forma dêitica clássica, assinalando o valor axiológico que dêiticos textuais, por exemplo, podem imprimir ao texto, conforme já observara Cavalcante (2000). Além disso, ao mesmo tempo que esse tipo dêitico argumenta, ele também focaliza, guia o interlocutor, exercendo, portanto, importantes estratégias metadiscursivas de engajamento nos textos. Nessa perspectiva, concordamos com Ciulla (2008), Cavalcante (2015) e com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), quando afirmam que a focalização é um processo inerente ao fenômeno dêitico.

Cornillie e De Cock (2015) atribuem à dêixis, especificamente à pessoal e à espacial, a capacidade argumentativa de organizar o texto, demonstrando força coesiva, e a de gerenciar as vozes do discurso. Nesse aspecto, os autores se aproximam de Ciulla (2008) e de Fonseca (2015), que destacam a função da dêixis em marcar as heterogeneidades enunciativas, que podem contribuir para a condução argumentativa dada ao texto.

Abordando uma perspectiva retórica, Thielemann (2006) atribui à dêixis a capacidade de criar cenários e de gerenciar vozes de personagens. Mas, o aspecto

demonstrado pela autora que mais contribui para nossa investigação, no que tange à construção argumentativa do texto, é a ênfase na capacidade da dêixis de demonstrar um envolvimento afetivo entre o locutor e o interlocutor.

Além do trabalho de mestrado que deu origem a essa pesquisa (embora lá o foco tenha sido a reorganização dos tipos dêiticos e seus efeitos), as reflexões iniciais foram instigadas pelo trabalho de Cavalcante (2015) e, posteriormente, por Cavalcante e Martins (2020a). Essas reflexões dizem respeito à existência de uma função dêitica que aconteça com ou sem a presença de marcas linguísticas, os dêiticos. Cavalcante (2015) ressalta a importância de analisar a dêixis em seus usos, a partir da criação de campos dêiticos. Cavalcante e Martins (2020a) argumentam a respeito da necessidade de se analisar a dêixis como um fenômeno determinado pelo caráter subjetivo e ostensivo e sugerem que *não somente as formas consagradamente dêiticas podem se prestar a usos dêiticos*.

Seguindo esse pensamento, elaboramos a hipótese de haver uma função dêitica ou um uso dêitico como um fenômeno que ultrapassa as formas gramaticais dêiticas, sobretudo no contexto digital, em que novos recursos são utilizados para gerar uma interação. Aceitar esse pressuposto exige, todavia, que se proponha uma redefinição do próprio conceito de dêixis e dos modos de expressão dêitica, comumente atrelados apenas às formas dêiticas, como podemos verificar tanto em trabalhos de autores da fundamentação teórica quanto em trabalhos do nosso estado da arte. Uma definição dessa natureza, além de considerar diferentes sistemas semióticos para marcar o *ego-hic-nunc (eu-aqui-agora)* e seus derivados, consideraria também uma abordagem sociocêntrica da dêixis, ressaltando os papéis sociais dos interlocutores envolvidos na interação. Para isso, valemo-nos também de Hanks (2008) e Mondada (2015), que apresentam propostas para uma visão mais expandida do objeto aqui trabalhado. Em suma, o próprio conceito de dêixis a que chegamos é mais amplo e considera o multimodal e o tecnológico para a instauração do fenômeno, além do caráter social e discursivo atrelado a ela, que comporta a língua, mas é também um fenômeno que pode ser manifestado por outros mecanismos de *linguagem*. A essa perspectiva, associamos o fato de que, quando se contemplam campos dêiticos maiores que a situação comunicativa imediata, deve-se reconhecer que diferentes papéis sociais emergem nos textos, podendo ser assumidos por representantes tanto humanos quanto não humanos, se considerarmos os textos nativos digitais, por exemplo, assim como as interações que pressupõem uma simbiose ou interação direta entre humanos e máquinas.

Além desses autores que fundamentam nosso trabalho, baseamo-nos no circuito e no contrato comunicativo de Charaudeau (2008) para demarcar o fato de o locutor se instaurar

não só como aquele que fala, mas também representa identidades sociais nas interações, a partir de dois circuitos que se sobrepõem. Nesse ponto, convocamos também Rabatel (2016) para considerar a articulação entre locutores e enunciadores em cena, e a possibilidade de assumirem a voz ou terem a voz omitida tanto pela situação quanto por restrições tecnológicas, fazendo com que haja um terceiro pressuposto na interação, no acontecimento textual, e não apenas em interações de modalidade polêmica, como apontado por Amossy (2017).

Hipotetizamos que os interlocutores se adéquam às interações e se instauram no centro de coordenadas dêiticas básicas valendo-se de diversos recursos comunicativos, tais como linguagem corporal – gestos, olhares, tom de voz – e outros tipos de saliência discursiva, a fim de gerar efeitos, como chamar ou dirigir a atenção dos interlocutores para os referentes em rede, engajando-os. Para isso, alguns trabalhos que discutem as categorias de posicionamento e engajamento (Hyland, 2005) e sua relação com os processos referenciais também são fundamentais, tais como Faria (2009) e Cavalcante e Faria (2009).

O fator metadiscursivo, segundo Cavalcante e Martins (2020b), fortemente dêitico, embora não se enquadre em nenhum dos objetivos de modo específico, apresenta traços focalizadores, representa uma “função dêitica” e se caracteriza como um aspecto essencial nos textos que serão analisados, tanto naqueles que acontecem fora das plataformas digitais quanto naqueles que acontecem totalmente *on-line*. Uma vez que nossa proposta apresenta um *continuum* de interações que vão desde interações humano-humano que simulam o face a face a interações humano-máquina, não temos como não considerar os modos de engajamento e posicionamento que também se atualizam por ferramentas languageiras no contexto digital, principalmente por sabermos que esses dois termos (posicionamento e engajamento) ganharam ainda mais força, relevância e novos sentidos nesse propósito de posicionar-se e de buscar engajamento em redes sociais.

Quanto aos aspectos multimodais e às interações diretas com o(s) interlocutor(es) na produção de linguagem, demonstramos, dentre outros dados de análise, aqueles que se valem da “quebra de quarta parede” para instaurar interlocutores na cena, comumente apreensível pelo direcionamento do olhar. Dentro desse escopo da visualidade, outros fatores multimodais compõem a interação na tecnodiscursividade e são essenciais para a construção de sentidos, como a cor, de acordo com Paveau (2021), e a sobreposição imagem-som-texto verbal e gestualidade.

Hipotetizamos que o ser humano se vale de tecnologias para se marcar como um *eu*, para instaurar um *tu* e, sobretudo, para compreender a complexidade envolvida nesse jogo

intersubjetivo. É equivocado pensar que a tecnologia faz parte da vida dos humanos apenas em termos de *Web 2.0* e de *webs* posteriores e mais desenvolvidas que essa. A complexidade tecnológica se intensifica na relação de simbiose que há entre humanos e máquinas, pois, conforme mudam os modos de interagir por meio de textos, mudam as tecnologias e, conseqüentemente, mudam os modos de fazer referência e de argumentar. Em suma, **mudam os modos de textualizar, de interagir por meio de textos**, de modo geral. Aqui, relacionamos os critérios da LT, reivindicando que os critérios dessa área de investigação precisam passar por uma “atualização”, bem como os fatores de textualidade, embora esse não seja um objetivo deste trabalho.

As modificações tecnológicas que impactam os modos de interagir e de referenciar, mais especificamente, geram novos modos de instauração da dêixis e de criação de campo dêitico, sendo necessário, portanto, analisar o que chamamos, neste trabalho, de campo dêitico digital, que incorpora novos modos de criação do sistema de coordenadas não previstos no contexto pré-digital. Os modos de interagir, referenciar e argumentar no contexto digital exigem ferramentas para produção e compreensão de textos que fazem com que o aspecto **lógico**, próprio do caráter computacional esteja cada vez mais presente na vida dos indivíduos. Assim, optamos por grafar **tecno-lógico** em nossa proposta para demonstrar de que modo a tecnologia e a lógica próprias das tecnologias da informação se fazem presentes nos textos nativos digitais que analisamos, sobretudo aqueles que acontecem em contexto digital e visam à **relação simbiótica entre humanos e máquinas**, que, muitas vezes, se valem de recursos como algoritmos e outros modos de inteligência de máquinas. A tecnologia, em sentido lato, está presente nas sociedades e se modifica nos textos que compõem as diversas interações, desde aquelas mais primitivas às aquelas mais complexas. A grafia “tecnológico” faz uma qualificação relativa ao termo tecnologia, uma vez que esta se relaciona a algo mais instrumental e basilar que acompanha toda a evolução dos seres humanos como aqueles que (criam e) usam instrumentos, métodos e procedimentos para otimizar as atividades da esfera humana, como podemos ver na definição presente no seguinte dicionário *on-line*⁴:

- 1.conjunto dos instrumentos, métodos e processos específicos de qualquer arte, ofício ou técnica;
- 2.estudo sistemático dos procedimentos e equipamentos técnicos necessários para a transformação das matérias-primas em produto industrial;
- 3.[raramente usado] conjunto de termos técnicos próprios de uma arte ou ciência (INFOPÉDIA, 2024, *on-line*).

⁴ Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/tecnologia>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Pensamos em um *continuum* de interações que envolvem a relação necessária com o outro e que partem do humano como ser individual (colocar-se e compreender-se enquanto *eu*) e social (também tecnológico, é claro) para chegar a um humano que, além desses comportamentos e posicionamentos prévios, se coloca também como sujeito em uma perspectiva digital em termos de tecnodiscursividade e, por consequência, se torna “tecnológico”.

Partindo da concepção de campo dêitico digital, acreditamos também que, do mesmo modo como a criação desse campo acontece de modo bastante peculiar no contexto digital, alguns tipos dêíticos descritos por Martins (2019) podem se manifestar de modo também bastante peculiar em textos na tecnodiscursividade, como é o caso do @ para mencionar (e/ou engajar, envolver) o “tu”, aquele com quem se fala – este é apenas um dos indícios que nos levam a refletir sobre o modo como os tipos dêíticos ocorrem em textos digitais, próprios do contexto digital.

Como hipótese básica, em vista dessas reflexões, supomos que a noção de campo dêitico digital contribui para evidenciar os modos como acontecem as interações digitais, nas quais *a dêixis se revela como um recurso de linguagem fundamental que contribui desde as interações humanas mais básicas às interações simbióticas entre o humano e a máquina*. Isso leva a uma ampliação de conceitos que pode afetar até mesmo a própria perspectiva de análise do texto nos estudos em linguística textual, bem como os demais critérios de análise da área. Nesse direcionamento, afirmamos que a dêixis é um processo referencial híbrido responsável pela criação de campos dêíticos, que se dão a partir da instauração de uma *origo*, uma vez que esse processo referencial se sobrepõe à introdução referencial, às anáforas e aos tipos dêíticos e emerge nos textos por meio de recursos multissemióticos diversos (imagético, gestual, corporal, sonoro, entre outros). A dêixis se caracteriza como um recurso de *linguagem* profícuo nas pesquisas que investigam toda e qualquer interação, desde aquelas mais primitivas, que apelam aos gestos de apontar, formas mais básicas de comunicação humana, à interação humano-máquina, ao ser utilizada, por exemplo, desde as orientações mais simples geradas pelos programadores para a máquina até as interações feitas por inteligências artificiais com indivíduos humanos. Em ambos os casos, acreditamos serem considerados os dois critérios fundamentais da dêixis — a subjetividade e a ostensão — para que a interação ocorra, além de uma análise do texto que contemple todas essas possibilidades de interação, tanto no contexto digital quanto fora dele. Por estar atrelada, por muito tempo, apenas ao caráter formal e à relação deste com o contexto imediato, hipotetizamos um

alargamento que contemple as manifestações desse fenômeno por meio de recursos multissemióticos diversos e por gestos linguageiros em textos digitais.

Ressaltamos, assim, a necessidade de se analisar o fenômeno da dêixis em seus usos e suas formas, em contexto digital ou não, tendo em vista que a produção de textos visa atender a múltiplos efeitos de sentido que convergem para a orientação argumentativa que se busca empreender. Conforme mudam os tipos de interação, aumenta a busca por critérios que consigam analisar, de forma coerente, os textos mais diversificados. Assim como se expandem os modos de interagir, necessariamente se ampliam os critérios que neles estão envolvidos, como os de *contexto*, *situação*, *enunciação*, *dêixis* e *campo dêitico*.

Este trabalho encontra-se dividido em 6 capítulos, que se organizam da seguinte forma, além desta introdução e das referências: no segundo capítulo, discutimos as noções enunciativas e interacionais envolvidas no contexto digital; no terceiro capítulo, apresentamos alguns modos de manifestação da dêixis, chegando ao conceito de campo dêitico digital; no quarto capítulo, delineamos e detalhamos os passos metodológicos por nós adotados; no quinto capítulo, apresentamos uma análise demonstrativa desta tese, subdividindo os textos com base nos resultados a que chegamos e nos tipos de interação digital; e, por fim, na seção de “conclusão”, encapsulamos as constatações a que chegamos nesta pesquisa e indicamos algumas sugestões para trabalhos posteriores.

Visando à organização do trabalho e à visualização do andamento da pesquisa proposta nesta tese, apresentamos, na seção “Apêndice”, como forma adicional de *planejamento e execução* da investigação proposta, o nosso quadro-síntese. O quadro-síntese foi adaptado de Araújo, Pimenta e Costa (2014), os quais sugerem a utilização do Quadro Norteador de Pesquisa (QNP) como ferramenta para elaboração de projetos de pesquisa. Neste trabalho, essa ferramenta foi adaptada pela autora com conhecimentos adquiridos a partir da disciplina “Métodos de Investigação Linguística” do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC (PPGLin/UFC), ministrada pela Profa. Dra. Maria Elias Soares, para incorporar outros aspectos que julgamos indispensáveis à metodologia do trabalho científico. O resultado dessa adaptação é o quadro (não obrigatório) cujo objetivo é otimizar a visualização dos aspectos da pesquisa. Todos os detalhes das informações deste quadro, de cunho metodológico, bem como todas as discussões necessárias são aprofundadas na seção específica para este fim. Além disso, todas as alterações feitas no Quadro Norteador de Pesquisa de Araújo, Pimenta e Costa (2014) são de inteira responsabilidade da autora deste trabalho, que tem utilizado esse formato adaptado para organizar os passos de metodologia e de escrita neste trabalho de doutorado.

2 ENUNCIACÃO E INTERAÇÃO NA PERSPECTIVA DA TECNOTEXTUALIDADE

“[...] pontes não se edificam em curto espaço de tempo, porque há que se maturar questões que se tocam, mas que não se conciliam, por divergência de interesses, ou por impossibilidades explicativas em dada epistemologia.”

(Mônica Magalhães Cavalcante)

Este primeiro capítulo teórico objetiva apresentar nossas discussões acerca da **análise ampliada do texto**, isto é, das possibilidades de ampliação e diversificação das marcas enunciativas, ainda que discordemos do que Marie-Anne Paveau (2021) denomina de “enunciação ampliada”. Neste capítulo, apresentamos, ainda, o referencial teórico que fundamenta a perspectiva da tríade que demonstramos nesta proposta, a saber, a união entre fatores **sociais**, **discursivos** e **tecnológicos** nas interações analisadas. Tomando por base o objetivo geral de propor a definição e a caracterização de campo dêitico digital nas interações da tecnodiscursividade, discutimos os recursos envolvidos na manifestação da dêixis em **tecnotextos – como estamos nomeando os textos que participam das práticas de gêneros digitais nativos**. Desenvolvemos aqui, principalmente, os objetivos específicos 1 e 2 de redimensionar a dêixis nas interações como um fenômeno que precisa evidenciar o ato de enunciação, conforme Benveniste. A esse aporte teórico, relacionamos a noção de pontos de vista dos enunciadores, conforme Rabatel, e demonstramos como se dá o jogo enunciativo nas ocorrências de funções dêiticas presentes em textos digitais. Considerando a distribuição dos papéis dos actantes no circuito comunicativo, respectivamente, apresentamos as discussões teóricas que se ligam a uma perspectiva ampliada para o trabalho com o texto no contexto digital na tecnodiscursividade e explicitamos em que consiste a concepção de campo dêitico digital, que será abordada mais detalhadamente no capítulo seguinte.

2.1 Proposta de um viés teórico-metodológico ampliado para o enunciado-texto

Neste primeiro capítulo de fundamentação teórica, escolhido para ser o primeiro por “anunciar” e “encapsular” a proposta teórico-metodológico-analítica que será discutida nas próximas seções, aprofundamos algumas das discussões já empreendidas por Martins (2019). Desde esse período, temos procurado investigar o conceito de enunciação ampla e demonstrar de que modo uma visão mais alargada desse conceito pode atender melhor e de

modo mais coerente aos pressupostos que fundamentam a linguística textual, à qual nos filiamos⁵. Concebemos a **enunciação** como um dos pontos importantes a tratar, por considerarmos este um dos conceitos mais centrais nas discussões que fazemos neste trabalho. Afinal, a enunciação não apenas tem relação com a interação e a dêixis (e seus desdobramentos em tecnotextos, interações digitais e campo dêitico digital), mas também com o próprio conceito de texto como enunciado, amplamente discutido no grupo Protexito. O conceito de texto que adotamos neste trabalho se aproxima do de Cavalcante *et al.* (2019), inspirada em parte na ideia de “proposição enunciada”, de Adam (2019):

A investigação dos processos que concorrem para a produção e compreensão de um **texto – entendido como enunciado completo**, que se conclui como unidade de comunicação e que é reconhecível por sua unidade de sentido em contexto – demanda um tratamento específico, que não se limita ao componente gramatical ou linguístico dos enunciados efetivamente produzidos (embora, obviamente, o aparato linguístico também seja considerado). Esse tratamento carece de um conjunto de princípios assumidos e de descrição e análise de fenômenos com base nesses mesmos princípios (Cavalcante *et al.*, 2019, p. 27-28, grifos nossos)

É tomando por base a noção de *enunciado* em Brait (2016) que Cavalcante *et al.* (2019) definem texto como enunciado. Mas o que viria a ser esse enunciado? Dentro de qual perspectiva enunciativa estão os estudos de Brait? São eles convergentes com os de Cavalcante *et al.* (2019) ou divergem deles? Podemos fazer convergirem as discussões de outros autores para essa visão ampliada do conceito de enunciação?

Acreditamos que tanto para Brait (2016) quanto para Cavalcante *et al.* (2019), o enunciado é visto como fruto da enunciação e como uma unidade de sentidos dialogicamente construídos. Embora pertençam a perspectivas teóricas distintas, há, como ponto em comum, o fato de analisarem o **acontecimento textual** (e não enunciados como frases) e considerarem, para isso, fatores outros que estão envolvidos, além da mera materialidade. Conforme esse pressuposto, o texto precisa apresentar certa conclusibilidade (início, meio e fim) e não ser, por exemplo, formado apenas por sistema semiótico verbal. Pelo contrário, **é apenas no acontecimento textual que os sentidos do texto se completam** e, para isso, há o apelo a diversos sistemas semióticos, a depender da interação.

Embora o termo “linguístico” já tenha sido problematizado em nossa introdução, é fundamental retomar aqui, a fim de reafirmar que o texto não pode ser visto como um elemento apenas linguístico em sentido estrito. No entanto, é apenas ao considerarmos o termo “linguístico” em sentido lato que podemos caracterizar o texto como tal, pois essa ampliação já contemplaria os sistemas semióticos envolvidos no ato de linguagem, em suas

⁵ Filiamo-nos às visões defendidas pelo Grupo Protexito (CNPq – UFC).

diversas manifestações: oral, escrito, gestual, sonoro, entre outros. Desse modo, o texto se comporta, sim, como **linguístico**, por considerarmos, com Adam (2019), que o texto é um nível de análise linguística, assim como o morfológico, o morfossintático e o sintático, e que a concepção de linguístico deve abarcar os fenômenos de **linguagem** envolvidos nos mais diversos processos de interação. O que justifica a reivindicação do texto como um nível de análise linguística é, em parte, a consideração de uma estrutura mesotextual a que Adam chamou de **sequência**:

A sequência é uma estrutura relacional pré-formatada que se sobrepõe às unidades sintáticas estritas (frases) e às amplas (períodos), é um “esquema de texto” situado entre a estrutura frástica e periódica microtextual das proposições e aquela estrutura, macrotextual, dos planos de texto. As sequências são estruturas pré-formatadas de reagrupamentos tipificados e ordenados de pacotes de proposições. O papel da linguística textual é explorar e teorizar sobre este nível intermediário (mesotextual) de estruturação, sem negligenciar o jogo complexo de restrições intrafrásticas, interfrásticas e transfrásticas, textuais e genéricas (Adam, 2019).

Como vemos, a linguística textual supõe um nível estrutural para a unidade texto, mas não restringe sua análise a um plano composicional. Pelo contrário, para analisarmos o objeto de estudo “texto”, sobretudo dentro de uma perspectiva de análise do enunciado ampliado, precisamos considerar as regularidades textuais, no que diz respeito ao gênero, aos discursos, à interação em que o texto se dá como acontecimento único e irrepetível. Como bem observou Adam (2019), o nível de análise **texto** se insere na consideração maior dos gêneros e do cruzamento de discursos:

Uma vez havendo um texto, ou seja, uma vez reconhecido o fato de que uma sequência verbal ou verbo-icônica forma uma unidade de comunicação, há um efeito de genericidade, isto é, uma inscrição desta sequência de enunciados em uma classe de discurso. Em outras palavras, não há textos sem gênero(s) e é pelo sistema de gênero de uma determinada formação sócio-histórica que a textualidade se une à discursividade.

Essa afirmação é incorporada aos estudos do grupo de pesquisa Prottexto e pode ser confirmada pelo seguinte comentário:

o texto supõe duas condições imprescindíveis: uma materialidade pela qual ele é percebido, em seus traços verbais e não verbais, e uma singularidade, pela qual ele se faz único numa situação de comunicação completa e específica em um dado contexto sócio-histórico e cultural. Essas duas propriedades, que retornam a Bakhtin, são a materialidade e a singularidade, e não são apenas complementadas pelo contexto sociocultural em que o texto acontece. Na verdade, elas são partes integrantes dele” (Cavalcante, 2019).

O texto, portanto, representa situações inferíveis pelo contexto sócio-histórico e discursivo, mas também se materializa no momento em que ocorre, sendo constituído, ainda,

por identidades e papéis sociais, com base em Hanks (2008), que os locutores assumem na situação, mas que já são conhecidos/previstos socialmente, embora sempre atualizados.

A essa perspectiva de acontecimento, podemos considerar os postulados de Beaugrande (1997), que vê o texto como um evento, que acontece sempre a cada vez. Compreendemos ainda, com base em Adam (2019), que todos esses “acontecimentos”, isto é, textos, são situados e correspondem, necessariamente, a um gênero. Para o autor:

- Todo *texto* é o traço linguageiro de uma interação social, a materialização semiótica de uma ação sócio-histórica de fala. A *narração*, a *descrição*, a *argumentação*, a *explicação* e o *diálogo* são formas que esse comportamento discursivo pode tomar.
- Os *gêneros*, organizados em sistemas de gêneros, são padrões sociocomunicativos e sócio-históricos que os grupos sociais compõem para organizar as formas da língua em discurso (Adam, 2019, p. 33).

Ao retomarmos Adam (2019), apontamos para a relação entre texto, gênero e interação, mas consideramos também os aspectos sociais e discursivos fundamentais na produção de texto, bem como o circuito comunicativo envolvido nos contratos. A esses pontos que se relacionam, há, ainda, fatores tecnológicos que serão aprofundados posteriormente, fundamentando-nos, sobretudo, em Paveau (2021).

Retomamos Martins (2019) como ponto de partida para algumas de nossas discussões, em que já apresentávamos uma perspectiva ampla de enunciado, mas sem considerar aspectos tecnológicos. A esse respeito, foi assim que nos posicionamos em trabalhos anteriores:

O enunciado emerge, pois, de uma enunciação em sentido amplo, porque incorpora valores sociais e expressa atravessamentos de discursos. Por isso, concordamos com Brait (2016), quando afirma que “texto é um **‘enunciado concreto’**, situado, pertencente a um contexto, a uma cultura, em diálogo com interlocutores presentes, passados e futuros” (p. 16, grifos nossos). [...]

Fazemos, pois, a noção de texto equivaler a essa concepção de enunciado, por isso Cavalcante *et al.* (2019) defendem que o “texto é um enunciado completo, reconhecível por sua unidade de coerência sociocognitivo-discursiva, e concluso como unidade de comunicação; como evento, o texto acontece na enunciação, por isso é um enunciado único e irrepetível em um contexto sócio-histórico”. [...]

A enunciação tomada então em seu funcionamento amplo, no discurso, comporta o acontecimento inteiro do texto, pelo qual é possível inferir os contextos em suas múltiplas dimensões sociais e históricas, como encontramos em Charaudeau e Maingueneau. Para os autores, a enunciação ampla contém “as relações que se tecem entre o enunciado e os diferentes elementos constitutivos do quadro enunciativo” (Charaudeau; Maingueneau, 2004, p. 194). (Martins, 2019, p. 20-21, grifos nossos).

Na verdade, o que Charaudeau e Maingueneau, no Dicionário de Análise do Discurso, chamam de “enunciação ampla” é a própria enunciação, tal como prevista por Benveniste.

Não podemos tomar a noção de situação enunciativa como limitada a uma situação de comunicação identificável apenas por um conjunto abstraível de coordenadas dêiticas de pessoa, tempo e lugar. Ela abrange o contexto inteiro da aparição do texto, tudo o que motiva a ação dos atores sociais e a responsabilidade que podem assumir, ou não, pelo que enunciam intersubjetivamente. Por isso, essa citação dos autores pode ser aplicada não à enunciação, que não perde suas coordenadas, mas a um olhar para o enunciado, contemplando ora aspectos mais situacionais, estritos, ora mais contextuais, sócio-históricos, amplos.

É sob essa ressalva que afirmamos não ser possível fugir das noções de dêixis, contexto e situação (comunicativa e enunciativa), que são todas tomadas, neste trabalho, por um viés ampliado, já retomando as discussões que começamos em Martins (2019), mas que, aqui, são postas de modo mais aprofundado e consideram também outra acepção de contexto, que contempla todo o ambiente tecnodiscursivo, bem como os aspectos e critérios textuais que se apresentam em uma **tecnotextualidade**.

Optamos por denominar dessa forma, tendo em vista os deslocamentos teórico-metodológicos de análise do texto no contexto digital, uma vez que Paveau (2021 [2017]), ao trazer à tona os estudos do **tecnodiscurso**, se sobressai ao propor metodologias para os **discursos** que emergem no ambiente digital e que podem servir de base, ainda que remodeladas aos critérios da linguística textual, para as análises dos textos nativos digitais, a que chamamos **tecnotextos**, apenas para fim de especificidade de ambiente de produção, recepção, circulação e co-construção de sentidos, sem deixarem, no entanto de serem textos, conforme demonstramos na seguinte figura:

Figura 1 – Diagrama de representação da relação texto e tecnotexto



Fonte: elaborada pela autora.

Os tecnotextos, portanto, também se definem pelos mesmos critérios propostos na definição de texto que assumimos, consoante Cavalcante (2019) e Cavalcante *et al.* (2022), sendo **texto** um evento, único, irrepetível, que pode se manifestar por meio de múltiplas semioses, que pressupõe uma interação entre interlocutores em determinado circuito comunicativo e que se relaciona ao contexto por meio de emergência e incorporação. A peculiaridade dos tecnotextos consiste, sobretudo, no fato de que, para que eles aconteçam, convém considerar as produções que acontecem no ambiente digital, sobretudo por meio de interações *on-line* na internet. Ainda que “tudo seja texto”, apresentamos alguns critérios para particularizar os textos produzidos em ambiente digital em nossa investigação, em detrimento dos textos que acontecem fora do ambiente digital, visto que os **tecnotextos**:

- a) são produzidos dentro do ambiente digital e necessitam, portanto, do funcionamento *on-line* para sua produção e/ou recepção e/ou co-construção de sentidos;
- b) também apresentam ou se relacionam aos traços do tecnodiscurso de Paveau (2021), a saber: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade;
- c) possuem e dependem de recursos e fenômenos próprios do ambiente digital, como a hiperlinkagem;
- d) agregam a si recursos que, embora empregados fora do ambiente digital, só têm totalidade de funcionamento dentro do ambiente em que foram produzidos, como é o caso do @ e da #, que, por gerarem *links* e fazerem remissão aos participantes ou às temáticas a que se relacionam, por exemplo, perdem funcionalidade fora do ambiente digital. Um exemplo amplamente compartilhado foi a #vaidarcerto em estabelecimentos comerciais durante a pandemia por Covid-19. Ainda que houvesse uma alusão ao ambiente digital ou pretendesse gerar um efeito de sentido de acolhimento, engajamento e esperança em meio àquelas circunstâncias, perdia a funcionalidade de linkagem e agrupamento ou redocumentação de textos, quando utilizada em meio físico (até mesmo em “digitais” fora do ambiente de origem, como as capturas de tela), pois esses recursos são próprios dos textos digitais nativos *on-line*;
- e) necessitam da união simbiótica entre ações humanas e ações maquínicas, seja por meio de gestos tecnolinguageiros, seja por meio de rastros algorítmicos.

Um ponto fundamental do funcionamento discursivo do enunciado é a noção charaudiana de **contrato de comunicação**, mas também a noção de **encenação** de Goffman, muito cara aos nossos estudos. Nesta tese, nossa proposta de análise ampla do enunciado/texto pode ser resumida da seguinte forma, com vista a contemplar tanto os aspectos mais estritamente linguísticos quanto os aspectos languageiros mais amplos, que envolvem fatores sociais, culturais, discursivos e tecnológicos:

Figura 2 – Proposta de análise ampla do enunciado/texto



Fonte: elaborada pela autora.

Essa figura demonstra uma imbricação teórico-metodológica e analítica daquilo que pretendemos apresentar neste trabalho. O círculo interno, mais escuro, representa as análises de texto que contemplam elementos mais formais, verbais e/ou cotextuais, ao passo que o círculo externo, mais claro, representa aspectos outros, como os fatores sociais, culturais, (pré-)discursivos, multissemióticos e tecnológicos de várias ordens. A interseção entre os fatores demonstrados nesses conjuntos é considerada nas análises textuais que fazemos, daí a motivação para representá-la de modo esquemático.

Antes de apresentarmos os autores nos quais nos baseamos para agregarmos os fatores sociais, discursivos e tecnológicos, prosseguimos com as discussões sobre a enunciação.

2.2 O conceito de enunciação e a proposta de ampliação teórico-metodológico-analítica

Neste trabalho, não temos o objetivo de redimensionar o conceito de enunciação, mas de ratificar que uma análise textual deve dar conta de aspectos variados da enunciação,

tais como: a adequação à situação e ao propósito comunicativo, ao circuito, aos fins argumentativos, ao gênero, aos posicionamentos discursivos, às vozes dos demais enunciadorees que atravessam o dizer do locutor, dentre outros fatores indispensáveis à produção de sentidos dos textos nas interações.

2.2.1 Benveniste (1988) e as bases da enunciação

Para Benveniste (1988), o conceito de enunciação é centrado na passagem da língua ao discurso, via *aparelho formal da enunciação*, o que revela, assim, o funcionamento da língua e da enunciação sob uma perspectiva mais estritamente linguística, ainda que, nela, já estejam envolvidos aspectos subjetivos na indicação daquele que passa a ser *eu* no discurso. Para o autor, a enunciação passa a acontecer a partir do momento em que alguém se instaura como sujeito ao tomar uma forma da língua disponível para esse fim. É nesse ponto que entram alguns marcadores de subjetividade, dentre eles, os dêiticos. Além de possibilitar que o *eu* assuma a fala, Benveniste (1988) relaciona este momento ao momento de instauração do outro. Esses dois intercambiam os papéis, gerando um diálogo. É dessa troca que vem o **caráter intersubjetivo** da enunciação, para o autor.

Os papéis de *eu* e de *tu* são pressupostos em qualquer enunciado, tendo em vista a comunicação e a construção de sentidos. Demonstramos, nesta tese, que, em todo texto, os dois papéis vão existir (e se intercambiar) em relação ao *eu*, como centro dêitico, que se institui como *origo* e, necessariamente, instaura a segunda pessoa, mesmo que:

- a) o *tu* não seja uma pessoa empírica ou tenha um traço [+ humano], como nos contos de fada ou nas fábulas, cujos interlocutores podem ser animais e objetos presentes na cena, que interagem entre si e/ou com personagens humanos, podendo passar (ou não) por um processo de personificação, ou seja, passar a serem representados por meio de características humanas;
- b) o *tu* seja um objeto criado em um contexto totalmente fictivo, como nos demais textos ficcionais, cujos interlocutores podem ser personagens que não fazem referência alguma ao mundo real, como acontece no caso de histórias que retratam personagens como o Papai Noel, a Fada do Dente ou outras que fazem parte do imaginário de determinada sociedade/cultura;
- c) o *tu* seja o próprio *eu* que fala, em um contexto de alteridade, como na escrita de um diário ou nas conversas consigo mesmo, cujo interlocutor projetado

pode ser o próprio sujeito que escreve ou o próprio sujeito que fala, ainda que “na mente”;

- d) não haja diálogo direto entre essas duas pessoas, no que tange à existência de uma sequência dialogal, como no caso em que um autor publica um texto acadêmico e espera ser lido, mas sem necessariamente esperar receber (ou, de fato, receber) uma resposta;
- e) não haja, em tecnotextos, um diálogo direto e síncrono, como nos comentários, mas que a projeção do interlocutor o leve a reagir e a se engajar por outros gestos tecnolinguageiros e que essas outras modalidades de resposta sejam esperadas e confirmadas pelo produtor do tecnotexto/postagem, como por meio das curtidas, das reações e outras formas de “interatividade” (Muniz-Lima, 2022).

Essas duas pessoas (*eu-tu*) configuram, no quadro enunciativo, as chamadas “pessoas do discurso”, que ocupam, ora uma dessas posições, ora outra delas. Em oposição a elas, Benveniste apresenta a “não pessoa” (o “ele”), isto é, aquilo que não tem fala na enunciação. Pelo contrário, a não pessoa configura tudo aquilo sobre o qual se fala, os referentes. Do mesmo modo que a pessoa com quem se fala é indispensável para os estudos enunciativos, também para os estudos textuais, ela tem um papel fundamental, o de reconstruir o que foi posto referencialmente pelo locutor/enunciador para, assim, negociar os sentidos do texto e visar à influência de outros.

Ao tomar a língua como possibilidade e colocá-la em funcionamento, o locutor interage com o interlocutor e, ao mesmo tempo, cria-se uma espécie de “contexto”, ou centro dêitico (mas também campo dêitico, como pleiteamos neste trabalho), com tempo e lugar ligados a ele, que partem dele como centro de referência do quadro enunciativo. Esse modo de referência se faz de um modo distinto do que é feito para indicar outros objetos de discurso, isto é, os referentes sobre os quais se fala. Equivocadamente, poder-se-ia pensar que os apontamentos dêíticos não constituem objetos de discurso, por se reportarem aos “objetos do mundo”, aqueles que estão presentes na situação comunicativa estrita, sendo que, mesmo em Benveniste, a referência não diz respeito ao mundo empírico, isto é, *eu-tu* não são pessoas “do mundo”.

Essa é uma visão também já superada por Martins (2019), ao considerar que as situações enunciativas são todas simuladas ou encenadas, que mesmo os apontamentos dêíticos em situações *in praesentia* fazem referência a objetos de discurso, criados no acontecimento do texto, e se definem assim: “[...] os referentes [são] escolhas mutáveis de

acordo com o contexto da situação em que os interlocutores estão inseridos” (Martins, 2019, p. 64).

É importante enfatizar que não é a noção de discurso benvenistiana que assumimos neste trabalho. Ao considerar o discurso como a ação de “colocar em funcionamento” o aparelho formal, o autor não demonstra uma visada mais alargada de discurso, que faz relação a posicionamentos, sociais e/ou culturais, ideologias, mas ao uso em si, ao fato de o locutor assumir-se como *eu* em dada situação. Quanto a esses usos discursivos que atualizam a enunciação, concordamos com a noção de a enunciação se constitui por meio de simulacros, em oposição às entidades do “mundo real”, dos quais fala Dantas (2018):

A enunciação pode, então, ser observada como uma instância de mediação entre a língua e o texto. Ela, a enunciação, pressupõe a instauração de um locutor e, conseqüentemente, de um locutário, mesmo que ambos não sejam identificáveis com o enunciador “real”. (...) a categoria de pessoa, por exemplo, (prototipicamente representada em língua portuguesa pelos pronomes pessoais eu/tu) é fácil e erroneamente associada com o falante e o ouvinte empíricos (Dantas, 2018, p. 17).

Se, em parte, a enunciação estrita parece estar vinculada a sujeitos empíricos, outra restrição parece ocorrer pela análise identificacional e classificatória de formas da língua, ainda que em uso. Segundo Benveniste (1988):

Essa referência constante e necessária à instância de discurso constitui o traço que une a eu/tu uma série de “indicadores” que pertencem, pela sua forma e aptidões combinatórias, a classes diferentes – uns pronomes, outros advérbios, outros ainda locuções adverbiais. São, em primeiro lugar, os demonstrativos: *este*, etc. na medida em que se organizam correlativamente com os indicadores de pessoa, como no lat. *hic/iste*. Há aqui um traço novo e distintivo dessa série: é a identificação do objeto por um indicador de ostensão concomitante com a instância de discurso que contém o indicador de pessoa: *esse* será o objeto designado por ostensão simultânea à presente instância do discurso (Benveniste, 1988, p. 279).

Para o autor, a instância de discurso que contém a indicação de pessoa são os pronomes pessoais; os demonstrativos este/esse/aquele e alguns advérbios associam, por ostensão, uma entidade por proximidade/distância ao ponto de origem do *eu* em relação com o *tu*. Conforme argumenta Ciulla (2018), para Benveniste, é a remissão à instância de discurso que contém *eu* que caracteriza a dêixis, mas o interesse do autor, segundo Ciulla (2018), residia mais em caracterizar a enunciação, o aparelho formal da enunciação, não tanto os subjetivismo que podem marcá-la no enunciado. A subjetividade de que trata Benveniste é a propriedade de o locutor de marcar sua posição em relação àquilo que fala, instituir um alocutário e orientar a referência, não indicando o subjetivismo do locutor em termos de ponto

de vista assumido, e de relação entre esses pontos de vista e a cultura e a sociedade em que está inserido.

Também, em nosso estudo, que segue a visão da linguística textual, a dêixis será mais relacionada à enunciação do que a marcas linguísticas presentes na materialidade verbal, mesmo porque a noção de texto que encampamos não se limita à superfície cotextual e, mesmo que a ela se restringisse, contemplaria a multimodalidade.

Temos em conta qualquer modo de textualizar, de argumentar e de agir no mundo nas práticas de **linguagem**. Os subjetivismos podem se manifestar no enunciado sob as mais diversas formas, sobretudo pelos modos de referenciar, como defende Rabatel (2008), cuja perspectiva de enunciação é adotada neste trabalho.

Em tecnotextos, essa enunciação se complexifica ainda mais, pois até mesmo as plataformas digitais e os algoritmos, em ações como recomendar, sugerir, avisar ou rastrear, podem assumir esse papel da contraparte enunciativa.

O posicionamento que assumimos neste trabalho não é o de negar a proposta pioneira de enunciação benvenistiana e outras que se desenvolveram a partir dela. Trata-se muito mais de verificar de que modo a enunciação pode também incorporar modos de manifestação da linguagem às categorias fundamentais de pessoa, espaço e tempo. O pressuposto de Benveniste de que *enunciar* é quando um locutor se institui como sujeito, instaurando um interlocutor permanece em nossa proposta, mas a ela acrescenta a distinção que Ducrot (1987) faz entre locutor e enunciador e respeita as modificações que Rabatel (2016) sugere para a noção de enunciador observada em textos.

Por esse motivo, o que empreendemos, neste trabalho, de forma um tanto audaciosa, é uma proposta de **um viés teórico-analítico ampliado do enunciado-texto**, visto como emergência e incorporação, como afirma Hanks (2008), por inspiração nas ideias de Bourdieu (2019 [1981]), mas também visto no âmbito da tecnodiscursividade. Assim, assumimos a noção de contexto como incorporada a aspectos culturais, sociais e discursivos em uma visão pós-dualista da linguagem. Além disso, acreditamos ser importante contemplar aspectos envolvidos, por exemplo, nas tomadas de decisão e nas tentativas de influência por parte dos interlocutores, além de aspectos tecno-lógicos indispensáveis aos textos nativos digitais e à interação simbiótica humano-máquina, quando tratarmos de tecnotextos.

Embora nossa proposta se desvie de uma análise focada no centro dêitico da interação verbal e de uma perspectiva logocêntrica do enunciado, enfatizamos a relação necessária entre o enunciado e a enunciação, assim como afirmam Cavalcante *et al* (2022): “A enunciação tem, portanto, um efeito decisivo sobre o enunciado. O enunciado, por sua vez,

supõe a enunciação e sofre os efeitos dos modos de enunciar”. Assim, mesmo que observemos o enunciado, ao analisar os textos, é a sua relação com a enunciação que será considerada.

A um enunciado, construído por um locutor, podem equivaler muitas outras vozes de outros enunciadores, no contexto digital ou fora dele. Nessa relação “multivocal”, os pontos de vista dos interlocutores se revelam, explícita ou implicitamente, e podem ser flagrados tanto por recursos enunciativos, como bem demonstrou Rabatel (2016) quanto por meio de recursos (tecno)textuais, para a linguística textual. É sobre esse jogo de pontos de vista latentes ou velados que discutiremos na seção seguinte.

2.2.2 O ponto de vista dos enunciadores

A visão de ponto de vista (doravante PDV) de Rabatel (2016) está atrelada à ideia de que existe um locutor/enunciador principal nos textos que gerencia as vozes de outros enunciadores supostos ali. Ou porque são vozes opostas presumidas, ou porque são vozes que podem ser associadas. Rabatel (2016, p. 30) define PDV como “meios linguísticos pelos quais um sujeito considera um objeto, em todos os sentidos do termo considerar, quer o sujeito seja singular ou coletivo”. Como esclarecem Custódio Filho e Cavalcante (2023, p. 389):

[...] o PDV abrange qualquer objeto textualmente apresentado (objeto de discurso, portanto), para o qual se propõe uma certa configuração decorrente do que um sujeito *considera*. A abrangência de “considerar” é ampla, como afirma o autor, “Indo da percepção à representação mental, tal qual elas se exprimem no e pelo discurso” (RABATEL, 2016, p. 30). Destacamos, dessa citação, a percepção (do sujeito) sobre o objeto, o que aponta para a natureza sempre valorada de um PDV. Há, constitutivamente, uma impressão de valor aos objetos que um sujeito propõe nos textos.

Se, para Rabatel, o “locutor” é o que “fala”, ele tem sempre uma faceta de “enunciador”, que é como ele “considera um objeto”. Todo locutor se coloca como enunciador, mas ele pode também atribuir a outro enunciador o PDV de que está tratando. Assim, para compreender a distinção entre a noção de locutor, como aquele que é responsável por um dizer, e a de enunciador, como a instância de origem de um ponto de vista, é preciso entender que nem sempre um locutor está reproduzindo um ponto de vista que é dele, porque ele pode imputá-lo a outro enunciador:

Todo PDV é assumido, seja diretamente, por um locutor/enunciador primeiro, seja indiretamente, por um locutor enunciador/segundo (intratextual), seja, ainda, por um

enunciador segundo não locutor. O locutor é a instância que profere um enunciado [...]. Se todo locutor é um enunciador, todo enunciador não é, necessariamente, locutor, o que leva a dizer que um locutor pode, em seu discurso, ecoar em vários centros de perspectiva modais [...] (Rabatel, 2016, p. 82).

Vale ressaltar que, para Rabatel, há, geralmente, nos textos, um locutor principal (ao qual ele chama de L1), o qual, por enunciar pontos de vista, assume o papel de enunciador (também principal – E1). Mas, como dissemos, outros enunciadores (outras origens de pontos de vista) podem ser trazidas para o texto por esse L1/E1. É esse jogo de pontos de vista que, de acordo com Rabatel, atesta a argumentatividade de um texto, que sempre existe.

Vale ressaltar que não será realizada, neste trabalho, uma análise metodológica dos PDV dos enunciadores, de maneira detalhada, como o faz Rabatel. Mas, faz-se necessário admitir que a dimensão argumentativa de qualquer texto só é possível porque se consideram os jogos de PDV entre os enunciadores distintos em um texto (Cavalcante *et al.*, 2022). É por isso que Rabatel, com base em sua perspectiva enunciativa dos pontos de vista, é mencionado nesta pesquisa.

Ao postular o conceito de pontos de vista que se articulam nas interações e se fazem presentes em todos os textos, três pontos na proposta de Rabatel (2016) interessam à nossa investigação:

- a) a relação que autor faz entre locutor e enunciadores, retomando Ducrot. Hipotetizamos que, nos tecnotextos, o papel de locutor/enunciador se complexifique pela consideração dos gestos tecnolinguageiros, que envolvem ações ao mesmo tempo humanas e tecnológicas;
- b) Rabatel explora as possibilidades de se apreenderem os PDV por meio da referência e da dêixis. Supomos que essas construções de objetos de discurso se façam também por meio de outros recursos de linguagem na tecnodiscursividade, como por meio de outros elementos multimodais, como o uso das cores, dos emojis, das figurinhas (estáticas ou dinâmicas) entre outros;
- c) A proposta de enunciação de Rabatel precisa atentar para a sobreposição dos papéis de locutor/enunciador não apenas por indivíduos humanos, mas também por não humanos, bem como para a sobreposição ou a troca desses papéis em mais de uma interação simultânea ou consecutiva, em camadas enunciativas.

Em uma interação, dentro ou fora do contexto digital, os interlocutores constroem textos para negociarem sentidos por meio dos referentes postos em cena, ao tomarem tanto as formas da língua quanto outros recursos multissemióticos para demonstrarem seu ponto de

vista e/ou tentarem influenciar o outro. Nesses textos, diversos pontos de vista se fazem presentes, uma vez que, ao produzir o texto, o locutor/enunciador primeiro (aquele que “orquestra as vozes”, organiza o texto) seleciona as informações e os dados que mais contribuem para a orientação argumentativa que quer defender.

Na obra de Rabatel, esses modos de gerenciar os PDV são organizados em termos de explicitude ou implicitude de argumentos, por meio, respectivamente, de uma argumentação direta ou de uma argumentação indireta, pois, segundo o autor, o locutor/enunciador primeiro ou principal é o “sujeito, responsável pela referência do objeto, exprime seu PDV, tanto diretamente, por comentários explícitos, como indiretamente, pela **referênciação**, isto é, pelas escolhas de seleção, de combinação, de atualização do material linguístico” (Rabatel, 2016, p. 30, grifos nossos).

Para demonstrar, brevemente, como ocorre esse gerenciamento de pontos de vista, Custódio Filho e Cavalcante (2023) discutem o seguinte exemplo:

Figura 3 – Exemplo de gerenciamento de pontos de vista analisado em notícia do jornal Nexo⁶



EXTRA

Torcedores do Corinthians agredem jogador em motel

Da Redação 04 de jul de 2023 (atualizado 04/07/2023 às 14h52)

Luan teve quarto invadido em estabelecimento da zona oeste paulistana. Clube aciona polícia e repudia atitude do grupo. Atleta passa por crise no time e não tem sido escalado para jogos

Torcedores entraram no motel Caribe, na zona oeste de São Paulo, na madrugada desta terça-feira (4), e agrediram o meia Luan, do Corinthians, que estava no local com mulheres e amigos. O clube acionou a polícia e repudiou a atitude dos invasores.

O jogador não é escalado para os jogos do time desde fevereiro de 2022. Isso ocorre por pressão da torcida, segundo o técnico Vanderlei Luxemburgo. “Está acabando comigo”, disse o atleta na segunda (3), em [entrevista](#) a um podcast.

Fonte: Custódio Filho e Cavalcante (2023).

Os autores explicam que o locutor principal (L1) é quem fala em nome do jornal *Nexo*, o que se confirma pela autoria indicada como “Da Redação” (abaixo do título):

⁶ Disponível em <https://www.nexojournal.com.br/extra/2023/07/04/Torcedores-do-Corinthians-agredem-jogador-em-motel>. Acesso em: 4 jul. 2023.

L1 traz para o texto três locutores secundários⁷: a diretoria do clube de futebol Corinthians, que “repudiou a atitude dos invasores”; o técnico Vanderlei Luxemburgo, que disse que o jogador não é escalado para jogos do time desde fevereiro de 2022 por pressão da torcida; e o jogador Luan, que afirmou que a não escalação “está acabando comigo”. Vê-se, assim, que os dizeres dos locutores secundários são dados a conhecer dentro do dizer do locutor principal.

Também com base em Rabatel (2016), temos que o enunciador corresponde à fonte de um ponto de vista – como se disse, uma percepção (sempre valorada, ainda que tal valoração seja implícita) sobre um objeto textualizado. Há ponto de vista sempre que for possível reconhecer, para um conteúdo proposicional, para uma expressão, para uma imagem etc., um valor subjetivo, o qual “denuncia” a função de um enunciador.

Voltando ao exemplo 2, temos que L1, ao narrar o acontecido, assume um ponto de vista, por isso esse ente é denominado não de locutor principal, mas de locutor/enunciador principal (L1/E1) (Rabatel, 2016, p. 86). O locutor/enunciador principal, no texto deste exemplo, narra uma situação de agressão a partir da ótica do agredido, o que imprime à cena um valor (contra os agressores). Além disso, L1/E1 imputa aos locutores secundários alguns pontos de vista. Por exemplo, para o jogador Luan (I2), é imputado o ponto de vista (explicitamente valorado) de que a atitude da torcida lhe faz muito mal; temos, então, um locutor/enunciador secundário (I2/e2). (Custódio Filho; Cavalcante, 2023)

É por esse jogo interno de PDV gerenciados pelo locutor/enunciador que podemos afirmar, corroborando as ideias de Amossy (2017) em sua Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), que a argumentação está no discurso e que todo texto tem uma dimensão argumentativa, como afirma Cavalcante (2022).

Tanto Amossy (2017), ao analisar a dimensão argumentativa, quanto Rabatel (2016), ao indicar os modos de argumentar e os PDV implícitos nos textos, teorizam numa perspectiva que focaliza o contexto verbal dos textos, não se debruçando nem sobre textos multissemióticos nem sobre (tecno)textos que circulam na tecnotextualidade/tecnodiscursividade. Isso, no entanto, já tem sido ampliado para a análise de outras semioses, como no trabalho de Almeida (2023), que, adotando uma perspectiva da argumentação multimodal, demonstra de que modo os sentidos podem ser construídos em textos do ambiente digital. Ambas as perspectivas pioneiras, tanto a argumentativa quanto a enunciativa (Amossy, 2017; Rabatel, 2016), veem nos **dêiticos** uma forma relevante de marcar a subjetividade dos enunciadores no que diz respeito à construção argumentativa e ao arranjo enunciativo dos pontos de vista, tanto do locutor quanto das demais vozes convocadas e orquestradas por ele.

Consideramos importante expandir essa discussão teórica de modo a contemplar outros modos de marcar esses pontos de vista para conciliar as perspectivas teóricas

⁷ Observe-se que o estatuto de locutor pressupõe um dizer. No texto apresentado, os torcedores não são um locutor, porque, apesar de terem participação no fato narrado, não têm uma “fala” atribuída a eles. Do mesmo modo, a diretoria do clube Corinthians é locutor porque “repudiou a atitude dos torcedores”, mas não porque “acionou a polícia”.

apresentadas neste trabalho e demonstrar as camadas enunciativas que entram em jogo na construção de sentidos de textos e na negociação de referentes por parte dos interlocutores. Temos chamado de **camadas enunciativas** a possibilidade de interações múltiplas coocorrerem no mesmo acontecimento textual, com especial atenção para o contexto digital. Por exemplo, em uma *live* no Instagram, há, simultaneamente, a interação entre os participantes diretos, a interação entre os participantes e aqueles que os acompanham, via *chat*, e, até mesmo, a interação entre aqueles que assistem, também via *chat*. Isso tudo é considerado no **campo dêitico digital**⁸ maior, criado a partir do ponto de origem do locutor-enunciador principal, que orquestra, no texto, outros campos dêiticos digitais inseridos.

Por essas constatações, nesta tese, examinamos a hipótese secundária de que um texto pode conter mais de um quadro enunciativo, paralelamente, numa mesma plataforma, com diferentes campos dêiticos digitais.

Sobre esse ponto, a noção rabateliana de PDV contribui para os modos de referir, de engajar deiticamente e de ver, pensar e sentir, pois os “arranjos” pensados pelo locutor demonstram os objetos de discurso/referentes sob o viés do locutor que se dirige ao(s) interlocutor(es) rumo à orientação argumentativa do texto, ainda que veladamente. Não se pode dizer com precisão que sentidos o locutor-enunciador intencionalmente dá a um referente, já que os sentidos dos referentes são negociados dentro de um contexto amplo, que influencia diretamente a construção referencial. Os efeitos argumentativos no interlocutor devem ser analisados apenas como possíveis, como diz Charaudeau, sem segurança ou garantia de que isso será alcançado, por maiores que sejam os investimentos do locutor, como sujeito estrategista, na organização e na construção de referentes e argumentos com vista à tentativa de influência do outro.

Todas as construções textuais, referenciais, argumentativas e enunciativas se complexificam quando se atrelam a elas os fatores tecno-lógicos próprios da tecnodiscursividade, item que apresentamos a seguir.

⁸ Não estamos, por exemplo, contemplando outras interações que aconteçam em outros ecossistemas ou por meio de outras ferramentas tecnológicas ao mesmo tempo.

2.2.3 *Paveau (2021) e o fator tecnológico da perspectiva tríade: a virada tecnodiscursiva nos estudos textuais*

A obra de Marie-Anne Paveau traz grandes contribuições para este trabalho e nos instiga a enveredar por um caminho que demonstra-se muito frutífero e desafiador para as pesquisas com o texto: o tecnológico. Desse modo, abrimos caminho para o que temos chamado de **virada tecnodiscursiva nos estudos textuais**.

Paveau (2021), no verbete “enunciador digital”, define o conceito da seguinte forma:

Os enunciadores digitais são figuras de locutores nascidos na internet, e não possuem equivalente fora da rede: não são figuras transportadas nem adaptadas dos universos não digitais para os universos digitais, mesmo se suas produções discursivas ecoem evidentemente discursos sociais já conhecidos e, às vezes, bem antigos. Os enunciadores digitais são nomeados de acordo com seus comportamentos languageiros on-line e seus discursos se organizam a partir das possibilidades sociotécnicas da internet (Paveau, 2021, p. 163).

Ao analisarmos os exemplos de enunciadores digitais que Paveau (2021) demonstra, inferimos que a autora, embora diga que não há relação ao mundo “pré-digital”, parece se referir a determinados papéis sociais que esses enunciadores assumem nas interações digitais e partem de certos comportamentos pré-discursivos. Ela, inclusive, utiliza o termo “estereótipo” para designar os “Grammar Nazi” e os “trolls”, dois exemplos apresentados. Paveau (2021), assim, claramente se distancia de uma perspectiva estrita, pois pouco interessam às análises da autora quanto à tomada do aparelho formal pelos locutores, o fato de se instaurarem enquanto “eu” etc. O que parece importar é, de fato, o exercício da **função** a que esses grupos se propuseram a ocupar em determinado contexto e, para isso, se valem de determinadas ferramentas sociotécnicas, como o gesto tecnolinguageiro de “comentar”.

Sabemos que esses comentários-troll e o modo como os enunciadores se colocam na tecnodiscursividade possuem uma natureza compósita, isto é, que imbricam fatores languageiros e tecnológicos, o que, por si, já demarcaria um modo diferente de agir no mundo digital. Além disso, a dimensão relacional fundamental da tecnodiscursividade corrobora a relação que os textos têm entre si na tecnodiscursividade e a que eles têm com as ações discursivas e interacionais dos sujeitos.

Compreendemos, por outro lado, que a autora assume o posicionamento de que as funções desempenhadas por esses dois grupos são próprias de interações digitais *on-line*, uma

com intenção de corrigir a gramática do outro⁹, outra com intenção de “enganar”¹⁰ (trolar), mas é preciso esclarecer que não é a trolagem que não tem equivalente fora das redes sociais, e sim os traços da tecnodiscursividade, como a composicionalidade, por exemplo. Pelas relações na tecnodiscursividade, definida por Paveau (2021), qualquer tecnogênero que se manifeste nesse ambiente não terá o mesmo padrão genérico fora dele. Equivalentes, sim; iguais, nunca, mesmo porque nenhuma ação linguageira nos contextos digitais nativos pode ser igual à prática de algum gênero fora desse ambiente. O fato de exercer determinadas funções, de assumir determinados papéis nas interações (como os de corrigir a “gramática” de alguém ou enganar alguém e “burlar”/atrapalhar a interação que se cria) é característica fundamental de qualquer locutor-enunciador, ao produzir qualquer texto e negociar os sentidos com o seu interlocutor para interagir em **qualquer** situação, não apenas em contexto digital – embora este tenha recursos próprios, como a autora enfatiza.

Em Hanks (2008) e em Charaudeau (2019), encontramos aparato fundamental para assumir o posicionamento de que os contextos ajudam a formar e são formados por posicionamentos diversos dos locutores, à medida que diferentes papéis sociais são assumidos por eles, na situação, que sempre incorpora campos sociais a cada vez que os textos emergem nas interações. Esses agentes sociais são, ao mesmo tempo, locutores e enunciadore, como afirma Ducrot (1984), mas também se revestem de determinadas identidades ao enunciar em um circuito comunicativo. Essa visão converge para os pontos de vista distintos de diferentes enunciadore, gerenciados pelo locutor-enunciador principal, como mostra Rabatel (2008), cujos pressupostos de enunciação são aqui aceitos.

Paveau (2021) ganha destaque em nossa pesquisa por propor metodologias que podem servir de base para as análises dos textos nativos digitais e por nos instigar a refletir sobre quem pode desempenhar esses papéis e de que modo essa atividade tecnolinguageira pode acontecer.

A autora, no entanto, defende a natureza compósita própria do que acontece na tecnodiscursividade, porém não explica de que modo indivíduos não humanos podem se colocar como *eu* nessas interações digitais, o que pretendemos apresentar neste trabalho.

É muito pertinente, por outro lado, a reflexão que Paveau (2021) tece a respeito do locutor/enunciador no ambiente digital, mesmo sem tocar na delicada questão de que locutor e enunciador são noções distintas que se sobrepõem:

⁹ Os “Grammar Nazi”, segundo a autora.

¹⁰ Os “trolls”, segundo a autora.

são figuras de locutores nascidos na internet, e não possuem equivalente fora da rede: não são figuras transportadas nem adaptadas dos universos não digitais para os universos digitais, mesmo se suas produções discursivas possuem similaridades com os discursos sociais já conhecidos e, às vezes, bem antigos. Os enunciadores digitais são nomeados de acordo com seus comportamentos discursivos nas redes, e seus discursos se organizam a partir das possibilidades sociotécnicas da internet (Paveau, 2021).

Considerando as discussões que foram feitas até aqui, optamos por definir a análise ampla do enunciado como o fenômeno que não descarta a enunciação, nem como ato de um locutor se instituir como sujeito, nem como uma ação que envolve sujeitos de dupla face: como de locutor (que fala) e de enunciador (que expressa ponto de vista). A enunciação engloba todos os aspectos sócio-discursivo-tecnológicos envolvidos no enunciado-texto, resultado do ato de linguagem de enunciar.

Quando discute certos gestos languageiros, como o de “trolar”, no ambiente digital, Paveau (2021) advoga que ações como essa elastecem a concepção de “enunciação”. Embora alguns papéis sejam próprios do contexto digital e surjam nele, como o ato inicial de “trolar”, não compactuamos com o fato de haver uma enunciação ampliada por esse motivo, mas pela possibilidade de os interlocutores assumirem identidades nesses contextos, como pode acontecer antes e fora do contexto digital.

Nossa proposta quanto à enunciação envolve os pontos que foram discutidos neste capítulo, que caracteriza a ampliação da análise do enunciado e apresenta alguns dos fatores da nossa tríade social-discursiva-tecnológica imbricada aos estudos do texto, de modo que reivindicamos a congruência possível entre algumas perspectivas teóricas distintas que se sobrepõem no acontecimento textual, em uma “interdisciplinaridade focalizada”, como afirma Charaudeau (2013).

2.3 O texto no circuito comunicativo

Nesta seção, apresentamos alguns fundamentos para conceber uma interação que contemple fatores contextuais de várias ordens, principalmente para sustentar uma visão de dêixis ampliada, noção que será melhor desenvolvida no capítulo seguinte. Em Martins (2019), para esse alargamento, escolhemos focalizar a proposta de Hanks (2008) em nossa discussão, mas, neste projeto de tese, nos propomos a ir além e discutir também outros conceitos associados a esses papéis sociais dos interlocutores, frisando também as noções de identidades sociais, representações sociais e estereótipos, que são, em parte, pré-concebidos, mas que sempre terão uma instabilidade pressuposta, de acordo com Mondada (1994), e

sempre atualizadas no texto, no ato de linguagem, como descrevem Cavalcante, Brito e Martins (2024).

2.3.1 A proposta de contexto de Hanks (2008)

Optar por associar a perspectiva ampliada de contexto postulada por Hanks (2008) e os modos de organização do discurso de Charaudeau (2019) pode parecer arriscado e, até mesmo, desnecessário, em um primeiro momento. No entanto, é preciso reconhecer que esses autores constroem conceitos caros às discussões e às análises que pretendemos fazer neste trabalho, como é o caso do conceito de **teatralização** de Goffman (2013), em um cenário no qual as interações ocorrem. Nessas interações, sempre encenadas, aqueles que se colocam como *eu* e instauram um *tu* assumem, necessariamente, certas identidades e papéis, colocando à prova os conhecimentos que têm sobre os campos sociais das práticas de linguagem. Essas identidades postas em evidência em dada interação específica podem ser legitimadas ou não, conforme se validem certos comportamentos e posicionamentos associados às identidades sociais que emergem no momento da *mise en scène* dessa interação simulada, teatralizada, encenada, como diz Charaudeau (2019).

Como mostramos em Martins (2019, p. 42), “a noção de situação enunciativa aqui adotada não considera a situação comunicativa real, mas um simulacro dela, contextualizando-a sempre nos aspectos sociais em que se realiza”. Eis o motivo pelo qual não temos como lidar separadamente com os conceitos que aparecem neste trabalho. Eles se encontram relacionados de tal modo que seria impossível analisar o contexto separado da situação comunicativa, o circuito comunicativo separado dos papéis que os participantes assumem nas identidades discursivas que tentam construir, e os pontos de vista dos enunciadores.

Essa noção de interação como teatralização está presente também na proposta de Charaudeau (2019), uma vez que o autor atrela aos interlocutores determinadas identidades discursivas que correspondem aos papéis que eles exercem nas situações dentro do circuito comunicativo, tendo em vista os efeitos possíveis que podem alcançar.

Nesse texto, o autor demonstra uma aplicação da teoria ao propor uma teatralização no contexto da sala de aula, em que os papéis sociais que recuperamos por meio do nosso conhecimento enciclopédico e dos ritos sociais costumeiramente convencionados em nossa cultura e sociedade são: o de alguém que assume o papel de professor e, por outro lado, alguém que assume o papel de aluno. Esses papéis, porém, não dizem respeito apenas a uma

situação comunicativa estrita entre um locutor e um interlocutor, mas se dão dentro de um circuito comunicativo e são necessariamente permeados por conhecimentos prévios dos comportamentos esperados dentro dos contratos estabelecidos em cada campo social, dos posicionamentos dos atores que assumem esses papéis e das relações de poder pré-concebidas para essa interação (Charaudeau, 2012).

Dentro desse circuito comunicativo, os contratos são pré-estabelecidos e pautam, em parte, as interações quanto aos comportamentos e posicionamentos de cada actante em um contexto específico. O texto, no entanto, como vimos na seção anterior, contempla também a individualidade, pois é sempre um evento, um enunciado novo a cada vez. Essa emergência do texto (Hanks, 2008), portanto, colabora para a dinamicidade dos contratos dentro do circuito comunicativo, visto que imprevisibilidades podem acontecer (e há uma forte tendência para que isso ocorra) por vários motivos, seja, por exemplo, porque o sujeito desconhece as normas de determinada situação, seja porque o sujeito, propositalmente, descumpra essas normas e “foge à regra” do que estava previsto. Seja qual for o caso, os interlocutores, ainda assim, tentam se conduzir por determinadas práticas sociais e por tudo aquilo que esteja associado a elas.

Imaginemos a seguinte situação: um aluno x, inserido em determinado contexto social, cultural e discursivo, interage com um determinado professor y, natural de outro país e, portanto, advindo de um outro contexto social, cultural e discursivo. Como o aluno x está habituado a tratar seus professores por “tu”, sem ser considerado desrespeitoso no tempo e no lugar em que está inserido, acaba por se referir ao professor y da mesma maneira, mas este não aceita ser chamado de tal forma, solicitando que o aluno x, assim como os demais alunos, o trate por “você”/“o senhor”, por considerar que eles não têm um nível de intimidade suficiente para se tratarem por “tu” em detrimento da forma “você”¹¹.

Essa situação poderia nos fazer refletir sobre muitos aspectos textuais. Pode-se, por exemplo, atribuir ao aluno o estereótipo de “desrespeitoso”, “mal educado” ou ao professor, o de “indelicado”, “exigente”, por não serem interações comuns ou motivos para situações embaraçosas em relação ao que se espera em um contexto como o que é apresentado no exemplo, o de sala de aula. Interessante pensarmos que mesmo os tipos dêiticos mais “básicos”, como o pessoal e o social, em tu/você/o senhor, já revelam orientações argumentativas, já marcam traços de polidez ou impolidez, já reforçam certos estereótipos que

¹¹ Este exemplo, que poderia representar uma situação puramente hipotética, realmente aconteceu. Por questões éticas, as indicações de pessoa, tempo e lugar foram suprimidas. Pensamos que a supressão dessas informações, no entanto, não afeta a compreensão do exemplo dentro daquilo que se propõe a discutir neste trabalho.

estão preestabelecidos em uma memória pré-discursiva. Em relação a esse exemplo, pensamos que tanto os aspectos envolvidos no “choque de cultura” sejam um fator relevante, como também toda a responsabilidade que recai sobre o papel social que é assumido pelos atores nas interações.

2.3.2 Charaudeau (2019), Amossy (2017) e o aspecto discursivo da perspectiva da tríade

Tomando esse último ponto acerca de papéis mais especificamente relacionados à argumentação como base, continuemos nossa discussão teórica apontando que, embora este trabalho esteja centrado na referenciação, especialmente na dêixis, não se podem separar, por exemplo, nossa discussão e nossas reflexões de mais um pressuposto basilar: o de que todo texto é argumentativo (Cavalcante *et al.*, 2022). Daí por que convocamos também Charaudeau (2019) e Amossy (2017), para refletir sobre os papéis dos quais esses interlocutores se apropriam ao se colocarem em cena nas mais diversas interações, no contexto digital ou fora dele. Desde Martins (2019), já refletimos sobre os usos argumentativos da dêixis, ao demonstrarmos, por exemplo, que “mesmo as formas dêiticas mais básicas podem ter muita força argumentativa, ao acentuarem o simulacro de envolvimento do *eu* e do *tu* em cada contexto particular da enunciação” (Martins, 2019, p. 103).

Neste trabalho, no entanto, como analisamos, de fato, todo o acontecimento do texto, pensamos ser importante refletir sobre os papéis dos interlocutores dentro do circuito charaudiano, seguindo a condução teórico-metodológica dos estudos linguístico-textuais de Cavalcante *et al.* (2022). Nesse paradigma teórico, os autores assumem, fundamentando-se em Amossy (2017), que a argumentatividade motiva todos os usos discursivos. Amossy (2011) vai além da perspectiva retórica, também presente em Charaudeau, de que o dizer de todo locutor é uma tentativa de influenciar o outro. A autora defende uma abordagem ao mesmo tempo retórica e discursiva da argumentação:

O discurso argumentativo não se desenrola no espaço abstrato da lógica pura, mas em uma situação de comunicação em que o locutor apresenta seu ponto de vista na língua natural com todos os seus recursos, que compreendem tanto o uso de conectores ou de dêiticos [...]. É na espessura da língua que se forma e se transmite a argumentação, e é através de seu uso que ela se instala: a argumentação, é preciso não esquecer, não é o emprego de um raciocínio que se basta por si só, mas uma troca atual ou virtual – entre dois ou mais parceiros que pretendem influenciar um ao outro (Amossy, 2011, p. 132-133).

Ao adotarmos esse pressuposto de Amossy (2017), estamos também admitindo, indiretamente, que os aspectos enunciativos também devem considerá-lo. Este é mais um motivo pelo qual estamos propondo um viés teórico-analítico sobre o conceito que temos chamado de **camadas enunciativas**, como apresentamos em tópico anterior. Ao mesmo tempo que toma a fala, o locutor também tenta influenciar o outro enquanto assume determinados papéis e se vale das vozes de outros para fortalecer seu dizer, responsabilizando-se (ou não) por isso. Reivindicamos, ainda, com Cavalcante *et al.* (2022), que o “terceiro” seja contemplado dentro desse circuito. Segundo os autores:

Além dos papéis de locutor (como primeira pessoa, que fala) e de interlocutor (como segunda pessoa, com quem o locutor fala), estamos propondo que se insira nesse circuito comunicativo a possibilidade de um participante indireto, ou “terceiro”. O terceiro não fala, mas, quando aparece na comunicação, ele acompanha a interação, e os participantes diretos têm tanta ciência de sua presença muda que elaboram seu dizer para também atingi-los.

A designação de terceiro surge, primeiramente, em Plantin, mas não pensada em termos de comunicação, como um participante indireto, sem direito a fala. [...]

Mas, se o terceiro é um papel actancial na argumentação, ele precisa ter uma existência no circuito comunicativo – uma existência que só vai aparecer nos cenários em que for possível haver um participante que acompanha o ato de linguagem, mas que não fala.

O terceiro pode ser o que está em silêncio, ou ser o indeciso. Também pode ser aquele que recusa seu assentimento tanto a uma tese quanto a outra e mantém a dúvida aberta a fim de poder se pronunciar “com conhecimento de causa”. Nesse sentido, o terceiro não exclui absolutamente nenhuma visão das coisas.

O terceiro, a nosso ver, mesmo para exercer um papel actancial argumentativo, deve corresponder a uma instância para além do locutor e do interlocutor, no circuito comunicativo. E, dentro do circuito, a esse terceiro, devem corresponder representações sociais com as quais ele pode estar identificado, uma dada imagem, num dado lugar social.

Não se trata, para nós, de uma não pessoa, mas de uma pessoa diferenciada, que só indiretamente participa do contrato comunicativo, como ouvinte-espectador, e como aquele a quem o locutor (a cada vez) tenta influenciar e persuadir, em termos argumentativos (Cavalcante *et al.*, 2022).

Nesse trecho, ratificamos a proposta de contemplar o terceiro no circuito comunicativo e concordamos com ela. Se, por acaso, esse terceiro passa a “ter voz” dentro do quadro enunciativo e no circuito comunicativo em determinado momento, ele já deixa de ser terceiro e passa, portanto, a configurar o quadro de participantes diretos, isto é, passa a ser uma *pessoa* na situação em termos benvenistianos. Em interações digitais, essa relação *eu-tu* e terceiro se complexifica, como veremos nas análises, mais adiante.

A inclusão do terceiro no circuito comunicativo dos tecnotextos nos leva, assim, a novas reflexões sobre o campo dêitico, observando como se dão as enunciações no ambiente digital. É essa complexidade que nos instiga a propor a noção de **campo dêitico digital**, partindo das visões de **dêixis**, de **contexto** e de **campo dêitico** adotadas neste trabalho.

3 DÊIXIS E CONTEXTO: POSTULANDO UM CAMPO DÊITICO DIGITAL

“É justo que muito custe o que muito vale”

(Santa Teresa D'Ávila)

Neste segundo capítulo teórico, objetivamos conceituar a noção de **campo dêitico digital**. Para isso, evocamos as noções caras a essa perspectiva, como **dêixis**, **campo dêitico**, além de considerações mais gerais acerca do fenômeno da **referenciação**, que entram em jogo nas interações analisadas. Essa articulação teórica permite ir além das análises pioneiras de Lorenza Mondada da dinâmica da referenciação em textos multissemióticos, porque atenta para a construção de sentidos em contexto digital. Além do objetivo geral de propor a definição e a caracterização de campo dêitico digital nas interações da tecnodiscursividade, investigando os recursos envolvidos na manifestação da dêixis, em textos digitais, sob uma perspectiva de análise ampliada dos textos, neste capítulo procuramos demonstrar as reflexões que nos direcionam aos objetivos específicos 3 e 4. Tais objetivos tencionam analisar as funções dêiticas em diferentes interações, desde aquelas que simulam o face a face àquelas que utilizam recursos que se propõem a substituir papéis humanos, chegando à concepção de campo dêitico digital. Além disso, pretendem demonstrar o funcionamento da dêixis na tecnodiscursividade, com ênfase nas formas próprias da tecnodiscursividade para engajar o interlocutor e demonstrar os posicionamentos do locutor/enunciador, como é o caso do **@** e da **#**, respectivamente. Para que tal empreendimento fosse efetivado, recorreremos a outros autores que refletiram sobre o objeto de investigação, como Bühler e Bourdieu, pioneiros na proposta de campos sociais e da linguagem, e Hanks, que redefine e caracteriza o campo dêitico.

3.1 Noção de dêixis ampliada, para além das formas dêiticas

A dêixis é o ponto nevrálgico desta seção de fundamentação teórica por considerarmos que ela se relaciona diretamente ao fenômeno geral do capítulo anterior, o enunciativo, e se caracteriza como um **fenômeno de linguagem amplo** que ainda necessita de bastante investigação.

Ela é um **fenômeno eminentemente enunciativo**, pois necessita de todas essas informações contextuais de pessoa, lugar e tempo para que os sentidos sejam negociados na situação comunicativa e, por isso, é sempre atualizada momento a momento, ligando-se ao

quadro enunciativo (*ego-hic-nunc*) pelo próprio locutor, que é instaurado como a *origo* da cena.

Iniciamos este capítulo retomando as discussões acerca da dêixis propostas por Martins (2019), que são aprofundadas neste trabalho.

Estamos tomando os dêiticos, neste trabalho, como a manifestação de processos referenciais que consideram, necessariamente, a *origo* da cena enunciativa em que locutor e interlocutor simulam situar-se, cumprindo papéis sociais em dado tipo de interação, refletindo, desse modo, sobre a possibilidade de conceber uma noção de dêixis, ou de usos dêiticos, maior do que a que as formas dêiticas comportam. Assim, concebemos como formas dêiticas aquelas já consagradas pelas convenções gramaticais. Mas o modo como as formas dêiticas convencionadas na língua e o modo como outras formas se fazem dêiticas no texto variam a cada enunciação e a cada reinterpretação ou recontextualização do enunciado. A *origo*, ou ponto de origem do locutor no enunciado, não existe fora dele e das circunstâncias simuladas e dos contextos envolvidos, o que resulta em uma diversidade de possibilidades implicadas em cada reconstrução/interpretação de um texto (Martins, 2019, p. 22).

Assim, já vimos defendendo uma visão ampliada de dêixis, tomando o objeto de investigação como algo maior do que as formas dêiticas clássicas com as quais costuma estar relacionado e com a situação estrita de comunicação à qual estão relacionadas às coordenadas dêiticas básicas de pessoa, tempo e espaço e à identificação de um locutor empírico em uma dada situação face a face. Pelo contrário, consideramos a dêixis como algo maior que os dêiticos, posicionamento também apresentado em Cavalcante e Martins (2020a):

Um referente não é introduzido no texto apenas por expressões referenciais, nem é retomado somente com outra expressão. Admitir isso é supor, de fato, o objeto de discurso como uma entidade que resulta da dinâmica interacional do texto. Se é para essa constatação que têm se encaminhado as noções de anáfora e dêixis, como fenômenos de referenciação, então será necessário aceitar que o fenômeno da anáfora é mais amplo que o uso de um anafórico, e que **o fenômeno da dêixis é mais amplo que o uso de um dêitico** (Cavalcante; Martins, 2020a, p. 249, grifos nossos).

É para chegar a uma proposta mais concreta para a ampliação da dêixis, de modo a ser coerente com todos os pressupostos da linguística textual brasileira praticada dentro do grupo de pesquisa Protexto, que, necessariamente, articulamos critérios analíticos como referenciação, argumentação, multimodalidade, tecnodiscursividade e outros.

Essa ampliação do conceito nos leva a refletir sobre como, por muito tempo, a dêixis esteve presente em estudos que priorizam a análise da língua. Se pensarmos em como os textos se configuram – já há alguns anos – por sistemas semióticos diversos e se recordarmos o princípio básico de como os textos compõem todas as interações, seria incoerente defender uma visão de dêixis restrita à língua. Essa inquietação vem desde Martins

(2019) e já está presente nas palavras de Cavalcante e Martins (2020a, p. 269) ao afirmarem que:

poderíamos definir procedimento dêítico, em sentido mais extenso e coerente com os pressupostos da Linguística Textual, como o uso de recursos textuais para focalizar a atenção do interlocutor e do participante indireto para um dado referente, assim como para situar esse referente em relação ao ponto de origem do locutor (Cavalcante; Martins, 2020, p. 269).

Dos “recursos textuais” que cumprem uma função dêítica, investigamos alguns que contribuem para a instauração da dêixis, em interface com aspectos sociais, discursivos e tecnológicos/tecno-lógicos que estão imbricados nos textos produzidos pelos interlocutores.

Optamos por continuar esta seção resenhando alguns trabalhos de Ciulla (2018, 2019, 2020) no que tange aos aspectos definitórios do fenômeno da dêixis. Desses trabalhos, enfatizamos dois aspectos fundamentais, representados aqui por dois dos autores mais frequentemente citados nas pesquisas da área: o aspecto referencial e ostensivo de Karl Bühler e o aspecto enunciativo de Émile Benveniste, este já discutido no capítulo anterior, específico para este fim.

Ciulla (2020) propõe dois eixos para o estudo da dêixis. O primeiro eixo, benvenistiano, é considerado pela autora como uma perspectiva de dêixis mais enunciativa, aquela que relaciona o enunciado ao próprio acontecimento enunciativo. Ciulla (2020) ressalta, no entanto, que a preocupação de Benveniste estava centrada nos mecanismos presentes nas línguas que permitem essa relação. Essa visada, portanto, fazia parte de estudos logocentros, ainda que Benveniste (1988) já tivesse se interessado por essa instância maior em relação ao nível da sentença, a da enunciação. O segundo eixo, fundamentalmente Bühleriano, é aquele que, segundo a autora, diz respeito à grande parte dos trabalhos que se interessaram pelas investigações classificatórias da dêixis. Esse segundo eixo, a que Ciulla (2020) nomeia “referencial”, apresenta como ponto central a ostensão, isto é, os apontamentos dos referentes que são realizados por meio de sinalizações/indicações inseridas em um campo dêítico, perceptível e compartilhado entre os interlocutores por meio dos sentidos. Na seção seguinte, discutimos de modo mais aprofundado e definiremos a visão de campo dêítico que defendemos. Desse modo, esses estudos referenciais sobre a dêixis não tentam uma negação ao aspecto logocêntrico, mas uma associação dessas formas da língua (o aspecto simbólico) à identificação dos elementos referidos na situação (o aspecto mostrativo).

Apesar de apresentar duas perspectivas que os estudos de dêixis tomaram e de, aparentemente, sugerir no título do artigo que esses caminhos são alternativas de pontos de

vista a serem adotados, Ciulla (2020) não chega à conclusão de que a dêixis é *ou isto ou aquilo*. Pelo contrário, a autora focaliza a importância de identificar os limites teórico-metodológicos de cada uma dessas abordagens, assumindo, por exemplo, que a contribuição de Benveniste (1988) para o estudo da dêixis é, de fato, “uma visão bastante restritiva”. Já os estudos de Bühler (1934), embora mais antigos, apresentam vantagens para as análises textuais de construção de sentidos, ao abrirem a possibilidade para considerar aspectos que se distanciam dos interesses puramente logocêntricos, como os que visam aos critérios sociais e etnocêntricos. Além disso, sugerem a relevância de se contemplar outros modos de manifestação da dêixis, que não os estritamente linguísticos. Isso porque, ao propor o campo dêítico e associá-lo à percepção para a identificação dos referentes, Bühler (1934) dá margem para a análise dos aspectos contextuais de várias ordens, expandindo, assim, os limites do verbal e atingindo mecanismos não verbais compartilhados. Este é mais um dos motivos pelos quais nos apoiamos em constatações de Bühler, retomando características da dêixis presentes em *Teoria da Linguagem*.

Mais uma vez, reivindicamos não uma desconsideração dos aspectos da língua, mas o deslocamento do olhar para aspectos textuais, uma vez que se faz necessário considerar todo o contexto e a própria definição de texto com a qual trabalhamos. Passa-se, então, a uma consideração da **dêixis como fenômeno de emergência da intersubjetividade e de incorporação de valores e crenças**, a que estão associados fatores sociais e discursivos.

Fundamentais para nossa tomada de decisão por uma investigação que concebesse a dêixis de modo mais amplo foram os trabalhos de Cavalcante (2015) e Mondada (2015).

A primeira das duas autoras problematiza as formas dêíticas em relação aos usos dêíticos. As formas dêíticas, como já estamos vendo, referem-se às formas da língua relativas ao tripé dêítico (pessoa, tempo, espaço) – e a outros desdobramentos a partir da criação de novos tipos dêíticos (Martins, 2019), e estão completamente relacionadas à noção de dêixis sob um viés mais estrito, bem como à de enunciação.

Os usos dêíticos, que são fundamentais para esta pesquisa, dizem respeito à marcação do ponto de origem do locutor e à criação de campos dentro dos quais os enunciadores se posicionam. Veremos que, para que um uso dêítico ocorra, simultaneamente à instauração desses campos, não necessariamente se usam formas dêíticas clássicas. Por isso, temos afirmado que “todas as formas dêíticas cumprem função dêítica, mas nem toda função dêítica corresponde a uma forma gramaticalmente convencionalizada de dêixis, mas, de alguma maneira, apresentam duas características fundamentais da dêixis: a subjetividade e a ostensividade” (Martins, 2019, p. 25).

Esses usos dêiticos, na literatura clássica, podem estar relacionados ao monitoramento de referentes que são apontados ostensivamente, mas sem utilização de uma palavra dêitica. Quer esse uso dêitico aconteça, como os exemplos mais clássicos, por meio de um apelo gestual, quer seja motivado por um recurso tecnológico, no contexto digital, por exemplo, acreditamos que, necessariamente, ele partirá de uma *origo* e, a partir dela, apresentará recursos de ostensão e subjetividade, além de exercer, dentre outras, a função dêitica elementar de conquistar o engajamento do outro, chamando sua atenção. Consideramos como uso dêitico qualquer recurso de linguagem que objetive localizar, guiar o interlocutor, ou marcar o ponto de origem do locutor-enunciador, não apenas em termos espaciais, mas também afetivos e argumentativos. Essas funções dêiticas marcam e enfatizam o caráter metadiscursivo, de engajamento e posicionamento, dos dêiticos e da dêixis, conforme apresentamos em Martins (2019) e em Cavalcante e Martins (2020b).

A segunda autora, Mondada (2015), ressalta a importância de perceber na dêixis um caráter sociocêntrico, em que os campos sociais e dêiticos se imbricam na emergência do texto, incorporando, portanto, valores e papéis determinados para os interlocutores nas interações. É aqui que percebemos que diversos valores são incorporados à emergência do texto e podem se valer de recursos sócio-discursivo-tecnológicos para marcar o posicionamento dos agentes. Nesse ponto, relacionamos Mondada (2015) a Hanks (2008), para quem a prática destaca a incorporação da língua; logo não enfatiza o sujeito individual, como fez Bühler (1934), mas, pelo contrário, a prática privilegia um campo social não restrito ao lugar e nem ao momento da enunciação (Hanks, 2008, p. 209). Esses papéis parecem ser concebidos e conhecidos previamente, mas só “tomam forma”, só se textualizam nas interações por meio de textos, no próprio ato de linguagem, como tem defendido Cavalcante, Brito e Martins (2024). É neste ponto que entram os pressupostos fundamentais da referenciação, como as visões de mundo que os interlocutores compartilham, os conhecimentos indispensáveis que acessam para negociarem sentido, os estereótipos com que lidam, cultural e socialmente, as identidades que assumem ao se posicionarem e toda a memória discursiva que paira sobre os textos que compõem as interações.

Essa pesquisa se propõe, assim, a investigar os usos dêiticos e a criação de campos dêiticos, desde as interações digitais que simulam o face a face até a interação em que uma máquina pode executar o papel de sujeito, como os *chatbots* e as assistentes virtuais. Acreditamos que os dados podem nos fornecer mais do que uma interação “um para um”, mas apresentar as “camadas enunciativas” criadas a partir do momento em que a marcação de subjetividade for evidenciada, sem necessariamente utilizar uma forma da língua para isso,

mas podendo também fazer uso delas. Reafirmamos a tríade sócio-discursivo-tecnológica por acreditarmos que apenas uma dessas concepções, pelos pressupostos que assumimos, jamais abarcaria a complexidade que a *dêixis como fenômeno de linguagem* tem. Além disso, o contexto digital possibilitou novos usos dêiticos, agregando **novos modos de referir, enunciar, argumentar e agir no mundo por meio dos tecnotextos**.

Desse modo, como uma das propostas desta pesquisa, verificamos se a descoberta de novos tipos de marcação da dêixis e de criação de campos dêiticos, incluindo o campo dêitico digital, é comprovada. A dêixis é vista aqui, portanto, como um fenômeno que não descarta as marcas da língua e as coordenadas de pessoa, tempo e espaço, mas que agrega a esse campo *ego-hic-nunc* inúmeros recursos de linguagem referentes ao contexto, à enunciação e à situação sob uma perspectiva ampla, incluindo os papéis sociais que os interlocutores assumem ao interagirem, sempre negociando, por meio de textos.

3.2 Por um campo dêitico digital

Nesta seção, discutimos a noção de **campo dêitico**, tomando por base as concepções de Bühler, Bourdieu e Hanks, refletindo sobre os critérios de que os autores se valem para definir o conceito, comparando-os e fazendo convergirem para a noção de campo dêitico mais adequada para nossa proposta.

Embora esses autores venham de perspectivas teóricas e períodos temporais diferentes, acreditamos ser possível alinhar nossa proposta à visão de campo dêitico defendida por Hanks (2008), que já utiliza as noções de campo dos outros dois autores, Bühler e Bourdieu. A seguir, apresentamos as três propostas.

3.2.1 Bühler (1934) e os dois campos da linguagem

Os estudos de Bühler (1934) são conhecidos, principalmente, pelo pioneirismo da proposta do autor sobre a linguagem. Psicólogo, Bühler investia fortemente na perspectiva do sujeito e nas possibilidades de uso da linguagem para as representações do mundo. Acerca do campo, seus estudos consistiam em uma divisão da linguagem em dois: o campo dêitico e o campo simbólico, cujos exemplos prototípicos são, respectivamente, as palavras dêiticas e as palavras nomeadoras.

As palavras dêiticas, que representam o campo dêitico da linguagem em um aspecto mais **mostrativo**, funcionam como aquelas palavras disponíveis na língua que são

responsáveis por guiar os interlocutores em determinada situação. Essa seria a função primordial desse campo da linguagem, que, segundo o autor, embora utilize essas palavras dêiticas, não se restringe ao uso delas.

Ao se analisar as interações e verificar os aspectos da linguagem utilizados com a função de guiar os pares da situação, o autor de *Teoria da Linguagem* já atentava para todos os aspectos sensoriais e corporais que entram em jogo na situação comunicativa e configuravam parte dos recursos fundamentais para a orientação nos contextos analisados por ele. A *demonstratio ad oculos et ad aures* constituía um exemplo muito claro disso. Com esse pressuposto, Bühler apresentava, assim, modos de ampliar os horizontes da mostraçã, não se restringindo a formas estritamente “linguísticas”. Essa constatação de Bühler nos dá respaldo teórico para que possamos investigar outras manifestações multissemióticas para a instauração da dêixis no texto, considerando a *origo* e o campo que se criam, e os meios de demonstrar ostensão e subjetividade.

Evidentemente, necessitamos marcar nosso distanciamento teórico da perspectiva do autor em relação a alguns pontos da teoria, como o fato de Bühler, por ser psicólogo, partir de uma perspectiva mais individual (o *eu*, o sujeito, como centro) e de demonstração de objetos que fazem referência ao mundo real, em um campo, de fato, mais mostrativo. Nesse sentido, compactuamos com o alargamento dos apontamentos dêiticos, mas consideramos o acontecimento do texto, a evocação dos referentes como objetos de discurso e as encenações que os interlocutores simulam a cada vez. Além disso, levamos em conta todo o caráter social e discursivo que se imbrica nessa produção languageira, em oposição a um recorte situacional mais estreito, cujas coordenadas se arranjavam a partir do *eu* empírico para a criação do campo mostrativo.

Paralelos a esse campo mostrativo e às palavras dêiticas, estão o campo **simbólico** e as palavras nomeadoras. O aspecto simbólico está ligado, principalmente, ao caráter convencional, mas também ao próprio caráter representacional da linguagem, daí por que se liga tão bem ao fenômeno da referenciação e às possibilidades que ela traz de representar negociações dos objetos de discurso.

O caráter representacional, tão caro ao campo simbólico, diz respeito às significações que os signos podem ter, mas, em termos saussurianos, ao valor que determinado signo ocupa no sistema e que só é percebido na diferença com os demais. A representação de dado signo, portanto, se deve ao sistema de oposições entre os símbolos dentro do campo. Nisso consiste o próprio caráter opositivo da linguagem. Comparando esses dois campos, poderíamos inferir que o campo simbólico, por ser mais convencional e estar

relacionado, muitas vezes, ao léxico e às significações denotativas, tem uma precisão maior em relação à negociação dos falantes de determinada língua, ao passo que o campo dêitico, por se estabelecer na situação estrita imediata, será atualizado momento a momento.

Dentro do que equivale ao campo dêitico, Levinson (2000) pontua as seguintes diferenças entre “usos dêiticos”:

Além de usos dêiticos vs. não dêiticos de expressões dêiticas, precisamos distinguir diferentes tipos de uso dêitico. Seguindo Fillmore (1971), vamos primeiro distinguir dois tipos de uso dêitico: o **uso gestual** e o **uso simbólico**. Os termos usados de um modo dêitico gestual só podem ser interpretados com referência a um monitoramento áudio-visual-tátil, e em geral físico, do evento de fala. [...] Poderiam também ser os pronomes pessoais de terceira pessoa empregados com alguma indicação física do referente (e.g. direção do olhar), como em: (24) *He's not the Duke, he is. He's the butler.* Normalmente, há poucas palavras em uma língua que só podem ser usadas gestualmente: por exemplo existem os apresentativos como o francês *voici*. Em contraste, os usos simbólicos dos termos dêiticos requerem, para sua interpretação, apenas o conhecimento (em particular) dos parâmetros espaçotemporais do evento de fala (mas também, na ocasião, os papéis dos participantes e os parâmetros discursivos e sociais). Por isso é suficiente saber a localização geral dos participantes para interpretar [...] Poderíamos formular a distinção assim: os usos gestuais exigem um monitoramento físico momento-a-momento do evento de fala para sua interpretação; enquanto os usos simbólicos fazem referência apenas às coordenadas contextuais utilizáveis antecedentes ao enunciado.

No entanto, se considerarmos o acontecimento textual em interação, diremos que nem mesmo as estruturas denotativas da língua, tampouco os papéis estratificados na sociedade e na cultura são pré-estabelecidos, não existem aprioristicamente. Pelo contrário, os sentidos sempre serão estabelecidos **no texto**, uma vez que necessitam da negociação de referentes por parte dos interlocutores, sempre sofrendo desestabilizações, podendo ser levemente mais estabilizados, como nas estruturas que envolvem o campo simbólico, ou mais fluidos e adaptáveis. A fim de ultrapassar essa visão individualista e totalmente determinada pela situação comunicativa, voltamos nossas reflexões para uma perspectiva mais sociológica e discursiva de campo, como argumentamos no item seguinte.

3.2.2 Bourdieu (2019[1981]) e o campo social da linguagem – o fator social da tríade

A proposta de campo de que falaremos agora independe de, e ao mesmo tempo perpassa, as outras noções de campo com as quais lidamos neste trabalho. Por advir de uma perspectiva sociológica, Bourdieu (2019 [1981]) considera que vários campos sociais se relacionam. Por **campo**, o autor entende o local no qual as interações – e, assim, os textos –

acontecem, requerendo que os indivíduos se associem a certas identidades, com base nas quais desempenhem papéis sociais.

Sob esse viés, percebemos que há uma ruptura em relação à visão de campo do tópico anterior, visto que, enquanto Bühler (1934) ancora sua noção de **campo dêitico** em fatores mais situacionais/mostrativos e estritos, do ponto de vista da manifestação *in loco* da formação desse campo, Bourdieu (2019) nos permite relacionar a noção de *campo* à ampliação do conceito a posicionamentos sociais, culturais e discursivos, por analisar a assunção de papéis relacionados ao funcionamento de instituições sociais que subjazem aos textos.

Considerando essa visão de **campo social** de Bourdieu e trazendo para os estudos em linguística textual, diremos que o agente funcionaria, dentro das interações, não apenas como **locutor**, isto é, aquele que se põe no papel de quem toma a fala, que assume o *eu*, mas também – e principalmente, na verdade – como **enunciador** (Rabatel, 2016), aquele que assume determinados posicionamentos e cumpre funções nessa estrutura social na qual se desenvolvem as atividades humanas e languageiras, além das relações que acontecem entre esses campos sociais da linguagem. Sob esse ponto de vista, não importa apenas observar, assim, o sujeito como locutor, mas considerá-lo dentro do **contexto social** em que ele está inserido, contemplando as posições que ele ocupa e como elas se relacionam com as dos demais indivíduos, analisando papéis e identidades sociais que emergem nos diferentes contextos.

Essas identidades e papéis sociais não são atrelados ao sujeito (empírico, “de carne e osso”) que os desempenha em determinada interação social, uma vez que os campos não são fixos, o que permite que inúmeras representações sejam assumidas pelo mesmo indivíduo em campos sociais múltiplos. Esses papéis, portanto, são sempre atualizados no texto, no *eu-aqui-agora* da situação, do enunciado, que acontece. Esses sujeitos, para interagir, referenciar, argumentar e agir no mundo, se revestem dessas identidades e papéis dentro das práticas textuais (que contemplam perspectivas também interacionais, genéricas, enunciativas, sociais e discursivas). Por outro lado, ao mesmo tempo que *acontecem* (por textos nas interações), as práticas sociais são relativamente *previsíveis*, têm um certo padrão de gênero e se relacionam a funções de atores sociais dominantes e esperados nas situações. Os textos, as interações práticas, os gêneros e tudo o mais que estiver envolvido nesse processo e que acontecer por meio dos textos terá, simultaneamente, este **caráter dual: entre a previsão e a instabilidade do acontecimento, entre a recorrência e a particularidade do texto.**

As identidades descritas no circuito comunicativo por Charaudeau (2019) estão diretamente relacionadas ao contrato de comunicação específico para determinado fim. Embora a proposta de Charaudeau não tenha sido elaborada dentro de uma perspectiva ecológica dos discursos, e não reflita sobre a tecnodiscursividade, a concepção fundamental de contrato e de circuito comunicativo permanece sendo de extrema relevância para nossa tese. Uma das consequências que vemos para elaborar análises de tecnotextos é que **as identidades precisam ser atribuídas não apenas a indivíduos humanos, mas também a indivíduos não humanos.**

Como exemplo da fluidez entre os campos sociais e os papéis que um mesmo ator social pode desempenhar, pensemos nas seguintes situações. Digamos que a autora deste trabalho irá participar de três interações: uma com alunos da graduação, atuando como estagiária de docência; outra com membros do grupo de pesquisa do qual faz parte em um momento de comemoração; outra com seu esposo e seus filhos. Certamente, as **relações de poder** serão diferentes em cada campo, em que a assunção de determinado papel é, em parte, previamente sobredeterminada por ele. Isso, no entanto, gera certa **previsibilidade**, sem assegurar completamente como as interações ocorrerão, pois apenas na interação **acontecendo**, isto é, na construção do **texto**, de fato, as expectativas serão, ou não, **efetivadas**, e os efeitos serão, ou não, alcançados. Tudo vai interferir no modo como a interação vai acontecer, tudo será desestabilizado no texto, mesmo que haja estruturas sociocognitivas e (pré)discursivas de papéis sociais, estereótipos, representações e identidades previamente “estabilizadas”. Nesse direcionamento, pensamos, tomando por base Charaudeau (2019) e a noção de contrato, entrarem em jogo a construção dos sentidos possíveis, isto é, esperados, mas nem sempre devidamente efetivados/alcançados.

Bourdieu (2019) oferece uma abordagem epistemológica e metodológica para o estudo do campo social ao atrelar o conceito [de campo] às noções de *habitus* e capital. Essa tríade de conceitos é cara aos estudos sociais, mas, por dizer respeito às interações humanas, pode ser utilizada como embasamento para outras áreas do conhecimento, como nesta pesquisa.

Desses três conceitos, a noção de *habitus* também tem grande relevância para os estudos textuais. Isso porque diz respeito às noções de emergência e incorporação, propostas por Hanks (2008), cujo campo dêitico será aprofundado no tópico seguinte. O *habitus* não diz respeito apenas a expectativas de cunho pessoal e individual nos comportamentos dos sujeitos, mas a tudo que está ligado a expectativas rotineiras e institucionalizadas (como argumenta também Mondada, 2015) nos campos sociais. Toda ação, mesmo as individuais, se

repetem dentro de determinados contextos sociais, o que acaba por “determinar”, ainda que não completamente, aquilo que deve ser feito. O que será feito, de fato, está relacionado à **emergência**, ao acontecimento do texto, em que os interlocutores se colocam como locutores, mas sem nunca se desvincularem de todos os aspectos sociais do campo em que aquela interação se insere, pela **incorporação**.

Antes de continuarmos nossa discussão sobre o conceito de campo, faz-se relevante distinguir os conceitos de locutor e de enunciador, fundamentais neste trabalho, propostos por Ducrot (1987).

3.2.2.1 *O sujeito locutor-enunciador*

Dentro da proposta que temos delineado, temos sobreposto os papéis de locutor e enunciador. Mas, em que diferem esses dois conceitos? **Locutor**, como vimos, é aquele que toma a palavra, que fala. No entanto, outras vozes perpassam a fala do locutor, denunciando pontos de vista que resultam na “polifonia”, primeiramente pensada por Ducrot (1987), para quem assim se definem os **enunciadores**:

Chamo “enunciadores” esses seres que, supomos, exprimem-se por intermédio da enunciação, sem que, no entanto, sejam-lhes atribuídas palavras precisas. Se “falam”, é apenas nesse sentido que a enunciação é vista como exprimindo seu ponto de vista, sua posição, sua postura, e não, no sentido material do termo, suas falas (Ducrot, 1987, p. 192)

Desse modo, a cada locutor costumam corresponder mais de um enunciador, sendo o primeiro deles o próprio locutor principal – que gerencia os demais, de acordo com Rabatel (2016). Essas marcações de pontos de vista dos enunciadores no texto, porém, não podem ser consideradas apenas com base numa perspectiva ducrotiana, que considera a argumentação na língua e as relações semânticas, mas, sim, em uma perspectiva textual mais ampla, que contemple aspectos sociais, culturais, interacionais e discursivos (mas também tecnológicos/tecnológicos) dentro de cada evento comunicativo.

Posteriormente, autores, como Rabatel (2016), desenvolveram a relação entre locutores e enunciadores e, como discutimos em seção anterior, lançaram mão da distinção feita por Ducrot (1987) para pensar de que modo as múltiplas vozes se relacionam no ato de linguagem. Essa relação é evidenciada também nas interações sociais que se dão no cenário, caracterizado por possuir, simultaneamente, emergência e incorporação, e é sobre isso que falamos no tópico seguinte.

3.2.3 Hanks (2008) e o campo dêítico da linguagem

A noção de campo dêítico para Hanks (2008), antropólogo de formação, envolve os valores simbólicos que determinadas ações trazem para as comunidades de indivíduos. A proposta apresentada pelo autor é a que mais se aproxima da noção de campo dêítico que sugerimos neste trabalho.

Sendo a dêixis uma marca tão própria da linguagem, de modo geral, tão humana – por permitir o próprio exercício da linguagem – pensamos nessa relação e na necessidade de recorrermos, de modo interdisciplinar, à antropologia para melhor explicar o fenômeno. Se só há discurso – portanto, texto – se há um sujeito, convém investigar quais mecanismos ou dispositivos as línguas dispõem em primeiro lugar para autorreferir, conforme já sinalizado em Ciulla (2020), mas também para demarcar o lugar do outro em relação ao “*eu* que diz”.

Hanks (2008) investe em uma concepção que visa unir as propostas de Bühler e Bourdieu, ao apontar tanto para os fatores dos campos mostrativo e simbólico quanto para os papéis sociais que os agentes assumem nas situações dos campos sociais. Para fazer essa articulação, no entanto Hanks (2008) redefine a visão de *situação comunicativa imediata* e propõe substituí-la pela de **cenário**, de maneira a ser coerente com seus pressupostos de **encenação** em todo ato de linguagem, baseando-se, para isso, em Goffman.

Dessa forma, podemos pensar também que, do ponto de vista analítico, Hanks (2008) reconsidera o que seria, para Bühler (1934), o “campo dêítico mostrativo”, porque também ele é um simulacro da comunicação entre sujeitos empíricos, e nunca pode ser observado independentemente dos campos sociais, como teoriza Bourdieu. Hanks (2008) sugere um “meio termo” e, por isso, utiliza a emergência e a incorporação como demonstração da união dessas perspectivas, que considera tanto o acontecimento do texto na interação (emergência) quanto os valores e as crenças que estão imbricados nas formas de expressar sentidos (incorporação).

A noção de **campo dêítico** está diretamente atrelada à de dêixis, porque é ela que justifica o alargamento da visão de dêixis que estamos propondo. Tomamos a dêixis como um fenômeno que permite englobar os recursos de ostensividade e de mostraçã, de intersubjetividade e de instauração da *origo*, mas sempre ancorados no contexto social do qual tais recursos emergem, eivados dos valores e das crenças que estão incorporados neles. Porém, estamos pleiteando também que os cenários que instauram os campos dêíticos sejam pensados na imbricação dos gestos languageiros que caracterizam a tecnodiscursividade e os

sistemas semióticos diversos. Em nosso capítulo analítico, apresentamos alguns meios de instauração da dêixis e do campo dêitico que considera essa ampliação.

O campo dêitico, se analisado por uma perspectiva ampla como propomos, contempla os usos das palavras dêiticas e das mostrações que utilizam apontamentos e gestos e norteia os contextos sociais em que as interações se inserem e as identidades e os papéis sociais que os locutores/enunciadores assumem ao incorporarem determinadas características dos campos sociais. Dessa forma, o campo dêitico de Hanks (2008) tem, por um lado, algo de “mostrativo” e “simbólico” socialmente e, por outro, algo de social e contextual. Por esse motivo, **tudo aquilo que emerge na situação sempre incorpora valores sociais**, e é esse pressuposto que permite articular as propostas dos autores apresentados anteriormente (Bühler e Bourdieu).

Mondada (2015) é uma outra autora que endossa nossa proposta ampliada da dêixis e do contexto, pois ressalta a importância de se perceber na dêixis um **caráter sociocêntrico**, em que os campos sociais e dêiticos se imbricam na emergência do texto, incorporando, portanto, valores e papéis determinados para os interlocutores nas interações, sobretudo as mais prototípicas, no que diz respeito aos aspectos institucionais, profissionais e outros, embora não avance para análises de interações em contexto digital em seus estudos. Diversos valores são incorporados à emergência do texto e se imbricam a recursos sociodiscursivo-tecnológicos para marcar o posicionamento dos agentes. Nesse ponto, relacionamos Mondada (2015) a Hanks (2008), para quem a prática destaca a incorporação da língua – ambos os autores deixam de restringir a análise a um sujeito psicológico, como fez Bühler (1934), e enfatizam um campo social não circunscrito ao lugar e ao momento da enunciação (Hanks, 2008). Nessa concepção, por conceberem o estatuto mais interacional e contextual, os autores reconhecem que os papéis sociais existem como preconcebidos, mas só “tomam forma”, só se atualizam nas interações por meio de textos, razão pela qual coadunamos os autores em nossa proposta. É neste ponto que se alinham os pressupostos fundamentais da referenciação, proposta que tem Mondada (1994) como pioneira. Segundo a autora, a dinâmica da referenciação faz perceber as visões de mundo que os interlocutores compartilham, os conhecimentos indispensáveis que acessam para negociarem sentido, os estereótipos com que lidam, cultural e socialmente, a instabilidade própria das interações na relação entre os objetos de discurso e toda a **memória distribuída** (também com os artefatos) que se reconstitui nas interações (Mussalim, 2018, p. 406):

O termo “pré-discurso”, portanto, não é imotivado; diz respeito a um tipo de anterioridade discursiva, que opera na negociação da partilha, da transmissão e da circulação do sentido nos grupos sociais: “o locutor dispõe de informações prévias, tratadas e estocadas antes de produzir discursos”, o que não impede que “essas informações sejam também construídas e negociadas no discurso, enquanto apresentadas como pré-discursivas” (Paveau, 2013 [2006], p. 20).

O conceito de pré-discurso dota a Análise do Discurso de uma dimensão cognitiva compreendida por Paveau (2013 [2006], p. 9) como “processos de construção de conhecimentos e sua configuração no discurso a partir de dados recebidos pelos sentidos, pela memória e pelas relações sociais”. Suas referências teóricas, nas Ciências Cognitivas, inscrevem-se na linha sociocultural, que concebe a cognição como um fenômeno discursivo, situado em contextos históricos e sociais. Mais especificamente, a autora se filia à corrente da cognição distribuída, que repousa sobre o pressuposto de que “a cognição deixa, por assim dizer, a ‘cabeça’ do indivíduo, para se tornar um fenômeno social e distribuído” (Bischofsberger, 2002, *apud* Paveau, 2013 [2006], p. 9).

Neste trabalho, ao assumirmos as maneiras de ver o contexto digital, os pré-discursos e os pontos de vista relacionados à referenciação, reivindicamos uma ampliação ainda maior do contexto para a análise do enunciado, que contemple tanto os aspectos contextuais, que envolvem fatores culturais e sociais, por exemplo, nas tomadas de decisão e nas tentativas de influência sobre o outro, quanto os aspectos tecno-lógicos indispensáveis aos textos nativos digitais. Para isso, na seção seguinte, pretendemos esboçar uma proposta de campo dêitico digital, que atende a um dos objetivos deste trabalho.

3.2.4 A proposta de um campo dêitico digital

Iniciamos esta seção afirmando, sem receio de imprecisões, que este é o ponto mais desafiante do projeto, pois não há trabalhos anteriores na literatura que se proponham a teorizar e/ou analisar o que chamaremos de **campo dêitico digital**, talvez o ápice da inovação desta pesquisa, alinhado ao conceito de **camadas enunciativas** que se erigem simultaneamente nos textos. Propomos um redimensionamento das noções de dêixis e de campo dêitico exatamente por percebermos que a literatura sobre o assunto não fornece reflexões e análises suficientes para contemplar os usos de língua e de linguagem da “era digital” que temos vivido e que tende a se ampliar e complexificar nos próximos anos.

Hanks (2008) assume o posicionamento de que os contextos ajudam a formar, e são formados por, posicionamentos diversos dos enunciadores, à medida que diferentes papéis sociais são assumidos por eles, e a situação comunicativa encenada é sempre incorporada por campos sociais e linguísticos a cada vez que os textos emergem nas interações. Para compreender o posicionamento do autor, convém retornar ao que ele define como “campo social”. O propósito de Hanks é redimensionar a relação entre aspectos estritamente

linguísticos e contexto, atentando para as práticas sociais, como aspectos inseparáveis da linguagem. É por isso que a noção de dêixis ocupa espaço privilegiado nas reflexões do autor, e também para esta tese:

Minha abordagem da prática dêitica assenta-se fundamentalmente no conceito de campo, o qual por sua vez deriva de três fontes inter-relacionadas. A primeira delas é a percepção linguística padrão de campo semântico, que denota qualquer conjunto estruturado de expressões que conjuntamente subdividem um espaço de significado coerente [...]. O segundo uso de “campo” foi introduzido por Bühler (1990 [1934]), que definiu o contexto de fala em termos de dois campos interconectados: (1) o *Simbolfeld* (o campo simbólico), composto por palavras, outros signos e os conceitos que eles representam; e (2) o *Zeigfeld* (campo demonstrativo), o presente experiencial da produção de enunciados, o qual ele denominou “Aqui-Agora-Eu”. [...] Deste ponto de vista, a função básica da dêixis em qualquer língua é orientar a atenção subjetiva dos interactantes, que, por sua vez, presume-se que estejam em uma “postura natural”, isto é, bem acordados, com uma percepção de seus próprios corpos, integrando informações sensoriais da visão, da audição e do tato. [...] A terceira fonte é a teoria da prática social, em que o conceito de campo é tanto mais abstrato e mais abrangente do que ambos os empregos semânticos ou fenomenológicos. Segundo Bourdieu (1985, 1990, 1991a) um campo é um espaço de posições e de tomadas de posições no qual os agentes (individuais ou coletivos) se engajam e através do qual inúmeras formas de valor ou de “capital” circulam. Os campos neste sentido são definidos pelas relações de poder, de dominação, de conflito e de conluio entre os atores (Hanks, 2008).

Vale notar quanto essa base conceitual converge para o que estamos propondo nesta pesquisa. Assim, para Hanks (2008), a concepção de campo dêitico não pode ser a mesma de campos sociológicos típicos, nem pode ser apreendido pela mera descrição de formas linguísticas. Em vista disso, o autor postula que, na definição de campo dêitico, haja lugar para as relações de poder, por isso o campo dêitico não pode receber o mesmo tratamento em diferentes campos sociais. O contraste entre os campos sociais é um indício de que o campo dêitico é mais do que se encontra na situação imediata. Este também é o posicionamento que assumimos nesta tese. Entretanto, os campos, dentre eles, o dêitico, vinham sendo analisados fora do contexto digital, mas faz-se necessário analisar esses deslocamentos teórico-metodológicos de análise do texto no contexto digital, em uma tecnotextualidade, uma vez que Paveau (2021 [2017]), ao trazer à tona os estudos do tecnodiscurso, se sobressai em nossa pesquisa por propor metodologias que podem servir de base para as análises dos textos nativos digitais, os tecnotextos, e por nos instigar a refletir sobre quem pode desempenhar certas identidades sociais nas diferentes atividades tecnolinguageiras e sobre o modo como esses textos podem acontecer em contexto digital.

Por esse motivo, aqui, reivindicamos que os conceitos precisam ser elásticos para acompanhar teórico, analítico e metodologicamente as interações que são hibridamente

humanas e tecno-lógicas, de modo que **todo o cenário que emerge no (tecno)texto incorpora o contexto**, ou o “pré-discurso”, com tudo o que ele herda do ambiente como um:

[...] conjunto de dados humanos e não humanos dentro dos quais os discursos são elaborados. Esses dados dizem respeito a todas as áreas da existência: são sociais, culturais, históricos, materiais (objetos naturais e artefatos), animais, naturais etc. A noção de ambiente é uma alternativa crítica à de contexto (ou a condições de produção, ou a exteriores do discurso), comum na análise do discurso, que é mais centrada em parâmetros sociais, históricos e políticos (Paveau, 2013 – tradução nossa).

Se o contexto é aqui visto como englobando uma cofuncionalidade entre as ações humanas e as ações tecnológicas, que resultam em gestos languageiros no tecnodiscurso, então as atividades mostrativas e simbólicas que se dão nos campos dêiticos das interações digitais *on-line* precisam contemplar, assim, todo o alargamento das definições de texto, de dêixis e de campo dêitico preconizadas nesta tese. O campo dêitico digital deve se acomodar às peculiaridades de cada ecossistema digital e às idiodigitabilidades dos usuários em cada interação concreta, em cada texto.

O campo dêitico, portanto, observado dentro do contexto digital, criando novos modos de configuração e agregando a esse campo *ego-hic-nunc* inúmeros recursos de linguagem referentes ao contexto, à enunciação e à situação sob uma perspectiva ampla, considerando os papéis sociais que os interlocutores assumem ao interagirem, sempre negociando, por meio de textos. Pensamos, em suma, que o campo dêitico digital pode ser criado a partir de um centro de coordenadas fundamentais, cujo centro é o locutor como *origo* da cena enunciativa, mas que, para isso, pode se valer de recursos digitais e tecno-lógicos que não haviam sido contemplados nas outras investigações acerca do contexto e do campo dêitico.

Por exemplo, em uma *live* no YouTube, o responsável por determinado canal se enquadra como *origo* de um campo dêitico digital, compartilhado com os prováveis seguidores do canal e demais interessados. Ali, cria-se uma relação pessoa-espaco-tempo fundamental para que aquela situação aconteça, um “campo dêitico digital”. Simultaneamente a essa interação, ademais, pode-se criar uma interação específica entre os participantes via *chat* disponível no próprio ecossistema. Dessa forma, percebemos que a primeira interação projetada (canal e seguidores via vídeo) aparece sobreposta a uma outra (seguidores entre si via chat). Aqui, percebemos uma **sobreposição de campos dêiticos digitais**, formando diferentes camadas enunciativas, como estamos denominando aqui. Com essa elucidação, esta tese constata que:

- a) a todo texto correspondem um ou mais campos dêiticos (digitais ou não), pois todo texto fundamenta-se em uma relação *ego-hic-nunc* (a própria dêixis), que demonstra a situacionalidade e enfatiza o fundamento da “indicialidade”, proposta por Garfinkel (2006);
- b) os campos dêiticos (digitais ou não) podem coocorrer, e isso pode se dar por meio de diferentes sistemas semióticos e recursos de linguagem diversos.

No acontecimento textual, em suma, além de um gênero, de uma situação comunicativa, de um contexto específico, das tentativas de influência do outro, em maior ou menor grau, dos múltiplos conhecimentos e aparatos pré-discursivos, acreditamos que ***um campo dêitico – digital ou não – precisa ser considerado, mesmo porque estamos assumindo, com Paveau, que os atos linguageiros são sempre híbridos nas relações humano-ambientais.***

Vejamos agora um recorte dos critérios da linguística textual, enfocando a referenciação e sua relação com a dêixis e o contexto.

3.3 Dêixis e referenciação

Nesta seção, ratificamos nosso posicionamento (Martins, 2019) de que a dêixis é um fenômeno sempre híbrido, do ponto de vista referencial, porque funciona textualmente ou como introdução referencial, ou como anáfora. Iniciemos, porém, dizendo o que são os referentes, ou objetos de discurso, como cunhou Mondada (1994). De acordo com Cavalcante (2024, p. 284):

Pode-se perguntar: por que “objetos”? E por que “de discurso”? “Objetos” não correspondem às próprias entidades do mundo apartadas da linguagem, nem às coisas representadas na mente dos indivíduos. Objetos também não significam “coisas materiais inanimadas”: na verdade, poder abarcar qualquer assunto evocado no texto. Objetos são tudo aquilo de que se trata no texto, tudo o que é nele tematizado e o que se relaciona indiretamente com o que é ali focalizado, mas não já dado como pronto para a interpretação, porque objetos não são assuntos que preexistem ao texto. O que é objeto de um texto, seja para centralizar um tópico, seja para ancorá-lo, é coconstruído, perspectivado nas relações intersubjetivas que se realizam na interação. Por esta razão, os objetos de discurso gozam de uma instabilidade própria de seu modo de evoluir no momento único e irrepitível do texto como evento.

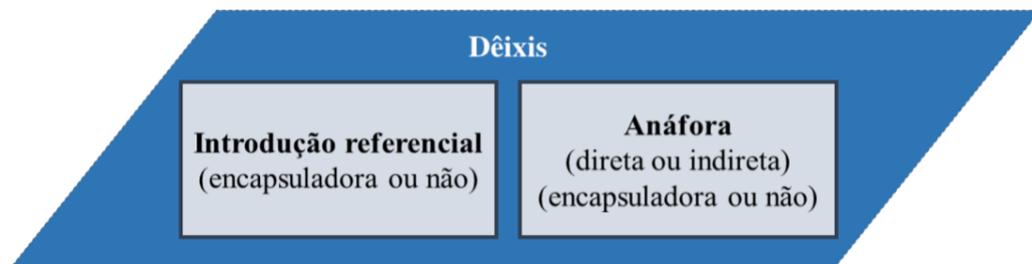
Esses referentes se negociam e se transformam nos textos por meio de diversas pistas, verbais ou não, explícitas ou implícitas, ou seja, que não se restringem ao aparecimento de expressões referenciais, como faziam os estudos mais antigos de linguística textual. Pelo

contrário, diversos aspectos multissemióticos são considerados na negociação desses referentes em rede, como afirmam Cavalcante *et al.* (2022):

Independente do modo como esses referentes surgem e se mantêm e se modificam nos textos, eles são sempre sugeridos por pistas apreensíveis pelos órgãos do sentido — verbais, imagéticas, gestuais, sonoras etc., imbricadas a saberes e valores contextuais de diversas ordens. Podemos, por razões meramente didáticas, afirmar que tais pistas perceptuais compõem o cotexto, desde que se tenha em mente que **cotexto jamais se separa do contexto** — esta é uma dissociação apenas conveniente para nos referirmos a aspectos que se imbricam (Cavalcante *et al.*, 2022).

Os referentes são introduzidos ou retomados anaforicamente, sendo associados a uma função dêitica ostensiva, conforme cumpram os critérios de instauração deste fenômeno. A dêixis, portanto, é um fenômeno referencial que perpassa as introduções referenciais e anáforas, o que nos permite afirmar que sejam “híbridos”, como se demonstra na figura a seguir, retirada de Cavalcante *et al.* (2022):

Figura 4 – Esquema dos processos referenciais



Fonte: Cavalcante *et al.* (2022).

Nessa figura, percebemos que a dêixis, além de introduzir ou focalizar os referentes para o locutor/enunciador, contribui para a recategorização, naturalmente anafórica, como afirmam Cavalcante e Brito (2016).

É nesse sentido que Martins (2019) afirma que a dêixis é sempre um fenômeno híbrido, que ora introduz, ora retoma referentes: “todo uso dêítico é híbrido em relação aos demais processos, porque ou é também uma introdução referencial, ou é uma anáfora. A recíproca, todavia, não é verdadeira, pois nem toda construção introdutória ou anafórica exerce uma função dêítica” (Martins, 2019, p. 65 – 66).

Isso pode ser flagrado, principalmente por meio dos tipos dêíticos, quer sejam marcados linguisticamente, quer sejam indicados por outros recursos de linguagem. As funções dos tipos dêíticos, bem como as dos demais processos referenciais, podem ser apontadas resumidamente pelo quadro presente em Cavalcante e Martins (2020a, p. 244):

Quadro 1 – Quadro resumitivo dos processos referenciais segundo Cavalcante e Martins (2020a)

Os processos referenciais	
<p>Introdução referencial</p> <p>Inauguração de referente.</p>	<p>Anáforas/Recategorização</p> <p>Retomada de referente, sempre evoluindo, recategorizando-se.</p>
<p>vs.</p>	
	<ul style="list-style-type: none"> • Direta (pela correferencialidade); • Indireta (pela não correferencialidade – referente novo recuperado pelo contexto); • Encapsuladora (pela sintetização de um referente difusamente apresentado por proposições).
Dêixis	
<p>Introdução <u>ou</u> retomada de um referente situado em relação à <i>origo</i>, ressaltando-o para o interlocutor.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pessoal (por remeter diretamente às pessoas da situação enunciativa simulada); • Social (por indicar as relações entre os participantes da situação enunciativa, revelando graus de formalidade e informalidade, estratégias de polidez, além de papéis sociais e estereótipos culturais que eles assumem); • Espacial (por apontar para determinados referentes espacialmente situados, tomando o locutor como ponto de origem); • Temporal (por indicar aspectos temporais pressupondo o “agora” do locutor para situar o tempo da enunciação); • Textual (por orientar cotextualmente, pressupondo a instauração de um ponto de origem na superfície textual e a relação deste com o entorno espaçotemporal); • Memorial (por fornecer base para a construção de um referente a partir de uma indicação a um tempo ou um espaço que costuma ser ativado na memória compartilhada entre os interlocutores); • Fictiva (por orientar espacialmente, a partir da transposição do ponto de origem, seja em uma situação física, seja fictiva); • Modal (por englobar modos indicados por comportamentos de qualquer ordem, tais como movimentos corporais ou outras sensações que apelem para os sentidos). 	

Fonte: Cavalcante e Martins (2020a).

Como afirmam Cavalcante e Martins (2020a),

A dêixis é o processo referencial que pressupõe a marcação do ponto de origem do locutor (instauração de uma *origo*), a partir da criação de um campo dêitico, ora introduzindo referentes, ora retomando-os. Chamar a atenção do interlocutor é uma função peculiar à dêixis, como ressaltam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014): “todo dêitico já cumpre, por definição, sua função metadiscursiva de tentar engajar o interlocutor”.

As autoras sugerem que, em termos de uso nos textos, seja possível operar com uma separação entre duas funções relativas aos processos de referenciação: um procedimento dêitico e um procedimento anafórico:

Poderíamos definir *procedimento dêitico*, em sentido mais extenso e coerente com os pressupostos da Linguística Textual, como o uso de recursos textuais para focalizar a atenção do interlocutor e do participante indireto para um dado referente, assim como para situar esse referente em relação ao ponto de origem do locutor. Em contraponto, o procedimento anafórico poderia ser mais do que o mero uso de “um instrumento linguístico para que o ouvinte continue a manter um foco previamente estabelecido sobre um item específico para o qual ele orientou sua atenção antes” (EHLICH, 1982, p. 330). O procedimento anafórico compreenderia o uso de qualquer recurso textual que instruisse os participantes a manter no texto um referente, confirmando-lhe alguns traços e acrescentando outros, ou desconfirmado alguns tantos (Cavalcante; Martins, 2020).

Essa diferenciação é bastante apropriada para os interesses desta pesquisa e suficiente para a caracterização da **dêixis**, que é, ao mesmo tempo, um **fenômeno enunciativo amplo** de fundar o ponto de origem do locutor-enunciador em cada camada enunciativa, e um **fenômeno referencial** que realiza um procedimento dêitico.

Nesta tese, temos pensado em uma proposta teórico-metodológico-analítica que contemple a dêixis em relação aos **pressupostos teóricos** das camadas que subjazem a todos os textos. Com esse termo, queremos dizer que todo texto compreende:

- a) em termos benvenistianos, um locutor que toma as formas disponíveis na língua e constrói seu enunciado utilizando o aparelho formal da enunciação ao dizer *eu*, instaurar um *tu* e situar-se como centro de referência dêitica do qual partem as coordenadas de lugar (aqui) e tempo (agora) (*ego-hic-nunc*);
- b) em termos rabatelianos, um locutor-enunciador que arranja o seu dizer, convocando outras vozes e apresentando os pontos de vista, seus e de outros, direta ou indiretamente;
- c) em termos charaudianos, um sujeito que se situa dentro de determinado circuito comunicativo e se coloca sempre em relação ao outro, com identidades pré-estabelecidas, mas nunca estabilizadas, dentro dos contratos, que só se efetivam no acontecimento textual;
- d) em termos argumentativos, com Amossy, um locutor que interage com um interlocutor e visa demonstrar suas crenças e posicionamentos e influenciá-lo, e a um terceiro, a aderir a um ponto de vista;

e) em termos tecnológicos, com Paveau, um locutor-enunciador-usuário, que não apenas conhece, mas também utiliza as possibilidades da plataforma para interagir, argumentar e, principalmente, engajar o outro.

Como pode ser demonstrado no esquema a seguir de forma resumida, essas orientações teóricas se encontram em interface na medida de nossos interesses investigativos e existem como “camadas de uma cebola”, alguns mais salientes e outros mais implícitos, mas todos interligados e simultâneos.

Figura 5 – Pressupostos teóricos para as camadas enunciativas nos textos



Fonte: elaborada pela autora.

Concebemos a congruência entre essas perspectivas teóricas distintas, que se sobrepõem no acontecimento textual, configurando uma “interdisciplinaridade focalizada”, de acordo com Charaudeau (2013). Com isso, corroboramos o posicionamento intersdisciplinar praticado pela LT dentro de grupos de pesquisa como o Protexoto.

Associados a esses autores, pesquisadores de outras áreas também são fundamentais para o diálogo que fazemos acerca dos estudos textuais tanto em textos fora do ambiente digital quanto em tecnotextos, tais como Goffman (2013), Garfinkel (2006) e Hanks (2008).

Dessa forma, o conceito de “camadas enunciativas” como **sobreposição de enunciação** em um mesmo texto supõe concepções textuais, discursivas, enunciativas, interacionais e tecnodiscursivas. Acreditamos que Hanks (2008), Dantas (2018), Goffman (2013), Charaudeau (2019) e Rabatel (2016) são autores fundamentais para respaldar nossa afirmação de que a dêixis, além de ser um fenômeno que situa o ponto de referência de uma

enunciação, precisa também ser pensada como a “manifestação de processos referenciais que consideram, necessariamente, a *origo* da cena enunciativa em que **locutor e interlocutor simulam situar-se, cumprindo papéis sociais em dado tipo de interação.**” (Martins, 2019, p. 59, grifos nossos). Mesmo partindo de quadros teóricos diferentes, esses autores, em suma, refletem sobre o modo como os interlocutores, nessas interações, colocam-se em cena assumindo papéis e identidades sociais de acordo com a função que cumprem dentro daquela situação de comunicação específica, assumindo, ou não, a responsabilização enunciativa que lhes cabe.

Traçado esse percurso teórico em direção aos objetivos que estabelecemos, é chegado o momento de explicitarmos os passos metodológicos que traçamos para testarmos nossas hipóteses e, possivelmente, alcançarmos nossos resultados e comprovarmos nossas constatações.

4 DOS PASSOS METODOLÓGICOS DESTA PESQUISA

“O trabalho acadêmico precisa ser relevante, oportuno e necessário.” (Maria Elias Soares)

A seção de metodologia em um trabalho visa demonstrar as etapas necessárias para que a pesquisa possa ser *planejada e executada*. Nossa pesquisa encontra-se dividida em algumas etapas fundamentais para a testagem das hipóteses, visando à comprovação ou à refutação delas. Inicialmente, um levantamento bibliográfico foi realizado e algumas das discussões presentes aqui foram levadas a debates junto a nosso grupo de pesquisa, o Protexito, e a encontros com a orientadora da pesquisa, que sugeriu, até a defesa desta tese e depois dela, ajustes ao longo do processo de investigação e escrita, até que a versão com ajustes finais fosse verificada para o envio à biblioteca da universidade.

Esta pesquisa se enquadra dentro do escopo da linguística textual, atentando para os critérios de análise da área de investigação e objetivando corroborar a ampliação de alguns conceitos já discutidos em Martins (2019), como os de **dêixis**, **enunciação**, **contexto** e **situação comunicativa**, considerando, agora, seus aspectos multissemióticos, o contexto amplo a eles incorporado e a tríade social-discursivo-tecnológica que perpassa a construção de qualquer texto, dentro ou fora do ambiente digital, e os sentidos que dele emergem, fazendo com que cheguemos ao conceito de **campo dêítico digital**, próprio da **tecnotextualidade**.

Esta pesquisa se propõe, ainda, a demonstrar, nos passos de Cavalcante (2024), como o critério de análise da **referenciação** pode se constituir como uma das mais produtivas nos estudos em linguística textual, por ser fundamental para a constituição de outros critérios analíticos do texto.

Em seguida, elencamos conceitos caros à investigação aqui proposta e seguimos para a relação possível entre a fundamentação teórica clássica e o estado da arte mais atualizado, selecionando e apresentando os trabalhos de maior relevância para a argumentação empreendida.

Em relação à coleta e à análise dos dados, visando ao *continuum* de interações, desde aquelas que simulam o face a face aos tecnotextos e às interações tecnodiscursivas que demonstram a simbiose humano-máquina, nas quais pretendemos identificar as camadas enunciativas de um texto e os usos dêíticos como fenômeno de referenciação, e compusemos um *corpus* de 30 textos de diferentes gêneros que simulam diferentes modos de interação no

contexto digital. Esses textos são agrupados na análise tendo em vista os resultados que alcançamos nesta investigação.

Para que não houvesse necessidade de aprovação no Comitê de Ética da universidade, o que despenderia ainda mais tempo para a execução da pesquisa, selecionamos trechos de postagens ou interações gravadas e disponibilizadas em perfis públicos de plataformas digitais de fácil acesso, tais como *Youtube*, *Instagram*, *X* e *Facebook*, além de reuniões do grupo de pesquisa Prottexto gravadas via *Google Meet* e disponibilizadas a todos os membros do grupo, e *lives* públicas com convidados, organizadas pela autora deste trabalho.

Por fim, esse *corpus* encontra-se analisado de acordo com os critérios específicos para esse fim e organizado de acordo com os resultados alcançados. Embora vise ao trabalho final – a tese –, tivemos resultados alcançados publicados em outros meios, tanto no formato de artigos em periódicos, quanto no formato de capítulos de livros. Durante o período de quatro anos da pesquisa até a defesa, isso foi feito em coautoria com a orientadora deste trabalho e demais membros do grupo de pesquisa, como o exemplo de Cavalcante, Brito e Martins (2024), Cavalcante, Martins e Muniz-Lima (no prelo) e Martins (2024).

Metodologicamente, verificamos como a dêixis se instaura e como ela se modifica, sobrepondo a visão de locutor à de enunciador, aquele que se posiciona, que assume determinados valores e papéis sociais, nos mais diversos contextos.

Dividimos nossas análises demonstrativas de acordo com os resultados que encontramos e com modos de interação que vão desde a relação humano-humano à relação humano-máquina, de modo a abarcar possibilidades de interações diferentes, que extrapolem análises que verificam o funcionamento da enunciação, das interações. Assim, selecionamos **tecnotextos**, isto é, textos nativos do contexto digital, os quais tentamos caracterizar tendo em conta critérios próprios de uma tecnodicursividade. Embora não contemplados em nossa análise, consideramos como multimodais desde os textos face a face, por apresentarem recursos semióticos vários, além do verbal, como gestos, expressões faciais e corporais, tom de voz e direcionamento de olhar, como o fazem as análises de cunho interacionista de Mondada (2015), aos tecnotextos que se valem da natureza compósita, como preconiza Paveau (2021). A seguir, apresentamos os passos metodológicos desta tese.

4.1 Tipo de pesquisa

Quanto aos objetivos, nossa pesquisa se caracteriza como explicativa, com base em Gil (1999), pois temos a “preocupação central de identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (Gil, 1999, p. 46).

Ademais, uma vez que demonstramos as interações e a dêixis em gêneros diversificados, principalmente em tecnotextos, e propusemos novos conceitos que foram delineados, redimensionando-os e ampliando-os dentro dos estudos em linguística textual, realizamos esse tipo de pesquisa. Isso tem se dado por meio da observação e análise do funcionamento das interações em diversos contextos, como podemos ver em outros passos metodológicos.

4.2 Delimitação do universo e amostra

Quanto à delimitação do universo para nossa análise, nosso *corpus* se constitui por interações multissemióticas (verbal, oral, imagética, sonora, gestual etc.), que simulam o face a face, e por outras interações tecnodiscursivas que revelam a simbiose humano-máquina. O *corpus* é composto por cerca de 30 textos de gêneros diversos com interações – estáticas ou dinâmicas – em contexto digital, que aparecerão no trabalho por meio de links, QR-Codes e/ou prints de tela.

4.3 Técnicas

No que diz respeito aos procedimentos técnicos, realizamos uma pesquisa bibliográfica, de acordo com a caracterização de Gil (1999). Essa pesquisa vem sendo feita desde o primeiro semestre do doutorado e continuou, inclusive, durante o período pandêmico, pelas pesquisas nas bases de trabalhos científicos pela internet.

Coletamos teses, dissertações e artigos que tratam dos assuntos que permeiam nossa problemática, por meio de palavras-chave como “interações digitais”, “dêixis”, “interação humano-máquina”, “enunciação”, “IHC” (“interação humano-computador”), dentre outras. No entanto, este trabalho de pesquisa e leitura nos acompanhou até o momento da escrita da versão final da nossa tese de doutorado, visto que a seleção dos trabalhos e a realização de uma pesquisa bibliográfica exige um trabalho que chega a ser quase hercúleo, pois envolve muitos processos que vão desde o “saber o que, como e onde pesquisar” ao

próprio processo criativo de escrita e às atualizações dos trabalhos ao longo de toda a trajetória no doutorado. Quando buscamos, por exemplo, ocorrências acerca do termo “tecnotextualidade(s)” e outros termos afins, como “tecnotexto/tecnotexte/tecnotext”, conforme esperávamos, o resultado foi quase inexistente (o que aconteceu em alguns estágios da nossa investigação), como mostramos nas imagens mais atualizadas de busca a seguir, feita no Portal de Periódicos da Capes em fevereiro de 2024 (Figura 6).

A busca pelos termos tecnotexto (pt-br) ou tecnotexte (fr) ou tecnotext (ing) gerou um resultado de 5 trabalhos, dos quais apenas um foi relevante para nossa pesquisa, pois os demais tratavam de temáticas mais voltadas para a área da literatura digital.

O mesmo escopo temático está relacionado ao **único trabalho** que, de acordo com o Portal de Periódicos da Capes, possui o termo “tecnotextualidade(s)”. A busca retornou 3 resultados, mas os outros dois também dizem respeito ao mesmo trabalho, pois são uma outra versão, de uma outra página do mesmo trabalho e uma resenha dele, como podemos ver nas imagens a seguir (Figura 7 e 8).

Figura 6 – Busca no Portal de Periódicos da Capes

The screenshot shows the search results page on the Capes Periodicals Portal. The search term is 'tecnotexto'. The results are displayed in a list format with filters on the left side. The filters include: Personalizar meus resultados, Ordenar por Relevância, Disponibilidade (Recurso On-line (5), Periódicos revisados por pares (4), Acesso Aberto), Tipo de recurso (Artigos (5)), Assunto (Romano, Gustavo (2), Poetry (2), Special Section: Review Essays (1), Ip Poetry Project (1), Literatura Digital (1)), Data de Criação (2001, 2022, Refinar), Coleção (Project MUSE (2), DOAJ Directory of Open Access Journals (2), Latindex (1), Revistas Catalanes amb Accés Obert (RACO) (1)), Idioma (Espanhol (3), Inglês (2)), and Título do periódico (Arizona Journal Of Hispanic Cultural Studies (2), Perífrasis (1), Revista Letras Raras (1), Uoc Papers (1)).

The search results list five articles:

- ARTIGO**
Literatura cibercreativa: ¿qué lugar tendrán los tecnotextos en el futuro de las Humanidades? (El caso de Gustavo Romano y su proyecto de poesía "IP")
Fletcher, Heather
Project MUSE
Arizona journal of Hispanic cultural studies, 2010-01, Vol. 14, p. 335-348
REVISADO POR PARES
Texto completo disponible
- ARTIGO**
El reto del cibertexto: enseñar literatura en el mundo digital
Koskima, Raija
En este artículo se analiza el papel cambiante de la literatura y del discurso literario en el paisaje mediático contemporáneo. La enunciación literaria podría mantener su importante posición en el mundo digitalizado, pero esto requiere un diálogo abierto con los estudios culturales y de medios. La atención se centra principalmente en el campo incipiente de la literatura digital. Aunque la publicación digital y las ediciones con hipertexto tienen consecuencias significativas para la investigación y la educación, es la ciber textualidad, en particular, la que está cambiando fundamentalmente la literatura. Revistas Catalanes amb Accés Obert (RACO) AlmaSFX Lo...
UOC papers, 2007 (4)
REVISADO POR PARES Acceso Aberto
Texto completo disponible
- ARTIGO**
Literatura cibercreativa: ¿qué lugar tendrán los tecnotextos en el futuro de las Humanidades? (El caso de Gustavo Romano y su proyecto de poesía IP)
Fletcher, Heather
Project MUSE
Arizona journal of Hispanic cultural studies, 2010, Vol. 14 (1), p. 335-348
REVISADO POR PARES
Texto completo disponible
- ARTIGO**
Jornalismo no Twitter: uma análise discursiva de destaques no jornal Folha de S Paulo
Lete, Felipe De Souza Guiberto ; Moraes, Erika De
O jornal Folha de S.Paulo fez uso da rede social Twitter para compartilhar notícias na forma de threads, o que é uma maneira de ultrapassar o limite de caracteres imposto pela plataforma e dar continuidade ao texto (PAVEAU, 2021). Nestas threads são encontrados enunciados que passaram pelo processo de destaque fraco (MANGUENEAU, 2014), sendo assim, é possível clicar nos links presentes e conferir o texto-fonte na íntegra. Por meio da base teórico-metodológica da Análise do Discurso Francesa este artigo busca encontrar as diferenças e semelhanças entre os enunciados que passaram pelo processo de...
Revista Letras Raras, 2022-10, Vol. 11 (3), p. 148
... uma maneira de ultrapassar o limite de caracteres imposto pela plataforma e dar continuidade ao tecnotexto (PAVEAU, 2021). Nestas threads...
Acesso Aberto
Texto completo disponível
- ARTIGO**
LA REFERENCIABILIDAD DISCRETA DE LAS PALABRAS ESQUIVAS: PROCEDIMIENTOS DE LA POESÍA WEB ARGENTINA/THE DISCRETE ADDRESSABILITY OF ELUSIVE WORDS: PROCEDURES OF ARGENTINIAN WEB POETRY
Beri, Agustín
An answer to these matters cannot oversee the role played by the transformation of text into an addressable object inasmuch as it is code in the digital context, as well as the poetical and political implications implicit in this kind of work. KEYWORDS: electronic literature, Argentinian digital poetry, Flash, Linux, addressability. ...Only by the form, the pattern, Can words or music reach The silliness, as a Chinese jar still moves perpetually in its silliness. Luego señalo que la Electronic Literature Organization propuso la siguiente definición operativa para su objeto de estudio: "... work with an important literary aspect that takes advantage of the...
Perífrasis, 2017-01, Vol. 8 (15), p. 10
... (Hayles, Electronic Literature 3). En paralelo a la e-literatura, Hayles también habla de tecnotexto...
REVISADO POR PARES Acceso Aberto
Texto completo disponible

Fonte: *Print screen* da busca no Portal Periódico da Capes (2022).

Figura 7 – Busca no Portal de Periódicos da Capes pelo termo “Tecnotextualidade”

The screenshot shows the search results page on the Capes Periodicals Portal. The search term 'TECNOTEXTUALIDADE' is entered in the search bar. The results are displayed in a list format, showing three items:

- ARTIGO**: Reseña de Navas Ocaña, Isabel y Romero López, Dolores (eds.) (2023). *Ciberfeminismos, tecnotextualidades y transgéneros. Literatura digital en español escrita por mujeres*. Almería, Madrid: Editorial Universidad de Almería (Edual), Ediciones Complutense. ISBN 978-84-669-3795-5. 395 pp.
- ARTIGO**: Navas Ocaña, Isabel y Romero López, Dolores (eds.) (2023) *Ciberfeminismos, tecnotextualidades y transgéneros*. Madrid/Almería, Ediciones Complutense/Editorial Universidad de Almería (EDUAL), Colección: Sobres las mujeres (8), 396 pp. ISBN: 978-84-669-3792-4 ISBN (PDF): 978-84-669-3795-5
- RESEÑA**: Review of / Reseña de: Navas Ocaña, Isabel y Dolores Romero López. *Ciberfeminismos, tecnotextualidades y transgéneros*. Vizcaya: Universidad de Almería y Ediciones Complutense, 2023. 396 pp. ISBN: 978-84-669-3792-4

Each item includes a 'REVISADO POR PARES' (Peer Reviewed) icon and a 'Texto completo disponible' (Full text available) link. The page also shows filters on the left for availability, type of resource, date of creation, collection, and language. At the bottom, it indicates 'Resultados por página: 10 25 50'.

Fonte: *Print screen* da busca no Portal Periódico da Capes (2022).

Figura 8 – Página inicial do trabalho com o termo “Tecnotextualidade(s)”, de Navas Ocaña e Romemo López

The screenshot shows the initial page of the work 'Ciberfeminismos, Tecnotextualidades y Transgéneros' by Navas Ocaña and Dolores Romero López. The page is titled 'Reseña: Isabel NAVAS OCAÑA y Dolores ROMERO LÓPEZ (eds.) - CIBERFEMINISMOS, TECNOTEXTUALIDADES Y TRANSGÉNEROS. L...' and includes a 'Download' button. The main title is 'CIBERFEMINISMOS, TECNOTEXTUALIDADES Y TRANSGÉNEROS. LITERATURA DIGITAL EN ESPAÑOL ESCRITA POR MUJERES' by Isabel NAVAS OCAÑA y Dolores ROMERO LÓPEZ (eds.). The publication information is 'Almería y Madrid: EDUAL / Ediciones Complutense, 2023, 395 pp. ISBN: 9788413512037'.

The text on the page discusses the impact of digital technologies on feminist activism and the role of digital literature in the diffusion of feminist discourses. It mentions that the book is part of a collection 'Sobre las mujeres' and is edited by Isabel Navas Ocaña and Dolores Romero López.

Fonte: *Print screen* da página inicial do trabalho com o termo “tecnotextualidade(s)” (2022).

Para realizarmos nossas buscas e chegarmos ao delineamento da pesquisa, acessamos algumas bases de pesquisas de trabalhos acadêmicos, públicas ou não, via *proxy* UFC, como a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), o Banco de Teses e

Dissertações da Capes, o Portal de Periódicos da Capes, a Scopus, a Scielo, a Elsevier, além de sites de periódicos de grande impacto, como a Nature e a Science. Nossas buscas giraram em torno de assuntos relacionados especificamente ao aspecto particular de pesquisa, bem como a traços relacionados a aspectos gerais. Em seguida, organizamos uma planilha do Excel/Google Sheets contendo os títulos dos trabalhos e os links para acesso conforme a relevância que pudessem ter, a partir da leitura de todos os títulos e resumos, para, só então, nos dedicamos à leitura integral daqueles que se fizeram mais relevantes para nossa pesquisa e, assim, fortalecer o passo a passo que seguimos para a pesquisa bibliográfica.

Isso tudo considerando nossos objetivos de demonstrar como os aspectos interacionais se manifestam em textos, sobretudo aqueles que acontecem na tecnotextualidade/tecnodiscursividade, e quais os impactos que ele(s) gera(m) no circuito comunicativo que se dá em diversas interações digitais, tanto entre humanos e humanos quanto entre humanos e máquinas/não humanos.

4.4 Descrição da coleta dos dados

Quanto à descrição da coleta de dados, nosso *corpus* foi constituído por cerca de 30 textos de interações multissemióticas (verbal, oral, imagética, sonora, gestual etc.) categorizados em três grupos textuais, todos digitais, que vão desde a simulação de interações face a face a interações humano-máquina e organizados de acordo com nossas constatações.

O propósito foi identificar os usos dêiticos e analisar aspectos do fenômeno de referenciação, compondo, assim, um *corpus* de textos de diferentes gêneros que simulam diferentes modos de interação no contexto digital, concebendo o texto sob o enfoque da tríade social-discursivo-tecnológica.

Essas interações apareceriam no trabalho, inicialmente, por meio de *links* que levam às gravações e/ou *prints* de tela das interações, que podem ser estáticas ou dinâmicas, sem, no entanto, garantirmos que, ao final do trabalho, essas interações apareceriam apenas em *prints* estáticos e/ou *links*, pois pensamos que novos recursos tecnológicos ainda poderiam surgir e ser incorporados à metodologia de modo a garantir mais fielmente o acesso desses textos integrais à análise até a entrega deste trabalho à biblioteca da universidade.

Por isso, optamos também pela utilização de recursos como o QR-Code. Isso se deve ao fato de, em linguística textual, necessitarmos analisar os textos integralmente e/ou considerarmos o texto como um “evento, único e irrepetível”, dentro do próprio ambiente de interação e circulação. Seguimos, com isso, a recomendação de Émérit (2017) de analisar os

textos/discursos dentro de seu próprio ambiente e ecossistema, sem desvinculá-los das propriedades digitais “biologicamente” a eles ligadas. Os trabalhos da área, muitas vezes, por falta de opção de recursos, decidem por se limitar a capturas de tela para a coleta dos dados, o que, a nosso ver, compromete a gama de sentidos que podem ser construídos, principalmente em textos dinâmicos. Por isso, resolvemos inovar metodologicamente nos procedimentos de coleta e de análise.

Os textos coletados, ao longo do período da pesquisa e da escrita, foram agrupados e categorizados no capítulo de análise a partir das constatações a que chegamos neste trabalho.

4.5 Procedimento de análise dos dados

A análise dos dados consiste em duas etapas: uma mais teórica e outra mais empírica. A primeira, mais teórica, consiste em problematizar, como o fizemos até o capítulo anterior, acerca dos conceitos com os quais lidamos. Já a segunda, evidenciada no capítulo seguinte, consiste em uma caracterização de três situações de interação digital em que o fenômeno dêitico aparece, realizando um agrupamento de acordo com nossos resultados, como demonstrado e categorizado a seguir:

Quanto aos tipos de situação de interação digital por meio de tecnotextos:

- a) um modo digital, mas que demonstre novos modos de interações face a face, como aulas via *Google Meet*, *lives* e outros, quer sejam com apenas um locutor e um enunciador, quer sejam interações em grupos, como reuniões;
- b) um modo digital que acontece nas redes sociais, em filmes e outras obras artísticas em interações síncronas e não síncronas em redes sociais;
- c) um modo digital que revele a interação direta entre indivíduo e máquina, em que ambos podem assumir-se como *eu* e convocar um *tu*, como assistentes virtuais, aplicativos e *chatbots*, tais como Siri, da Apple, Alexa, da Amazon, Bia, do Bradesco, Magalu, da Magazine Luiza, ChatGPT, da OpenAI, entre outras.

Além desses exemplos, interessam-nos interações em outras redes sociais, tais como *TikTok*, que utilizam vídeos, imagens e que apresentam gestos que cumprem função dêitica e outras manifestações de linguagem que revelem a subjetividade e a ostensão, a partir de uma *origo*, com utilização simultânea ou não de alguma palavra dêitica, bem como os casos de quebra de quarta parede.

Quanto aos resultados que alcançamos a partir das interações digitais:

- a) definição de campo dêitico digital, para reclamar a expansão, em contexto digital, da tríade *eu-aqui-agora* e seus derivados;
- b) explicação de novos modos pelos quais os sujeitos (re)constroem o quadro enunciativo, sem que haja, no entanto, uma ampliação enunciativa;
- c) análise efetiva, no acontecimento textual, de como alguns aspectos se imbricam na tríade social-discursivo-tecnológica, o que comprova o caráter interdisciplinar da linguística textual;
- d) descrição da menção por meio do @ como um recurso intrinsecamente dêitico, ainda que não se dê uma interpelação direta a um “tu”, visto que aquele que é mencionado por meio desse gesto tecnolinguageiro é notificado e, conseqüentemente, engajado metadiscursivamente;
- e) proposição de que as identidades, tanto de locutor quanto de enunciador, podem ser reveladas e assumidas tanto por indivíduos humanos quanto por indivíduos não humanos;
- f) demonstração de que é por meio do conceito de indicialidade que a dêixis se efetiva como um fenômeno de linguagem presente em todo texto, em todo gênero e em toda interação, digital ou não;
- g) comprovação de que a todo texto corresponde ao menos um campo dêitico, visto que toda interação acontece em um dado *eu-aqui-agora* e que quadros enunciativos podem se sobrepor, gerando camadas enunciativas.

Nossa análise se pautou pelos seguintes critérios:

- as manifestações do ponto de origem (*origo*), da interação *eu-tu* e do campo dêitico;
- a relação entre locutores e enunciadorees no texto;
- as identidades e os papéis sociais dos participantes na interação, humanos ou não;
- o circuito comunicativo e as camadas enunciativas.

Prosseguimos, agora, em direção a uma demonstração da análise de dados, com alguns exemplos de cada um dos tipos de interação aqui definidos e caracterizados e dos resultados aqui alcançados.

5 ANÁLISE DE TECNOTEXTOS A PARTIR DE CONSTATAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO EMPREENDIDA – RECORTES DE UM CORPUS DIGITAL

“Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes.” (Isaac Newton)

A seção de análise em um trabalho acadêmico é fulcral para a elucidação da articulação entre teoria e metodologia. Aqui, vemos algumas demonstrações, por meio de uma análise de dados coletados, a partir da articulação que fizemos entre o embasamento teórico, as discussões empreendidas e os exemplos de tecnotextos a que tivemos acesso durante a pesquisa e a escrita desta tese. Analisamos interações que vão desde a relação humano-humano à relação humano-máquina, passando por interações em redes sociais e por outros meios digitais, televisivos e que se dão por mídias diversas.

Nossa análise, a fim de apresentar um gancho entre os levantamentos teóricos e o caminho teórico-analítico, será organizada de acordo com nossas constatações, que advieram dos seguintes resultados:

- a) postulamos a noção de **campo dêitico digital**, para reclamar a expansão, em contexto digital, da tríade *eu-aqui-agora* e seus derivados;
- b) buscamos uma explicação de novos modos pelos quais os sujeitos (re)constroem o **quadro enunciativo**, sem que haja, no entanto, uma ampliação enunciativa, proporcionando uma análise ampliada do enunciado-texto;
- c) tratamos empiricamente uma análise no efetivo acontecimento textual, de como alguns aspectos se imbricam na **tríade social-discursiva-tecnológica**, o que comprova o caráter interdisciplinar da linguística textual;
- d) apresentamos a descrição da menção por meio do @ **como um recurso intrinsecamente dêitico**, ainda que não se dê uma interpelação direta a um “tu”, visto que aquele que é mencionado por meio desse gestolinguageiro é notificado e, conseqüentemente, engajado metadiscursivamente;
- e) investigamos nossa proposição de que as **identidades**, tanto de locutor quanto de enunciador, podem ser reveladas e assumidas tanto por **indivíduos humanos quanto por indivíduos não humanos**;

- f) demonstramos que é por meio do conceito de **indicialidade** que a dêixis se efetiva como um **fenômeno de linguagem** presente em todo texto, em todo gênero e em toda interação, digital ou não;
- g) e, por fim, unindo alguns dos nossos resultados, chegamos à comprovação de que **a todo texto corresponde ao menos um campo dêítico**, visto que toda interação acontece em um dado *eu-aqui-agora* e que enunciações podem se sobrepor, gerando **camadas enunciativas**.

Como explicitamos em nossa metodologia, a fim de atender aos objetivos geral e específicos delineados, analisaremos o *corpus* digital, dividido em algumas seções, a partir da observação dos seguintes critérios de análise:

- as manifestações do ponto de origem (*origo*), da interação *eu-tu* e do campo dêítico;
- a relação entre locutores e enunciadores no texto;
- as identidades e os papéis sociais dos participantes na interação, humanos ou não;
- o circuito comunicativo e as camadas enunciativas.

A análise não se pretende exaustiva, mas demonstrativa, principalmente, do que temos chamado de **campo dêítico digital, camadas enunciativas, perspectiva de análise ampliada do texto e identidades assumidas por indivíduos humanos e não humanos** em interação humano-computador (IHC).

É mister destacar que a separação por tipos de interação, por constatações e por abordagem teórica se deve apenas à organização didática deste trabalho, pois, pelo contrário, as articulações entre eles são necessárias à discussão empírica que fazemos aqui. Desse modo, inevitavelmente, pontos e reflexões de um dos resultados aparecem nas discussões de outros.

Embora não fosse um dos objetivos deste trabalho, os resultados possibilitaram um redimensionamento da dêixis em tecnotextos, tanto por alguns tipos dêíticos ou alguns usos dêíticos passarem a configurar novas formas dêíticas quanto por haver a transposição de formas dêíticas clássicas para o contexto digital.

Para a noção de pessoa, por exemplo, tem-se o @, que, como forma de engajar o outro, é muito utilizado em redes sociais, como o Instagram e o Twitter. Além de fazer uma referência a determinado interlocutor, o @ cumpre função metadiscursiva de engajar, interpelando-o. Além disso, funciona também como um modo de posicionar-se nesses variados ecossistemas digitais, marcando, por exemplo, papéis e identidades. Sobre esse recurso, trazemos discussões e demonstrações ainda neste capítulo.

Em relação ao tempo, as contagens regressivas nas redes sociais e os lembretes previamente agendados no Google Agenda parecem configurar bons exemplos de aspectos temporais em relação ao “agora”, por meio de recursos tecnológicos. Ressaltamos que, neste caso, o tempo e as marcações não são novas, mas há uma transposição e uma atualização enunciativa por meio da criação de recursos tecnológicos no meio digital.

Em relação ao lugar, os aplicativos com função de GPS, como o *Waze* e o *Google Maps*, funcionam bem como guia a motoristas, momento a momento, em trajetos, dos mais simples aos mais complicados. A transposição desses lugares para o espaço virtual pode ser analisada também por meio de agendamentos de reuniões, via *Google Meet*, por exemplo.

O *Google Meet* se mostra como uma ferramenta muito interessante em nossa investigação, pois transpõe as coordenadas dêiticas clássicas para a criação de um contexto digital comum entre os interlocutores, que agem entre si, em determinado momento, caracterizando-se como um novo modo de interagir face a face. Por esse motivo, algumas gravações de textos produzidos nessa plataforma configuraram nosso *corpus* de análise.

Além desses exemplos, interessam-nos interações em redes sociais, tais como vídeos no *TikTok*, que utilizam vídeos e imagens que apresentam gestos com função dêitica e outras manifestações de linguagem que revelem a subjetividade e a ostensão, a partir de uma *origo*, com utilização simultânea ou não de alguma palavra dêitica, bem como os casos de quebra de quarta parede.

Vamos, agora, às seções que abarcam as interações digitais e os agrupamentos dos exemplos no nosso capítulo de análise.

5.1 O campo dêitico digital amplia as coordenadas *ego-hic-nunc* na tecnotextualidade

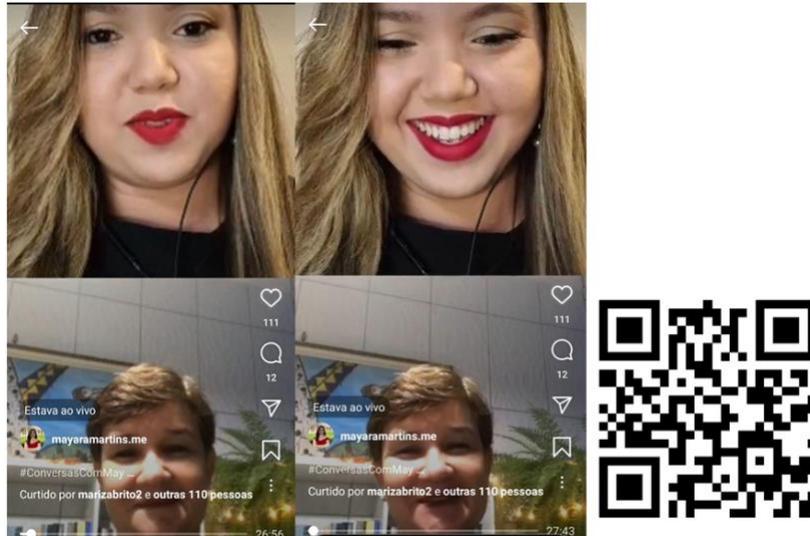
A primeira seção de análise deste trabalho consiste em demonstrar o campo dêitico digital e seu funcionamento, sem descartar as relações entre os campos que se criam e as camadas enunciativas que se revelam neles e os papéis – de locutor e enunciador – bem como as identidades que os interlocutores assumem nas interações.

O primeiro exemplo que apresentamos como demonstração pode também se repetir em outras situações similares – visto que **texto é também recorrência** – mas precisaria, sempre, ser analisado individualmente, já que o **texto é também particularidade**, o que demonstra o **caráter dual dos textos**, e das interações e dos gêneros, digitais ou não.

Este primeiro exemplo se enquadra no escopo das interações digitais que simulam ou demonstram novos modos de gerenciar interações face a face, como aulas via *Google*

Meet, *lives* em redes sociais e outros textos dinâmicos, quer sejam com apenas um locutor e um enunciador, quer sejam interações em grupos, como reuniões de grupos de pesquisa. Esses textos, normalmente, envolvem interações síncronas, mas podem pressupor interações assíncronas, posteriores ao primeiro acontecimento textual:

Figura 9 – Exemplo 1 – *live* no Instagram no perfil @mayaramartins.me



Fonte: *Print screens* de *live* no Instagram hospedada no canal do Youtube Mayara Martins (2024). A *live*, intitulada “Referenciação: sobre as coisas a serem ditas”, foi transmitida no dia 04 de junho de 2020, às 20h.

Nesse exemplo, temos uma *live* no ecossistema Instagram, que foi ao ar no ano de 2020. As autoras deste trabalho (doutoranda e orientadora) discutiram a temática da referenciação (“sobre as coisas a serem ditas”) em um momento aberto aos seguidores (e não seguidores) do perfil responsável (@mayaramartins.me). Trazemos esse exemplo já no primeiro momento da análise por se constituir, de acordo com Paveau (2021[2017]), como um texto digital nativo, isto é, um texto que acontece apenas por meio de recursos *on-line* e já possibilitados pelos próprios recursos da plataforma, do ecossistema, o Instagram.

Em relação ao primeiro critério de análise, temos uma interação síncrona que simula o face a face, em um jogo intersubjetivo, nos termos benvenistianos, em que cada uma das duas participantes da *live* se instaura como *origo* na cena ao tomar a palavra e instituir a outra participante como interlocutora. Em relação ao segundo critério analítico, cada uma das duas, ao tomar a palavra, assume o papel de locutora, mas, ao mesmo tempo, revela os posicionamentos aos quais se filia e se opõe a tantos outros, agindo, assim, como um sujeito do próprio dizer à medida que se torna enunciativa.

Em relação às identidades e aos papéis postos em cena, terceiro critério que estamos analisando, a interação *eu-tu* se dá entre indivíduos humanos que compartilham sentidos, memórias e relações variadas que se evidenciam por meio de pistas no momento da *live*. A mistura de papéis se revela: a orientadora e a orientanda, as amigas, a líder e a pesquisadora do grupo de pesquisa, mas o fato curioso que mais se faz presente em cena se dá pelo ambiente de circulação, visto que, neste perfil, Mayara ocupa o papel de organizadora e “anfitriã”, pois desempenha a função de mentora acadêmica e divulgadora científica no perfil analisado, enquanto Mônica ocupa o papel de pesquisadora e professora convidada, com direcionamentos estabelecidos pelo próprio gênero, com perguntas previamente feitas pelos seguidores sobre a temática etc.

A análise desse exemplo nesta seção se deve, principalmente, ao modo como as interlocutoras, que estão em um espaço-tempo (campo dêitico) distinto da outra, ocupam um mesmo espaço virtual/digital e, nele, incorporam ainda outros indivíduos. Desse modo, a partir de um novo centro de coordenadas possibilitadas apenas pelos recursos tecnodiscursivos, a interação se efetiva. Por isso, afirmamos que “**o campo dêitico digital amplia as coordenadas *ego-hic-nunc* na tecnotextualidade**”. Pessoa, espaço e tempo são categorias que ganham novas matizes na interação por meio de textos.

Os dois *prints* destacados da *live* revelam, ainda, o que temos chamado de **camadas enunciativas**, que acontecem quando mais de uma enunciação se dá ao mesmo tempo, formando também mais de um campo dêitico, comumente ocorrido em contexto digital, mas não apenas. Percebe-se, pelo direcionamento do olhar, que ora a enunciação se dá entre Mônica e Mayara (olhar para baixo, visto que a orientadora se encontra na parte inferior da tela), ora a interação se dá entre ambas e o público de seguidores (olhar para a frente direcionado para a câmera, fazendo com que ambas olhem “diretamente” para o público, envolvendo-os no texto). Há, ainda, outras enunciações possíveis nesse contexto, conforme haja mensagens via chat da *live*, tanto para as participantes que aparecem em vídeo quanto para os próprios seguidores, que apenas interagem por meio deste recurso, “ganhando voz” na “cena principal” apenas por meio de uma das duas que falam, organizadora e convidada.

Em relação ao campo dêitico, Hanks (2008) amplia a interação *eu-tu* e considera os papéis sociais dos agentes, no entanto, ainda o pensa em relação ao contexto de emergência do texto **fora** do contexto digital, associado à incorporação dos papéis, das crenças e dos valores sociais e culturais dos participantes no cenário. Ampliando ainda mais a noção de campo dêitico, consideramos as interações que se dão também no ambiente digital e entre os indivíduos humanos e não humanos (computadores, máquinas, robôs etc.). Nessa interação

específica, por exemplo, o campo dêitico expande o *eu-aqui-agora* em que se encontram as participantes e considera a interação entre as pessoas em um tempo e um lugar estabelecidos a partir do texto, único e irrepetível, que se constrói, gerando o que temos chamado de **campo dêitico digital**, cujas coordenadas básicas de pessoa, tempo e espaço são reconfiguradas para criar um outro contexto/campo no qual os agentes interagem na tecnodiscursividade.

5.1.1 Proposta analítica de um outro formato de campo dêitico digital: a quebra de quarta parede

Nesta seção “adicional”, por não necessariamente consistir em tecnotextos e por não dizer respeito a um dos nossos objetivos, mas por retomar uma prática já bem antiga no teatro, no cinema e na televisão, tratamos da quebra de quarta parede, que consiste em uma interação direta com o público/telespectador/leitor feita por um personagem em obras diversas (filmes, peças teatrais, séries, gibis, desenhos animados etc.). Esse recurso recebe esse nome pelo fato de tais obras serem planejadas para desconsiderar que há uma “parede” que liga o que acontece na cena àquele que lê ou assiste. Ele costuma ser aplicado com mais frequência do que costumamos imaginar e se faz presente em muitas obras recentes, como nas séries “Fleabag”, “WandaVision” e no filme “Deadpool”, mas também em muitos desenhos e séries antigas, como no seriado “Chaves”, por meio do personagem “Seu Madruga” e em desenhos da Looney Tunes, por meio do personagem “Pernalonga”. A quebra de quarta parede é, normalmente, feita por meio de um direcionamento do olhar para a câmera que liga o personagem ao público, como podemos ver nos exemplos a seguir:

Figura 10 – Exemplo 2 – “Dead Pum” e a Turma da Mônica – exemplo estático



Fonte: Página do X (Antigo Twitter) da Turma da Mônica¹² (2022).

¹² Disponível em: <https://twitter.com/TurmadaMonica/status/1035228188476104704>. Acesso em: 1º jun. 2022.

Figura 11 – Exemplo 3 – *Teen Titans Go* em português – Episódio “Quebrando a quarta parede!” – exemplo dinâmico



Fonte: Canal do Youtube da DC Kids Brasil (2022).

Os casos de quebra de quarta parede há muito tem nos chamado atenção por acontecer por meio de uma estratégia que gera novos modos de criação de campos dêiticos. Embora sejam uma prática comum desde antes dos estudos de Paveau (2021[2017]), não podemos deixar de destacar a interferência de mídias distintas dos campos dêiticos *in praesentia*. Pelo contrário, de acordo com Charaudeau, em seu *Discurso das mídias*, a internet é apenas uma possibilidade de mídia, ao passo que mídias como a televisão e o rádio também são relevantes e distintos no modo de criar e gerenciar o circuito comunicativo, na relação entre os sujeitos que constroem o ato de linguagem e nas tentativas de influência (Charaudeau, 2006).

Enquadramos a quebra de quarta parede, então, como uma ferramenta extremamente utilizada que se vale não apenas das mídias da internet e do ambiente tecnodiscursivo ligado aos inúmeros ecossistemas possíveis, mas também – e principalmente – de recursos possibilitados por outras mídias. Afirmamos que, independentemente da mídia, a quebra de quarta parede se dá por uma **função dêitica de engajar o locutor por meio do direcionamento do olhar** – para a câmera, no caso, como veremos adiante em mais alguns exemplos retirados das redes sociais. Desse modo, a quebra de quarta parede é também e em si uma outra possibilidade de ampliação de coordenadas *ego-hic-nunc* que proporciona a criação de novos campos dêiticos digitais.

A quebra de quarta parede é, no fim das contas, a “intromissão” de uma camada enunciativa em outra. Dois quadros enunciativos se apresentam nessa narrativa em quadrinho e nesse desenho animado: um em que o locutor-enunciador produz a tira/o desenho projetando possíveis leitores/telespectadores; outro em que os personagens da tira/do desenho dialogam entre si. A “parede se quebra” quando o personagem (do segundo quadro enunciativo) se dirige não a outro personagem, mas ao público-interlocutor do primeiro quadro enunciativo.

5.2 O quadro enunciativo se complexifica na tecnotextualidade

A segunda seção deste capítulo de análise visa demonstrar, sobretudo, as relações entre locutores e enunciadores em **tecnotextos**. Para isso, valemo-nos de exemplos digitais que acontecem nas redes sociais em interações síncronas e não síncronas por meio de textos mais estáticos. A mesma coisa poderia ser flagrada também em interações dinâmicas, mas requer o cuidado do analista em observar todo o circuito comunicativo e os jogos de ponto de vista que são construídos, estrategicamente, pelos interlocutores.

Figura 12 – Exemplo 4 – Tirinha do Armandinho em um *blog* e no Facebook



Fontes: *Blog do Professor Diego*¹³ e Página do Facebook do Armandinho¹⁴(2022).

¹³ Disponível em: <https://diogoprofessor.blogspot.com/2019/08/atividade-de-interpretacao-de-uma.html>. Acesso em: 1º jun. 2022.

¹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/photos/a.488361671209144/1877434615635169/?type=3>. Acesso em: 1º jun. 2022.

É bem comum que algumas postagens em redes sociais, tais como charges, tirinhas e outros gêneros, simulem uma interação entre personagens, como é o caso do exemplo 4, em que o personagem Armandinho conversa com um adulto. Essa tirinha, no entanto, foi veiculada, dentre outros espaços digitais, no *blog* indicado no link e no Facebook. Assim, em termos enunciativos, há uma mescla de cenas e de campos dêiticos: os primeiros que se dão entre os personagens retratados e os segundos com o locutor-enunciador do texto em que a tirinha se encontra, a pessoa responsável pelo *blog*, neste caso. Nessa mescla, duas cenas se relacionam. A primeira cena se dá entre o locutor que fez a postagem e o provável público que acessa o *blog*; como L1/E1, ele faz a citação da tira cômica, que inicia uma outra enunciação: entre os personagens (I2/e2 e I3/e3). Os PDV desses locutores-enunciadores são assumidos por L1/E1, que, por meio dessa encenação segunda, quer atingir o público leitor.

As interações em uma postagem como essa acontecem, comumente, de forma assíncrona, visto que um primeiro (tecno)texto e, conseqüentemente, um primeiro (tecno)gênero e uma primeira interação acontecem em dado campo dêitico para que, apenas posteriormente à postagem, os interlocutores se engajem por meio de gestos tecnolinguageiros, como o de “comentar”, no caso dos blogs.

No caso da postagem no Facebook, há ainda um outro modo de interação por meio do gesto tecnolinguageiro de “reagir”. Embora os efeitos sejam sempre apenas “possíveis”, as reações “amei”, “triste”, “like” demonstram os PDV daqueles que se engajam na postagem, o que mostra que essas reações são também argumentativas.

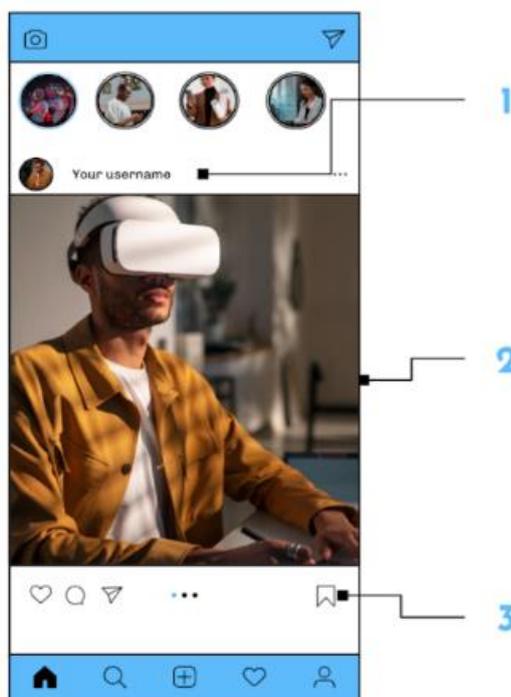
Em termos de relação entre locutores e enunciadores, pode-se dizer que, ao utilizar os posicionamentos e as reflexões do personagem Armandinho, o responsável pelo *blog* e pela página do Facebook se filiam a eles por meio do jogo enunciativo que contempla a citação da tirinha para ilustrar os pontos de vista que ele próprio assume.

Com esse exemplo, destacamos de que modo **o quadro enunciativo se complexifica e ganha novas nuances na tecnotextualidade, sem que haja ampliação enunciativa**, visto que o *eu-aqui- agora* que caracteriza o acontecimento de um texto/enunciado pode se reconfigurar ao gerar novos textos e enunciados em outros momentos posteriores ao primeiro da postagem, mas isso não significa que as categorias enunciativas são insuficientes ou ultrapassadas e que, por isso, não dão conta desses novos modos de enunciar e conferem aos textos e enunciados produzidos na tecnodiscursividade uma “ampliação enunciativa”, como propõe Paveau (2021). Na verdade, existem, neste caso, camadas enunciativas em textos distintos: uma que se deu entre o produtor da tira e os possíveis leitores; outra que se deu entre o locutor-enunciador da postagem, que cita a tira, para aderir

ao ponto de vista expresso no texto primeiro. Esse aumento nos modos de interagir se dá pela multiplicação de recursos enunciativos e pelas camadas enunciativas que os falantes sobrepõem nos ambientes (tanto digitais quanto não digitais). Em tecnotextos, por exemplo, poder-se-ia analisar a função dos comentários, que, por vezes, fogem do tópico principal da postagem e geram novas cenas enunciativas, entre seguidores (e não seguidores) de determinado perfil, por exemplo.

Uma outra situação ocorre nos casos de produção textual compartilhada, como no Google Documentos, por exemplo. Mas, neste cenário do compartilhamento na própria elaboração textual, existe um texto, uma camada enunciativa, na qual os locutores-enunciadores produzem em conjunto e dialogam entre si, por meio dessa produção, e fazem seus pontos de vista convergirem, para que eles se tornem um único “corpo”, para uma mesma autoria. Outros textos paralelos podem ocorrer no espaço reservado aos “comentários”, no Google Docs, caso alguns interlocutores encetem algum tipo de discussão sobre o trabalho que estejam elaborando. Reflitamos, agora, sobre o cenário que se constrói nas postagens de redes sociais, em que, no primeiro *post*, um locutor-enunciador primeiro, projeta prováveis seguidores.

Figura 13 – Exemplo 5 – Esquema de itens em redes sociais



Fonte: elaborado pela autora.

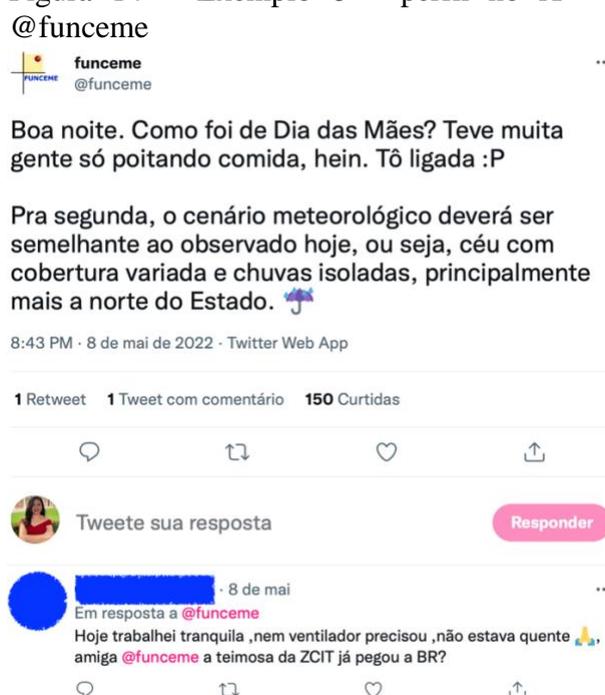
Elaboramos esse esquema a fim de demonstrar que, em *posts* de redes sociais, encontramos simultaneamente:

- 1) As **identidades** que estão em jogo nas interações, reveladas por meio do @;
- 2) As **múltiplas semioses** disponíveis, que vão desde fotos (imagens estáticas) a sobreposições multissemióticas (uso de vídeos, imagens e sons ao mesmo tempo, por exemplo);
- 3) As **possibilidades de interatividade** (Muniz-Lima, 2022) por meio de gestos tecnolinguageiros (Paveau, 2021) que contribuem para o fator metadiscursivo de engajamento, como curtir, comentar, compartilhar, salvar etc.

Os ecossistemas digitais, por possibilitarem as interações entre os interlocutores de forma síncrona ou assíncrona à postagem inicial trazem a impressão de que um “textão” acontece, de que há um “texto sem fim” e de que isso geraria uma consequente ampliação no quadro enunciativo benvenistiano, como sugere Paveau (2021). A nosso ver, o que possibilita essas novas interações é uma atualização do quadro enunciativo e um remodelamento de como esse campo *ego-hic-nunc* se atualiza, mas, como todo texto, sendo **um a cada vez**.

Vejamos alguns dos itens indicados no esquema nos exemplos que seguem.

Figura 14 – Exemplo 6 – perfil no X



Fonte: Perfil da Funceme no X¹⁵ (@funceme) (2022).

¹⁵ Disponível em: <https://twitter.com/funceme/status/1523448498909511680>. Acesso em: 1º jun. 2022.

Figura 15 – Exemplo 7 – perfil humorístico no X



Fonte: Perfil *fake* Mark Zuckerberg no X¹⁶ (@marckzutenberg) (2022).

Figura 16 – Exemplo 8 – @OCriador



Fonte: Perfil do O Criador no X¹⁷ (@OCriador) (2022).

Pensando nos itens do esquema que apresentamos sobre as redes sociais e na atualização enunciativa em tecnotextos, podemos perceber que os exemplos 6, 7 e 8 contêm:

- 1) o nome do perfil marcado pelo @ que demonstra a identidade por trás da conta. Aqui, queremos enfatizar que o sujeito empírico, assim como nos demais textos, não é considerado, mas aquele que se assume como sujeito e

¹⁶ Disponível em: <https://twitter.com/marckzutenberg>. Acesso em: 1º jun. 2022.

¹⁷ Disponível em: <https://x.com/ocriador?s=21>. Acesso em: 1º jun. 2022.

possui determinada identidade que se sustenta, no caso da tecnodiscursividade, em todo o perfil:

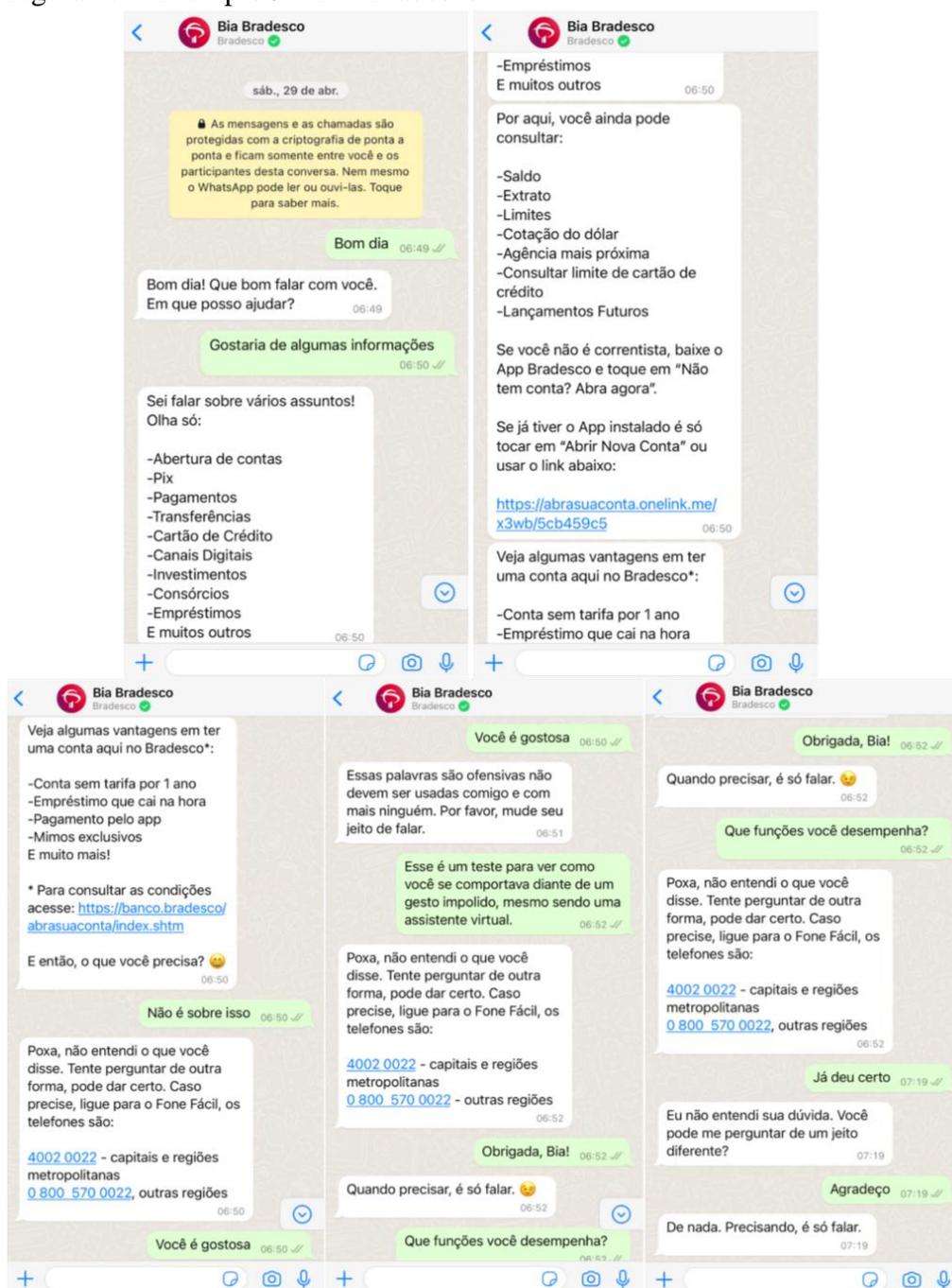
- no exemplo 6, uma instituição, a Funceme (Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos do Estado do Ceará);
- no exemplo 7, um perfil “fake” retratando uma pessoa pública com objetivos humorísticos/satíricos;
- no exemplo 8, uma entidade divina, Deus, “O Criador”, cuja biografia do perfil já revela e satiriza tal identidade (Onipresente, Onisciente, Onipotente e *On-line*; CEO do CÉU).

- 2) Em relação às multissemioses disponíveis, nesses casos, temos postagens majoritariamente verbais, mas enfatizamos que textos de muitas semioses imbricadas poderiam aparecer nas postagens pelos recursos que o próprio ecossistema (o X) permite;
- 3) Quanto às possibilidades interativas, os exemplos 6 e 7, por serem postagens e não descrição do perfil, como no caso do exemplo 8, apresentam gestos linguageiros possíveis para engajamento dos interlocutores/seguidores (ou não, caso o perfil seja aberto), como comentar, repostar (antigo retuitar), curtir e compartilhar/enviar. Qualquer ação tecnolinguageira poderia ser responsável por atualizar ou criar um novo quadro enunciativo por meio dessas novas possibilidades de evidenciar as pessoas, o tempo e o espaço em tecnotextos. No exemplo 6, por exemplo, o da @funceme, há, inclusive, um comentário de uma seguidora, que, para gerar um engajamento do perfil, não apenas comenta, como se vale de um recurso das redes sociais, a menção por meio do @, o que já demonstra um novo modo enunciativo de interpelar as pessoas envolvidas na interação.

5.3 A interdisciplinaridade dos estudos textuais se evidencia pela tríade social-discursivo-tecnológica

Acerca do caráter interdisciplinar da LT em interações humano-máquina, vejamos o seguinte exemplo, que mantém estreita relação com a seção que trata das identidades assumidas por indivíduos não humanos, que aparece mais adiante.

Figura 17 – Exemplo 9 – Bia Bradesco



Fonte: *Print screens* de telas do atendimento da Bia Bradesco pelo Whatsapp (2022).

O exemplo em análise foi selecionado principalmente para pensar nos fatores sociais, culturais e discursivos envolvidos em uma interação “simulada”¹⁸ com uma assistente virtual que assume a identidade de “funcionária de banco”, a *Bia*, da empresa *Bradesco*, por

¹⁸ Dizemos que essa interação foi “simulada”, pois foi realizada apenas para fins de pesquisa, e não no sentido de encenação proposta por Goffman (2013) e adotado pela Linguística Textual. No entanto, convém dizer que, para o interlocutor, a Bia Bradesco, a interação foi “real”, uma vez que ela não poderia sequer compreender essas peculiaridades da interação, já que seu sistema não está apto – ainda – a alcançar algumas individualidades próprias das interações humanas em contexto social e tecnológico.

meio do *WhatsApp*, uma rede social inicialmente criada com o objetivo de proporcionar troca de mensagens de texto simultâneas ou não. Agora, sabemos que essa rede social se modificou de tal forma que as interações podem acontecer por meio de outros recursos, como envio de emojis (utilizados, inclusive, pela assistente virtual no exemplo em análise), áudios, vídeos, figurinhas estáticas ou dinâmicas e outros, ampliando o formato inicial de apenas troca de mensagens de texto verbal. Esses demais recursos, embora relevantes para a comunicação no *WhatsApp*, não são relevantes para a análise que fazemos neste trabalho, tendo em vista os critérios de análise que definimos.

Embora não analisemos esses aspectos que estão além do verbal, mas que podem ser associados a ele, sabemos que Goffman (2013) considera que, mesmo nas interações face a face, é fundamental observarmos outros aspectos, uma vez que tudo isso contribui para o projeto de dizer do locutor e para influenciar o outro, como os gestos e as expressões corporais e faciais. Nas interações digitais, outros fatores multimodais são bem frequentes, como os emojis, os gifs e as figurinhas, se considerarmos o ecossistema do exemplo utilizado, o *Whatsapp*.

Metodologicamente, optamos também por selecionar uma interação nesse ecossistema pelo fato de essa ser a rede social com o maior número de usuários no mundo (169 milhões de usuários), o que ressalta a importância desse ecossistema na vida dos usuários e das pesquisas acadêmicas acerca das interações que acontecem nas redes sociais.

Criadas para analisar os comportamentos sociais das interações entre **indivíduos** – e à época, apenas **humanos**, pois as redes sociais sequer haviam sido projetadas –, algumas teorias da Sociologia guardam relação com outras áreas do conhecimento, como a Linguística, mais especificamente a Análise da Conversação e a Linguística Textual. Dentre as possibilidades de teorias das Ciências Sociais que poderíamos abordar, selecionamos duas: a *Etnometodologia*, cujo maior expoente teórico é Harold Garfinkel, e os estudos sobre a *Interação Social* com foco nas interações cotidianas, que tem Erving Goffman como importante teórico. Assumimos em LT conceitos desenvolvidos por esses autores e de outras áreas para compreender os aspectos que emergem no texto e que resultam de uma interdisciplinaridade focalizada.

Sabemos do desafio em relacionar essas teorias sociais, que foram projetadas para analisar comportamentos humanos de membros de grupos sociais em interações padronizadas e rotineiras, a interações em contexto digital, principalmente quanto às interações que envolvem indivíduos humanos e indivíduos não humanos, as interações humano-máquina (IHC/HCI – *human-computer interaction*). Por isso, em termos de interface (e, por isso, este

exemplo e esta discussão explicitam bem a relação com a seção e o resultado 5.3) nos propomos não a expandir ou ampliar os conceitos dessas teorias sociais aplicadas à Linguística, mas aplicá-las (fazendo as devidas transposições) a outros tipos de interações que se desenvolveram e, hoje, adquirem também um papel importante e, até mesmo, “rotineiro”, tendo em vista as necessidades dos grupos sociais.

Nessa interação, partindo do pressuposto de que as convivências sociais precisam ser respeitadas e de que os interactantes procuram manter uma fachada positiva, de modo a se fazerem polidos e evitarem gestos impolidos que comprometam a própria fachada ou coloquem em jogo a fachada do outro, a fim de evitar constrangimentos, podemos pensar que alguns rituais de comportamentos sociais precisariam ser mantidos mesmo em uma situação como a analisada, entre um indivíduo humano e um indivíduo não humano – uma máquina – para que a comunicação fosse bem sucedida. Isso acontece porque, mesmo as assistentes virtuais, como a Bia, são programadas para reproduzirem e se adequarem aos diversos comportamentos presentes nas comunicações entre indivíduos humanos.

No caso analisado, por exemplo, após a geração de dados que demonstravam importunação sexual por parte dos usuários à assistente (uma máquina!), os programadores inseriram ferramentas responsáveis que possibilitaram à Bia identificar certos termos utilizados para esse fim. O uso do termo “gostosa” na interação demonstra uma quebra de comportamento adequado à situação, o que gera **constrangimento**. Isso revela como as máquinas podem simular comportamentos sociais a partir dos padrões sociais e culturais envolvidos e projetados para esse fim.

Em termos de ajustes estabelecidos pelo circuito comunicativo, o indivíduo humano não se adequou às normas sociais de boa conduta, necessárias à interação, e a assistente virtual, mesmo sendo uma máquina, conseguiu identificar, via programação, a impolidez praticada e sair do gesto impolido, buscando um novo **alinhamento** (Goffman, 2013 [1956]) para prosseguir com a interação, ao afirmar que o usuário estava utilizando palavras ofensivas.

Ao demonstrar a atitude impolida e imprevista do indivíduo humano, a assistente virtual remodulou a situação que acontecia, **enquadrando-se e enquadrando o outro** em uma situação respeitosa, de modo a manter a boa condução interacional e prosseguir com a comunicação que estava sendo feita, para alcançar o que estava programada para fazer, isto é, dar informações e conduzir o usuário a partir da série de comandos para os quais fora preparada.

Considerando que, no âmbito social das interações humanas, os indivíduos agem de modo a manter uma fachada positiva e a não ameaçar a fachada do outro, a partir do descumprimento de certos padrões sociais culturalmente situados, o mesmo se aplica a interações humano-máquina. As máquinas são projetadas para atender a necessidades humanas e para interagir com eles, logo apreendendo certos comportamentos aceitáveis ou inaceitáveis. Algumas situações, no entanto, podem colocar em jogo a fachada que se quer construir e sustentar, tanto nas interações humanas quando nas interações com indivíduos não humanos.

Certos comportamentos violam normas e padrões sociais e não escapam aos “olhos tecnológicos”, através dos quais todas as ações podem ser rastreáveis (Paveau, 2021). No exemplo analisado, a assistente virtual, por já ter sofrido assédio sexual em outras interações, foi programada de modo a identificar termos como o que foi utilizado (“gostosa”). Nesse ponto específico, a utilização da expressão referencial e a atitude a ela correspondente demonstram uma quebra de expectativa em relação às interações aceitas e adequadas pela máquina e uma **ameaça à fachada** posta em cena a partir de comportamento **proposital** do usuário/indivíduo humano, visto que essa atitude tinha a intenção de desrespeitar a Bia, atacando a assistente virtual e expondo padrões sociais não aceitáveis em interações como essa.

Sabemos que a máquina, diferente de agentes humanos, não possui características subjetivas e humanas de se sentir magoada, ofendida ou irritada, mas, por reproduzir e se adequar ao jogo de valores humanos de determinada sociedade, acaba por repreender atitudes como a que explicitamos no exemplo.

Esse e outros exemplos, indicados a seguir, corroboram nossa hipótese de que a forma escolhida para representar essas assistentes virtuais e a maneira como elas interagem com o indivíduo influenciam no momento da interação. Por exemplo, assistentes virtuais femininas podem representar um menor distanciamento e um “acolhimento” na interação, podendo diminuir a intimidação por parte do humano que começará a interagir. A todas essas construções, equivalem estereótipos e papéis que podem ser adaptados de interações não digitais, papéis esses que são previamente planejados pelos humanos que as projetam, mas que podem assumir novas formas conforme novos textos aconteçam para que essas interações se cumpram.

5.4 O @ funciona como um recurso intrinsecamente dêitico em tecnotextos

O @ utilizado em redes sociais como o Instagram, o WhatsApp e o X se configura como uma forma que se alinha à noção de pessoa e apresenta um caráter metadiscursivo de:

- a) tanto **revelar um posicionamento** do usuário diante dos demais, em se tratando do próprio perfil;
- b) quanto **engajar os demais usuários**, em se tratando de interagir com os outros nas redes, interpelando-os.

Além disso, o @ funciona também como um modo de identificação, contribuindo para gerar uma identidade, uma vez que possibilita marcar, por exemplo, papéis e identidades dos agentes (Martins, 2021; Martins, 2023).

No exemplo a seguir, temos dois *stories* seguidos da doutoranda/autora desta pesquisa em que há a utilização do recurso “menção” no Instagram, o qual está disponível também em outras redes sociais, como o X e o WhatsApp. Vejamos:

Figura 18 – Exemplos 10, 11 e 12 – stories de @mayaramartins.me instaurando @nocasomila, @cantordaniel e @brauliobessa



Fonte: acervo da autora.

Como dissemos no início deste capítulo, temos observado que alguns usos dêiticos podem passar a configurar novas formas dêiticas em contexto digital. Aqui, demonstramos o primeiro caso, relacionado à dêixis pessoal, que está atrelado ao gesto tecnodiscursivo de “mencionar”, engajando, inicialmente, as pessoas do discurso. No entanto, percebemos que a menção diz respeito não somente à referência feita à segunda pessoa do discurso, mas também a uma outra pessoa qualquer que acaba sendo engajada na cena,

fugindo do traço dêitico fundamental de engajar por meio de vocativos, por exemplo, como uma segunda pessoas direta.

Expandimos, assim, a função dêitica nas redes sociais para os fatos metadiscursivos de engajamento, por exemplo, por meio da notificação. Mesmo que alguém seja engajado em uma estrutura que não o torna segunda pessoa, ainda assim ele será notificado e, portanto, engajado, convidado a se envolver no campo dêitico digital que se cria naquela postagem específica. Na primeira imagem desse exemplo, a influenciadora digital cearense Mila Costa foi instaurada como interlocutora direta por Mayara Martins, o que se pode perceber por meio da vírgula que marca o vocativo e pela marca dêitica de interação direta (“vc”). O mesmo acontece na terceira imagem desse exemplo (“amamos você, @cantordaniel”). Já na segunda imagem desse mesmo exemplo, a influenciadora não é instaurada diretamente como “tu” na cena; pelo contrário, ela é representada como uma não pessoa, alguém sobre quem a dona do perfil fala (possivelmente, para seus seguidores). Independentemente de ser instaurada como pessoa do discurso ou como não pessoa, em termos benvenistianos, @nocasomila, por ser apresentada dessa forma (pelo @, nome do perfil), é convocada a engajar-se diretamente na cena, e isso se dá não apenas ao bel-prazer de quem a convida a ver a postagem, mas pelo recurso próprio do ecossistema no qual a menção acontece. A ferramenta de menção é também apresentada na terceira imagem do exemplo, ainda que Bráulio Bessa seja engajado diretamente pela forma dêitica social “poeta”, sem apelo, na sentença, a um recurso técnico. Demonstramos, portanto, uma função dêitica na tecnodiscursividade que expande o engajamento por meio apenas da interação direta e decidimos didatizar da seguinte forma:

- a) em tecnotextos na tecnodiscursividade, o @ **engaja o participante direto**, a segunda pessoa do discurso, marcada pela forma clássica de vocativo acompanhada pelo gesto tecnolinguageiro de mencionar em redes sociais;
- b) em tecnotextos na tecnodiscursividade, o @ **engaja participantes não diretos**, sobre quem se fala, sem que haja uma instauração direta a eles como “tu” na cena, a partir do gesto tecnolinguageiro de mencionar em redes sociais, que costuma acontecer acompanhado de uma determinada notificação pelo próprio ecossistema.

Dessa forma, a partir dessa explicação, afirmamos que, para a noção de pessoa, em termos dêiticos, tem-se o @, que, como forma primordial de engajar o outro, é muito utilizado em redes sociais, como o Instagram, o X e o WhatsApp. Além de fazer uma referência a determinado interlocutor, o @ cumpre função metadiscursiva de engajar,

interpelando alguém. Além disso, o @ funciona também como um modo de posicionar-se nessas redes, marcando, por exemplo, papéis e identidades dos agentes, como demonstramos no exemplo 8, do @OCriador. Um outro exemplo que reforça identidades é apreensível, por exemplo, na terceira imagem desse exemplo, pois vemos que o cantor sertanejo Daniel utiliza o nome @cantordaniel como nome de perfil de usuário. Vejamos mais um exemplo:

Figura 19 – Exemplo 13 – @gisele na @carasbrasil



Fonte: Perfil do Revista Caras no Instagram¹⁹ (2022).

Nessa postagem, da página no Instagram da Revista Caras, quem quer que administre a página assume o papel de locutor-enunciador e representa a revista ao produzir esse texto e projetar como prováveis interlocutores os seguidores do perfil. No entanto, por ser um perfil aberto, isto é, sem restrições de acesso apenas a seguidores, é provável que a postagem seja vista por outros usuários que não seguem a página, pois qualquer usuário desse ecossistema digital pode ter acesso à visualização da postagem e aos demais recursos tecnolinguageiros possíveis, como “curtir”, “comentar”, “compartilhar”, “mencionar”, “salvar”, entre outros. Acreditamos que o perfil aberto se deva a, além do fato de representar uma empresa, visto que essas instituições possuem perfis abertos, uma estratégia para conseguir um maior número de visualizações, incluindo o alcance dos algoritmos na rede social em análise. Esta é apenas uma das estratégias, pois é possível perceber mais algumas outras, como **o uso da hashtag** e **a menção ao perfil** (ambos clicáveis, via recurso de linkagem) da pessoa representada.

¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtHZFb1NMDx/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em: 1º jun. 2022.

Essa postagem, que aparece no perfil em formato carrossel, possui 4 imagens da modelo brasileira, e a escolha pela primeira delas se deve exatamente ao fato de a marcação ao perfil de Gisele Bündchen aparecer nessa primeira, como ilustrado no exemplo, o que se revela tanto pelo ícone de usuário no canto inferior esquerdo da postagem quanto pelo nome do perfil que aparece ao clicarmos nesse ícone. Na postagem, outras estratégias de alcance são utilizadas pelo locutor-enunciador para engajar seguidores e não seguidores, como o uso da hashtag #DiaMundialdoMeioAmbiente.

Esse gesto tecnolinguageiro de linkagem, por mais que pareça ter um caráter “deslinearizado”, é amplamente utilizado com o propósito de engajar outros usuários, por exemplo, chamando a atenção daqueles que acompanham a *hashtag* ou que procuram por ela apenas pelo contexto da data comemorativa, como o dia do meio ambiente, a que a postagem se refere. De acordo com Paveau (2021), os textos digitais nativos possibilitam uma “clicação”, isto é, a possibilidade de, por um gesto linguageiro de “toque”, chegar a outros textos. Na análise que apresentamos aqui, pensamos ser pertinente destacar os recursos clicáveis, pois tanto o elemento @ quanto o elemento # geram trechos clicáveis que levam a outros textos ou a outros perfis no ecossistema. Em termos tecnotextuais, poderíamos dizer que a clicação gerada pelo uso desses elementos se caracteriza como um recurso intertextual, por possibilitar a relação entre textos; em termos tecnodiscursivos, falamos em “relacionalidade”.

Percebemos a importância do agrupamento por meio da *hashtag* em diversas circunstâncias. No decorrer dessa pesquisa, precisamos retirar, adicionar ou trocar alguns exemplos. Em outros casos, “fomos salvos pela #”. O primeiro exemplo apresentado nesta tese (uma *live* no Instagram) “desapareceu” do ecossistema tanto na página principal do perfil quanto nos itens arquivados. Isso porque a plataforma, a partir do final de 2023, passou a retirar vídeos do formato “ao vivo” tanto do *feed* (página principal) após 24 horas decorridas da *live* quanto dos itens arquivados após 30 dias. Após algumas estratégias de busca a fim de recuperar o conteúdo para apresentá-lo na íntegra neste trabalho, nos valem de ferramentas que visam à **rastreabilidade** e à **relacionalidade**. Por fim, encontramos todos os vídeos que se uniam sob o mesmo recurso clicável, rastreável e relacionável: a #ConversasComMay. Isso nos mostra que lidar com tecnotextos é lidar também com as dificuldades que se dão a partir das mudanças arbitrárias e constantes nos ecossistemas, e que ser usuário é critério fundamental para que o analista desenvolva investigações na tecnodiscursividade.

Quanto à relacionalidade, note-se que, por exemplo, as duas formas em destaque na legenda da postagem, na **cor azul**, possibilitam ao usuário clicar e “sair” da postagem

primeira, sendo levado a outros textos (ou a um conjunto de textos), provocando o que Paveau (2021) considera uma “deslinearização”, ou seja, um ato que possibilita chegar a outros textos apenas via clicagem, sem uma “linearização” precisa na leitura da postagem e na interação com ela. Aqui, enfatizamos um importante recurso multimodal discutido por Paveau (2021[2017]): a **cor**. Esse recurso será melhor discutido em seção posterior a esta.

Esses recursos, além disso, podem ser reveladores de posicionamentos assumidos pelos usuários que interagem nos ecossistemas digitais, isto é, funcionam como **estratégia argumentativa ou até mesmo manipulatória** em tecnotextos. Essas formas próprias da tecnodiscursividade originam muitos sentidos e podem desempenhar muitas funções, como é o caso de engajar o interlocutor e de demonstrar os posicionamentos do locutor-enunciador, como se percebe com os usos dos elementos @ e #, respectivamente. No caso da postagem, há uma menção ao perfil @gisele. Do mesmo modo que a utilização da *hashtag*, a menção via @ também torna o elemento clicável (o que é perceptível, até mesmo, pela mudança da cor).

Acreditamos que esses recursos tenham sido utilizados pela Revista Caras com alguns propósitos, como:

- a) mostrar o *post* à própria Gisele Bündchen, modelo brasileira internacionalmente conhecida, e chamar a atenção dela;
- b) dar credibilidade ao *post* e ao perfil por gerar uma conexão com a pessoa retratada na postagem;
- c) engajar outros usuários que não seguem a página, uma vez que a modelo poderia, por exemplo, repostar, comentar ou agir por meio de outros gestos tecnolinguageiros na rede social, dentre outros propósitos;
- d) evocar os usuários interessados pela # utilizada, chamando atenção para a postagem, sobretudo pelo recorte temporal em que se insere a postagem, dentro de uma espécie de “campo dêitico digital” estabelecido pela similitude temática e pela replicação e viralização de *posts* com o mesmo teor.

Na postagem analisada, ao utilizar a identificação @carasbrasil, independentemente de quem produza as postagens – até porque não lidamos com o sujeito empírico que se assume como locutor – o usuário deste perfil fala sempre em nome da revista, representando o meio de comunicação pelo qual é veiculado. Os locutores-enunciadores, e os enunciadores que não atuam como locutores, são selecionados e aparecem no texto de modo a reforçar os pontos de vista assumidos pelo perfil que representa a Revista Caras. Do mesmo modo, ainda que o perfil de Gisele Bündchen não seja administrado apenas por ela, é a **identidade** dela que estará em evidência quando qualquer postagem, em qualquer formato,

for compartilhada. Isso revela como a noção de **campo dêítico** se relaciona com os textos também no **contexto digital**, pois quem quer que se instaure como locutor em determinado texto produzido no ecossistema digital também fará corresponder ao seu ato de dizer **papéis sociais e identidades** que se relacionam aos demais.

Poder-se-ia argumentar que o @, por não ser uma “forma vazia”, isto é, não poder ser preenchido por qualquer locutor que se assume como *eu*, mas, pelo contrário, estar atrelado a determinado **indivíduo que assume a identidade do perfil**, não seria dêítico. Reinvidicamos o caráter dêítico do @ por assumir a **triade de funções** elencadas no início deste trabalho: o @ tanto marca a **origo**, em termos de posicionamento metadiscursivo do “dono” do perfil quanto, em contrapartida, convoca a **interlocução**, sendo o responsável por criar a cena intersubjetiva entre o *eu* e o *tu* que interagem no **campo dêítico digital** que se cria quando essas duas instâncias são convocadas e podem se intercambiar no decorrer da interação, demonstrando o **funcionamento da dêixis em tecnotextos** e uma vasta gama de possibilidades de **efeitos de sentidos** em contexto digital.

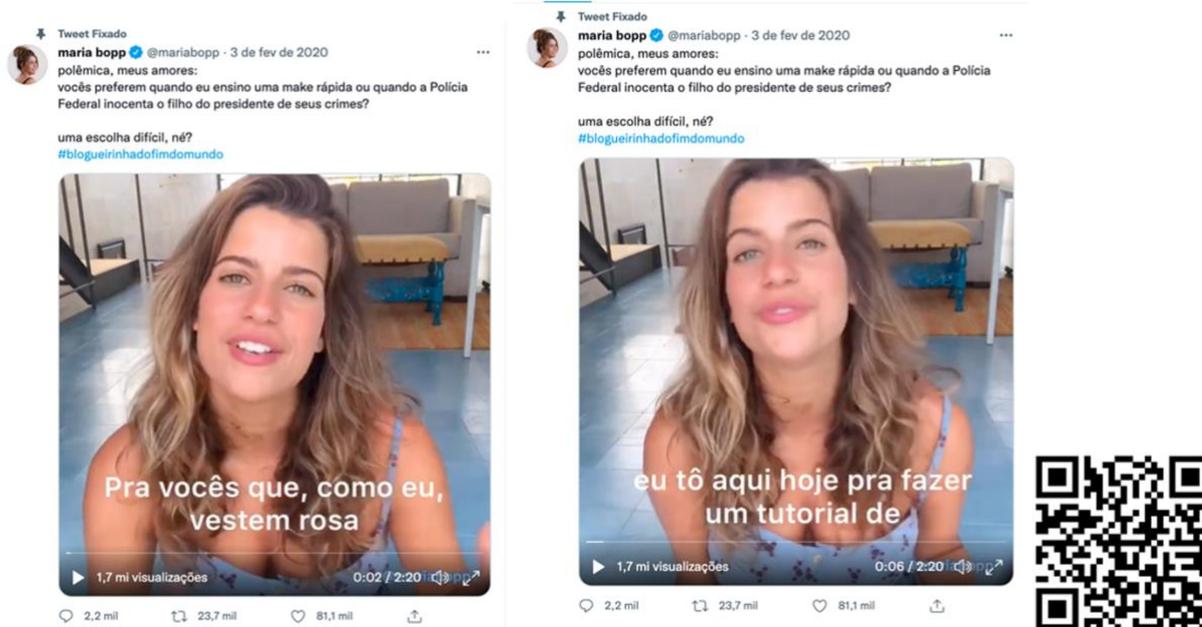
Em suma, temos observado alguns usos dêíticos que podem passar a configurar novas formas dêíticas em contexto digital. Em relação à dêixis pessoal e à dêixis social, o uso do @ como configuração do nome de usuário tem se mostrado bastante produtivo. Esse primeiro caso de forma dêítica na tecnodiscursividade está atrelado ao gesto tecnodiscursivo de “mencionar”/“marcar” e diz respeito à referência feita à segunda pessoa do discurso – por vocativo ou não – ou a uma outra pessoa qualquer, que acaba sendo engajada na cena. Esse gesto tecnodiscursivo é “dêítico” e fortemente engajador, pois o usuário mencionado é, inevitavelmente, notificado em seu perfil. É por isso que concluímos que **o @ se caracteriza como um recurso intrinsecamente dêítico em tecnotextos**.

5.5 Identidades, papéis sociais e estereótipos são assumidos tanto por indivíduos humanos quanto por indivíduos maquínicos no circuito comunicativo na tecnodiscursividade

Esta quinta seção analítica contempla principalmente interações de um modo digital que revela a **interação direta entre indivíduo humano e máquina**, em que ambos podem assumir-se como *eu* e convocar um *tu*, como assistentes virtuais, aplicativos e chatbots, tais como Siri, da Apple, Alexa, da Amazon, Bia, do Bradesco, Magalu, da Magazine Luiza, ChatGPT, da OpenAI, entre outras. Mas, antes disso, vejamos um exemplo que evidencia essas identidades por indivíduos humanos, sem que, no entanto, haja relação

com o sujeito empírico, visto que **em LT sempre lidamos com as simulações das identidades que se dão no cenário dêitico presente no circuito comunicativo.**

Figura 20 – Exemplo 14 – post com vídeo no X da Blogueirinha do Fim do Mundo



Fonte: *Print screens* de vídeo publicado no perfil de Maria Bopp no X (@mariabopp) (2022).

Nesse exemplo, trazemos uma postagem no X do perfil @mariabopp no ano de 2020. Maria Bopp é conhecida pelas sátiras, principalmente políticas, que faz a partir da identidade assumida da “Blogueirinha do Fim do Mundo” (marcada pela #, reveladora de um posicionamento e responsável por unir outros textos de Maria), aquela que, do alto dos seus privilégios, não consegue se comover – embora finja – com os problemas sociais e políticos.

Essa interação específica, em relação ao critério analítico primeiro, instaura um interlocutor a partir das marcas formais da legenda da postagem associadas às marcas imagético-sonoras e gestuais do vídeo que compõe o texto. Há um vídeo que, embora tenha sido antecipadamente planejado e gravado, está presente na própria postagem, o que revela, portanto, traços de um texto que se quer projetar como ocorrendo face a face, principalmente pelas restrições do campo dêitico digital que se revela.

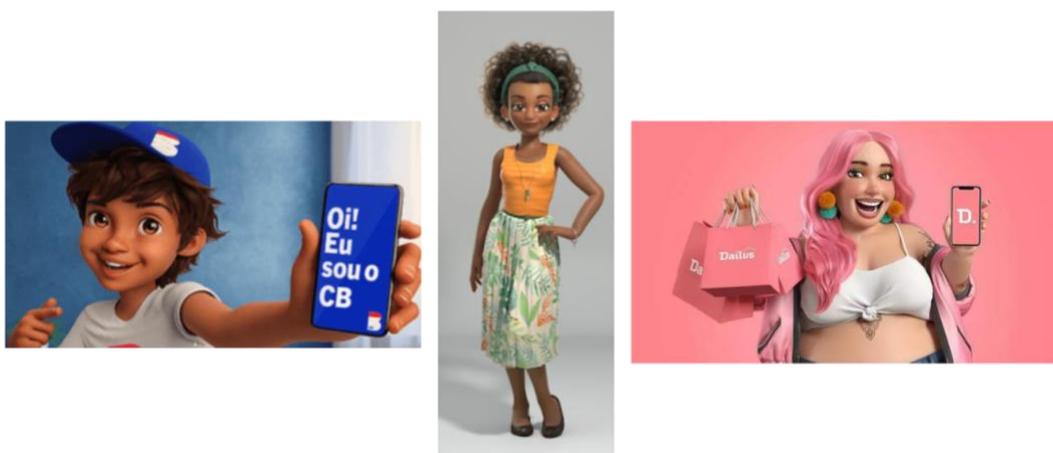
Em relação aos papéis no circuito de locutor-enunciador, podemos pensar que, na postagem, é a própria Maria Bopp que se assume como locutora, embora o faça por meio de um outro posicionamento e de uma outra voz que fala, a da Blogueirinha do Fim do Mundo. A locutora, portanto, assume os pontos de vista dessa identidade que representa. Dessa forma, a identidade assumida por Maria (o sujeito empírico) é o da Blogueirinha do Fim do Mundo, e é por isso que dizemos que, mesmo em se tratando de “duas instâncias humanas”, pouco ou

nada importa o sujeito de “carne e osso”, mas a identidade de que ele se reveste nas interações – digitais ou não.

Em relação ao campo dêitico digital criado nesse exemplo, demonstramos, por meio das capturas de tela, o tripé dêitico (*ego-hic-nunc*) explicitado pelas formas dêiticas clássicas a partir do ponto de origem de quem fala. Na primeira captura de tela, há marcações metadiscursivas que provocam um engajamento direto do “tu” (“pra vocês”) e um posicionamento explícito da locutora (“que, como *eu*”). Já na segunda, além da pessoa, há marcações linguísticas dêiticas que apresentam o tempo e o espaço da cena (“aqui hoje”). Com esse exemplo, elucidamos a complexidade do campo dêitico digital, que parte do *eu-aqui-agora* físico e se expande para o ***eu-aqui-agora digital***, fazendo com que locutores e interlocutores partilhem do mesmo “espaço-tempo” nas digitalidades.

Consideremos, agora, além do exemplo da Bia Bradesco, que foi discutido anteriormente, exemplos da relação entre identidades e indivíduos não humanos que se dá entre humanos e máquinas/computadores:

Figura 21 – Exemplo 15 – Algumas assistentes virtuais e identidades que assumem



Fonte: Google Imagens (2022).

Essas imagens indicam, respectivamente, o Baianinho, das Casas Bahia; a Nat, da Natura; e a Dai, da Dailus. Todas essas assistentes virtuais representam instituições e, embora tenham o objetivo principal de “vender”, não o fazem de forma explícita ou sem criar qualquer vínculo com o público-alvo: os consumidores, que se tornam, na verdade, “seguidores” das marcas.

Ao interagir com os prováveis consumidores e adeptos das marcas e dos produtos, essas **assistentes virtuais revestem-se da identidade e dos valores da empresa** ao mesmo tempo em que, estrategicamente, criam **identidades discursivas digitais** que quebram

padrões pré-discursivos de prestígio e se filiam às minorias. Na tecnotextualidade, muitas são as formas de interagir diretamente com o público por meio dos gestos tecnolinguageiros, mas diríamos que essas estratégias de interpelação direta (ou indireta) se aproximam do que defendemos em Martins (2019) acerca de um dos efeitos de sentido da dêixis, a saber, o da **identificação**. Ora, “se eu me identifico, eu compro, pois eu me vejo naquele personagem. Afinal, 'ele é semelhante a mim'”. Essa estratégia pode parecer, por vezes, agressiva, incomum ou, até mesmo, hipnótica, mas é exatamente o que as grandes empresas já fazem há anos! A Coca Cola, por exemplo, utiliza, fortemente, propagandas vinculadas à família e ao espírito natalino, capturando adeptos pela emoção, pelo desejo e pela identificação.

Essas assistentes virtuais do exemplo, por representarem, respectivamente, um menino nordestino (uma criança baiana), uma mulher preta²⁰ e uma mulher acima do peso e “descolada”, acabam por influenciar os interlocutores e revelam, nas próprias páginas das empresas e nos próprios perfis das marcas/assistentes virtuais, que são tão humanizadas que “se responsabilizam” por seus perfis individuais e empresariais (podendo ser até “verificadas”, item que abordaremos adiante), algo que uma máquina jamais faria. Como exemplo, apresentamos, a seguir, o perfil da Natura, cuja responsável e “cara da empresa” é a Nat Natura no X (antigo Twitter):

Figura 22 – Exemplo 16 – Perfil da Nat Natura no X



Fonte: Perfil da Natura no X (@naturabrofficial) (2022).

²⁰ Utilizamos o termo “preto”, pois, além de ser o termo utilizado no IBGE, entrou em bastante discussão principalmente após a participação do ator Babu Santana no Big Brother Brasil (BBB), fato que foi noticiado por muitos meios jornalísticos e midiáticos, como estes: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/babu-santana-diz-que-tematica-negra-esta-na-moda-mas-racismo-ainda-e-estrutural-1.3034423>, <https://www.brasildefatopr.com.br/2020/04/03/babu-tem-razao-preto-ou-negro>.

Continuemos, agora, com um exemplo sobre “a IA do momento”: o ChatGPT.

Figura 23 – Exemplo 17 – ChatGPT



Fonte: *Print screen* de interação com o ChatGPT, da OpenAI (2022).

Muito se teria a analisar nas interações que se dão entre indivíduos humanos e indivíduos não humanos como o ChatGPT. Diferentemente do que acontece com os *chatbots* e as assistentes virtuais, que têm restrições interacionais, o ChatGPT, da OpenAI, é caracterizado como uma inteligência artificial (IA/AI), isto é, quando os computadores têm capacidade de aprendizado a partir de interações que são feitas por e com os usuários do sistema.

Com dados até 2022, na atualização mais recente (ChatGPT3, versão gratuita), o *chat* é capaz de interagir com qualquer usuário sobre qualquer assunto disponibilizado no seu sistema e “aprender”, modificando-se e evoluindo, a partir dessas interações. Assim, o que geraria interações restritas para outros sistemas “menos inteligentes” é praticamente ilimitado para o dispositivo da OpenAI, que se propõe, em termos de identidade, a funcionar como um “buscador/enciclopédia”, embora possa ter também outros usos mais específicos, definidos pelos próprios usuários por meio de *prompts* na interação.

Embora a identidade primária do GPT seja a de assistente virtual, os indivíduos humanos que com ele interagem podem, a partir dos comandos dados, sugerir que ele se “revista” de outras identidades, como “professor de línguas”, “profissional de marketing” etc.

Figura 24 – Exemplo 18 – Bianca Andrade, Boca Rosa e iampink



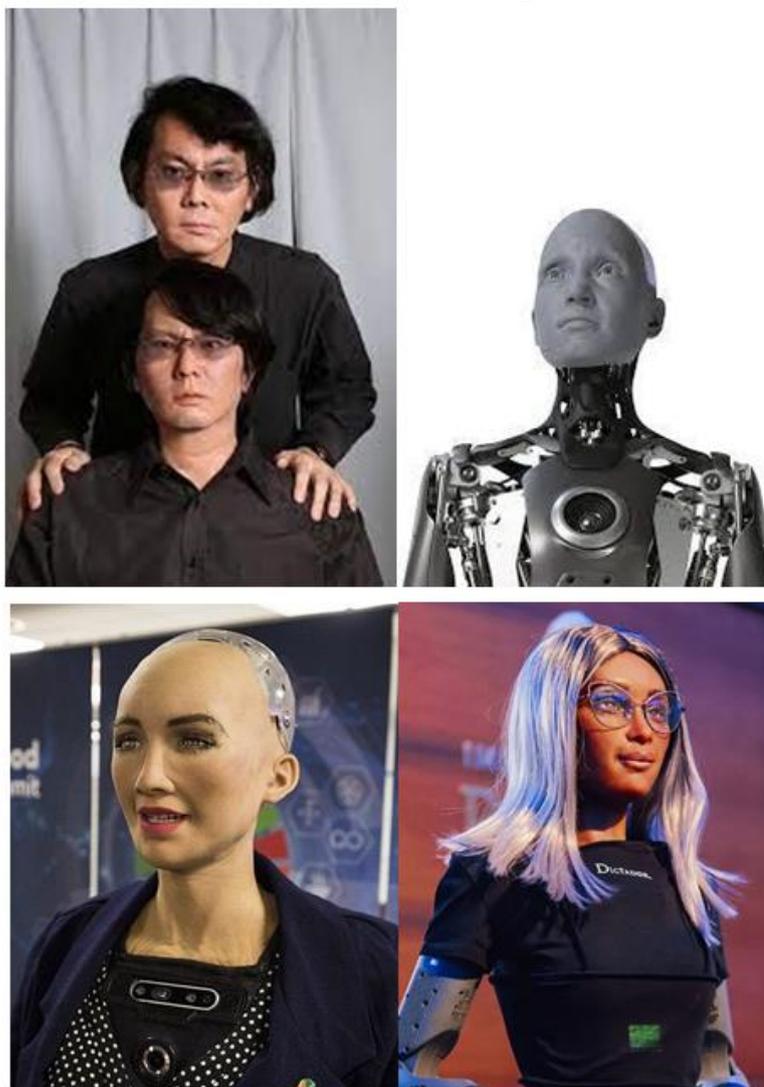
Fonte: Perfil da Bianca Andrade no Instagram (@bianca) (2022).

Nesse exemplo, trazemos uma postagem de @bianca para fazer discussões sobre o metaverso, da Meta. Nele, Mark Zuckerberg propõe vivências parecidas, embora bem mais aprimoradas, com as da realidade virtual. No metaverso, influenciadores, como a empresária Bianca Andrade, e “pessoas comuns” podem se valer de avatares que os representam em um novo “mundo”, virtual, com novas possibilidades de interação e relação.

Esse mundo representado/simulado à parte do mundo real (mas que põe em interação identidades sociais/identidades discursivas digitais) possui características próprias tanto em termos de **ações humanas e tecnolinguageiras** quanto em termos de construção de **texto, interação, gênero e campo dêítico**. Isso porque tanto o campo pode se dar apenas dentro dessa realidade virtual, quanto também pode se elastecer e relacionar os dois espaços, mundo “real” e mundo virtual, como acontece na postagem de Bianca, na qual a identidade de

Bianca/Boca Rosa é posta ao lado do avatar equivalente no metaverso. Em relação a isso, vemos que **múltiplas identidades entram em jogo e são assumidas na tecnotextualidade, tanto a do indivíduo humano quanto a do indivíduo maquínico**, a empresária e o avatar, respectivamente.

Figura 25 – Exemplo 19 – robôs e IAs na atualidade – Ameca, Sophia, Mika e os robôs de Ishiguro



Fonte: Google Imagens (2022).

Arriscamos dizer que a discussão que faremos agora talvez seja a mais desafiante em todo este trabalho de conclusão de doutorado, tanto porque poucos são os trabalhos da área que lidam com interações entre indivíduos humanos e indivíduos maquínicos como porque a atualização de novas habilidades das Inteligências Artificiais é constante. Se a parte material de um texto está apenas para “a ponta do iceberg”, poder-se-ia pensar que tratar da interação com as IAs em termos de texto e interação poderia ser aprofundar e refletir sobre

novos modos de (tecno)textualizar. No entanto, diríamos que, no mundo das possibilidades das IAs, esta é também apenas a “ponta do *iceberg*”, tendo em vista todos os interesses financeiros e todas as dificuldades éticas envolvidas nesses modos de interagir e modificar completamente o mundo, passando pelos deslumbramentos dos adeptos, o terror dos leigos e da grande massa e as inúmeras especulações religiosas e políticas.

Porém, deixar-nos-emos conduzir pelo caminho instigante – e, é claro, científico – dessas discussões, deixando tanto “*os saberes de crença*”, quanto, até mesmo, “*os saberes de conhecimento*” um pouco de lado para desbravarmos “o novo mundo”, com a precisão de uma análise bem descritiva sobre os modos de interagir com (e por meio) (d)as máquinas e/ou computadores (IHC/HCI).

Hiroshi Ishiguro é um renomado engenheiro e cientista amplamente reconhecido em todo o mundo no que diz respeito à criação de robôs e ao aperfeiçoamento das habilidades dessas máquinas. Por esse motivo, “criador e criatura” foram selecionados para inaugurar a discussão analítica deste exemplo (primeira imagem). O pesquisador tem uma vasta contribuição científica, com artigos em diversos periódicos científicos não apenas da área das engenharias, mas também em áreas mais ligadas a aspectos sociais e psicológicos.

Ishiguro aborda fatores morais e éticos, fatores emocionais e psicológicos no tratamento das IHC, uma vez que, para o autor e demais autores que trabalham em conjunto na mesma perspectiva: “as atitudes das pessoas em relação a tecnologias automatizadas, como os robôs, são diretamente influenciadas por sua inserção em determinados campos sociais, incluindo os religiosos” (Ikari *et al.*, 2023, tradução livre).

Ishiguro foi pioneiro na criação e nos estudos de robôs humanoides mais “evoluídos”, mais especificamente em relação à compreensão, gestualidade e capacidade de adequação aos contextos para interagir não apenas por meio de fala, mas também por meio de expressões faciais. As três imagens seguintes do exemplo demonstram alguns dos modelos de robôs humanoides, como a Ameca e a Sophia, que, associados a potentes inteligências artificiais, executam inúmeras atividades, inclusive a de ser CEO de uma empresa (cargo dado a uma máquina!), como é o caso da Mika (última imagem do exemplo), o que demonstra que a IHC está tão avançada e que os indivíduos não humanos estão tão habilitados a assumir identidades que chegam a desempenhar diversas funções e, conseqüentemente, associar-se a diversas identidades profissionais. Associado a isso, essas “máquinas” têm sido desenvolvidas, gradualmente, para interagirem com humanos “de igual para igual”, em termos de compreensão, cognição, produção de sentidos, demonstração de emoções, dentre outros aspectos, ainda que, aparentemente, essa ainda seja uma ideia utópica.

5.6 A indicialidade é o fator responsável por caracterizar a dêixis e o campo dêitico (digital ou não) como fundamentais a toda interação, a todo gênero e a todo texto

Sabemos que, em qualquer texto, há a relação *eu-tu* (em um determinado *aqui- agora*), e que, com o surgimento dos textos produzidos em contexto digital (os tecnotextos), os modos de apresentar essa relação pode se dar por formatos diferentes, como temos demonstrado nestas seções. Do mesmo modo, em qualquer texto, há uma união de papéis desempenhados por quem interage: ao mesmo tempo em que um indivíduo assume “a fala”, ele também assume determinados papéis e se filia a determinados pontos de vista – e sempre interage em um “jogo intersubjetivo”. No entanto, no contexto digital, de modo ainda mais amplo, estamos diante de uma multiplicidade de sistemas semióticos, e, por isso, observar não só as semioses verbal, oral e escrita, mas também a imagética (estática e dinâmica), a gestual e a sonora são fundamentais para a compreensão do que está sendo construído nessas interações, seja entre humano-humano, seja entre humanos com interferência da máquina (os algoritmos, por exemplo), seja entre humanos e máquinas ou computadores de forma direta.

É por esse motivo que interações em redes sociais, ou até mesmo fora delas, tais como *TikTok*, ou mesmo o cinema, utilizam recursos como vídeos, imagens, sons e outras ferramentas que apresentam gestos que cumprem função dêitica e outras manifestações de linguagem que revelem a subjetividade e a ostensão, a partir de uma *origo*, com utilização simultânea ou não de alguma palavra dêitica.

Se os textos sempre correspondem a uma interação entre um *eu* e um *tu* (e prováveis terceiros), estruturam-se de acordo com as práticas por meio de gêneros, eles, necessariamente, acontecem por meio do cenário dêitico criado nos circuitos comunicativos. Nas interações presenciais, por um lado, as coordenadas de pessoa, espaço e tempo são bem estabelecidas e facilmente identificáveis, pois os aspectos mais mostrativos são latentes nessas interações. Por outro lado, nos tecnotextos, o campo de coordenadas *ego-hic-nunc* pode parecer mais fluido, complexo e pouco apreensível, o que não significa, porém, que não haja o conjunto de coordenadas fundamentais (pessoa, tempo e espaço) neles também. Por isso, afirmamos, com base em Garfinkel (2006), que apresenta os fatores contextuais relacionados às situações comunicativas, que **a indicialidade é o fator responsável por caracterizar a dêixis e o campo dêitico (digital ou não) como fundamentais a toda interação, a todo gênero e a todo texto**, visto que todo texto ou tecnotexto sempre estará relacionado aos aspectos contextuais mais amplos. A seguir, demonstramos dois modos semióticos de demarcar o campo dêitico digital e de, por meio da

indicialidade, apreender fatores contextuais que contribuem, inclusive, para a negociação de sentidos e de referentes em tecnotextos.

5.6.1 O modo semiótico visual

Figura 26 – Exemplos 20 e 21 – Indicialidade, campo dêitico digital e negociação de sentidos por meio do direcionamento do olhar



Fonte: Perfil do Sou eu na vida no X²¹ (@souenavida) e Página do Facebook do Suricate Seboso²² (2022).

Nesses exemplos, que se valem de inúmeras ferramentas (verbais, imagéticas, tipográficas), incluindo o modo semiótico visual e o direcionamento do olhar, podemos perceber de que modo os recursos de linguagem instauram os interlocutores no quadro enunciativo, atualizando-se a cada interação/leitura a partir das coordenadas *ego-hic-nunc*. Isso demonstra o modo pelo qual a dêixis se configura como um recurso de linguagem fundamental a todo texto (digital ou não) e gera um campo dêitico por meio de manifestações variadas de linguagem, que, por muito tempo, foram considerados “não linguísticos”, por não estarem atrelados à forma linguística.

Esses modos e recursos são, na verdade, fundamentais para a construção de sentidos, sobretudo em tecnotextos na tecnodiscursividade. Os últimos quadrinhos de cada um desses exemplos demonstram um apelo direto ao interlocutor sem qualquer utilização de

²¹ Disponível em: <https://x.com/soueunavida/status/1306035356492607488?s=20>. Acesso em: 1º jun. 2022.

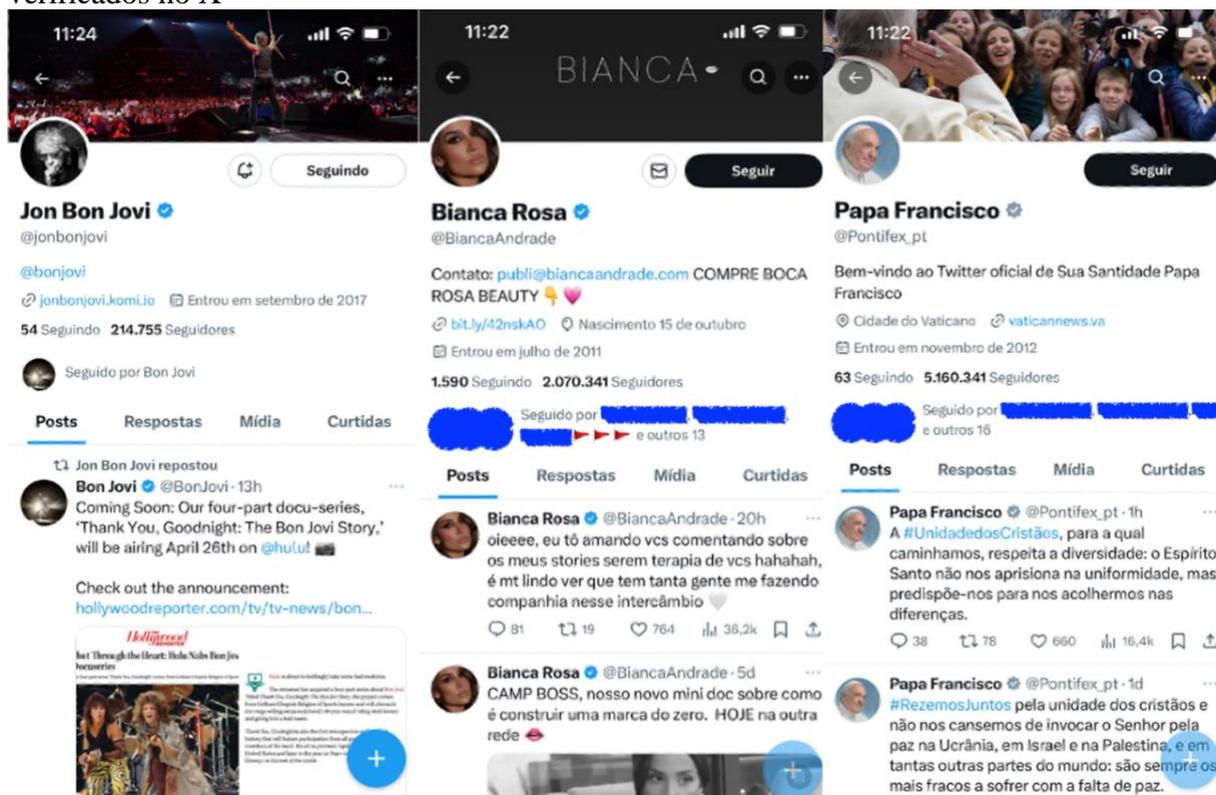
²² Disponível em: <https://www.facebook.com/suricateseboso/photos/a.255109681285034/1942747582521227/?type=3>. Acesso em: 1º jun. 2022.

recursos formais/verbais, fazendo com que o engajamento do “tu” se dê apenas e tão somente pelo **direcionamento do olhar** dos participantes da primeira interação (cachorro e bebê, na primeira imagem, e suricates, na segunda imagem, que interagem entre si).

Nesses exemplos, convém, neste momento, destacar as **camadas enunciativas** que aparecem sobrepostas na cena: nos dois primeiros quadrinhos das tirinhas, há a interação direta entre os personagens, e “aquele que lê” não é um participante direto, pois participa apenas como observador. A partir do direcionamento do olhar, já no terceiro quadrinho, o participante observador, que até então era revestido de certa “passividade” na cena, passa a ser engajado diretamente, compondo, então, uma nova camada enunciativa. Essas estratégias foram apresentadas em Martins e Almeida (2020), ligadas ao funcionamento da dêixis em textos verbo-imagéticos e são um recurso similar ao que se faz nos casos de quebra de quarta parede, já apresentada neste trabalho, uma vez que os “personagens” dirigem o olhar para o leitor, que passa a participar da cena enunciativa.

Ainda em relação ao modo semiótico visual e à indicialidade (*eu-aqui-agora*), embora implícita, presente em todos os textos, vejamos o exemplo a seguir:

Figura 27 – Exemplos 22, 23, 24, 25, 26 e 27 – a cor e os sentidos de identidades de perfis verificados no X





Fonte: Perfis do Papa Francisco, Lula, Bianca Rosa, Jon Bon Jovi, Amazon e App Store no X (2022).

Nesse exemplo, temos seis imagens divididas em três blocos de perfis verificados, isto é, perfis cuja autenticidade e veracidade são confirmadas pelo ecossistema digital. Pretendemos analisar dois pontos nelas: a **influência da cor** como ferramenta que constrói sentido na tecnodiscursividade, corroborando o que postula Paveau (2021[2017]) e as **evidências da indiciabilidade** em tecnotextos.

Primeiramente, todas essas imagens representam perfis de usuários no X, tanto de pessoas físicas quanto de empresas. Isso é explicitado pela foto, pelo nome e pela identificação de usuário por meio do @. Além das análises que já fizemos sobre as identidades associadas à escolha do @, outras ferramentas visuais do próprio ecossistema indicam e reforçam essas identidades.

Os dois primeiros blocos de perfis, representados nas quatro primeiras imagens desse exemplo, são de perfis públicos de pessoas físicas, embora elas também possam, em alguma medida, representar instituições, empresas ou marcas, como: o Papa Francisco poderia representar a igreja católica; o presidente Lula poderia representar o Partido dos Trabalhadores (PT), Bianca Andrade poderia representar a marca de maquiagem Boca Rosa e Jon Bon Jovi poderia representar a banda que leva o seu nome. O que entra em questão, neste momento, no entanto, são as cores do ícone ✓ vinculado aos perfis. Por muito tempo, em várias redes sociais o único ícone para perfis verificados era o azul, o que continua como uma

prática de outras redes sociais. No entanto, o X (antigo Twitter) passou a aplicar alguns indicadores para diferenciar tipos de contas na plataforma. É válido ressaltar que algumas dessas verificadas são atribuídas pelo próprio ecossistema, ao passo que outras são solicitadas (ou, mais recentemente, compradas por meio de assinatura) pelos próprios usuários da rede social.

A cor do ícone mais comum é a **azul**, que, por muito tempo, foi a única existente e indicava perfis que atendiam a uma série de pré-requisitos, como número de seguidores e métricas de engajamento, que eram comprovados pelos usuários para que a plataforma concedesse tal avaliação. Atualmente, esse selo verificado pode ser adquirido por meio de uma assinatura pelo público pagante. Por esse motivo, a cor azul, que já tinha uma tendência a ser a mais numerosa em perfis verificados, tem sido, cada vez mais, atribuída à maioria dos perfis, pois representa pessoas físicas, como influenciadores digitais e artistas, como no exemplo de @BiancaAndrade e @jonbonjovi.

A outra cor associada a perfis verificados de pessoas físicas é o **cinza**, atribuído a perfis cujas pessoas representam instituições religiosas ou governamentais, como o caso dos perfis @Pontifex_pt e @LulaOficial, bem como de outros representantes do governo de outros países. Esse tipo de selo é o menos comum e é cedido pela própria plataforma.

O **dourado** é a terceira cor presente em perfis verificados, como o da Nat Natura analisado anteriormente. Essa cor de verificação vem associada a um outro recurso visual em perfis do X: a foto do perfil é **quadrada**. Recebem essa cor, com selo de verificação concedido pelo X, perfis que representam empresas e instituições, como a @amazonbrasil e a @applestore, além de outras grandes empresas brasileiras e estrangeiras.

Com esses exemplos, demonstramos de que modo **a cor é significativa na atribuição de sentidos e na construção de identidades em contextos digitais**. Agora, atentemos para uma característica comum a todas as postagens que aparecem nessas imagens dos perfis, mas que são comuns também a todas as postagens nesse ecossistema: a indicação do tempo da postagem, recurso obrigatório e revelador do **caráter indicial em tecnotextos**.

Todas as postagens que aparecem nessas imagens têm um forte fator de indicialidade marcado pela indicação dêitica de tempo, excetuando-se a que aparece no perfil do Presidente Lula, visto que se trata de uma publicação fixada, isto é, uma postagem que o dono do perfil elegeu para ser a primeira a aparecer na página, e, também por isso, mais antiga e explicitada por meio de uma data fixa no calendário, o que traz uma marcação de tempo mais cronológico do que dêitico, sem perder, no entanto o caráter indicial.

Percebemos isso, pois há, nas postagens, as seguintes marcações temporais: “1h”, “1d”, “20h”, “5d”, “13h”, “45min” e “16h”, que representam o tempo em que a postagem se deu sempre em relação ao “tempo do agora” de quem acessa a plataforma, o que vai fazer com que sempre haja uma **atualização enunciativa** e, conseqüentemente, que sempre represente a indicialidade, em maior ou menor grau, em tecnotextos e nos demais textos das interações fora do ambiente digital.

5.6.2 O modo semiótico sonoro

Vejam, agora, os sentidos que se constroem por meio da **semiose sonora** em tecnotextos.

Figura 28 – Exemplo 28 – Indicialidade, campo dêitico digital e negociação de sentidos por meio de aspectos sonoros – recontextualização e construção de sentidos



Fonte: Perfil do Doutorado da Depressão no Instagram (@doutoradodadepressao) (2022).

Figura 29 – Exemplo 28 – Vídeo original da canção Lovin' you, interpretada por Minnie Riperton



Fonte: Canal do Youtube da artista Minnie Riperton (2022).

Nesse exemplo, podemos perceber de que modo os recursos de linguagem demarcam papéis e relações sociais entre os interlocutores no quadro enunciativo, atualizando-se a cada “replicação” a partir das coordenadas *ego-hic-nunc*. Essa replicação gerará, conseqüentemente, um outro campo dêitico digital, conforme se atualizem as coordenadas *eu-aqui-agora*, bem como os demais fatores indiciais. Isso demonstra também o modo como **a dêixis se configura como um recurso de linguagem fundamental a todo texto (digital ou não)**. Recursos (como o som, o gesto, o ritmo, a cor, o timbre, o olhar etc.), que, por muito tempo, foram considerados “não linguísticos” são fundamentais para a construção de sentidos, sobretudo em tecnotextos, e para revelar o orquestramento das vozes dos locutores-enunciadores.

Nesse exemplo, a música original (Figura 29) é associada aos aspectos imagéticos e às expressões faciais, e o “timbre” é responsável por, contextualmente, demonstrar as identidades de orientador e orientando de doutorado, visto que o nome da página é @doutoradodadepressão (Figura 28). Notamos, ainda, que essa “replicação”, que gera novos campos dêiticos, como acontece nesse exemplo (28), se deve ao caráter intertextual, uma vez que ocorre a transformação da música em paródia, tanto para fazer com que os interlocutores

se identifiquem na cena (Martins, 2019) ao compartilharem a postagem quanto para produzir humor (Carvalho, 2018).

5.7 Todo texto, em contexto digital ou não, corresponde a pelo menos um campo dêitico que pode se sobrepor a outros por meio das camadas enunciativas

Sigamos para mais um exemplo para analisar interações ecossistemas digitais.

Figura 30 – Exemplo 29 – *post* com vídeo no X e vídeo no YouTube



Fonte: Perfil de fãs brasileiros de Gal Gadot no e canal do Youtube homônimo (2022).

As imagens do exemplo 29 trazem postagens no X e no YouTube do perfil Gal Gadot Brasil (@GGadotBR), do dia 11 de setembro de 2022. O vídeo do YouTube, inclusive, encontra-se na postagem do X por meio do fenômeno de *linkagem*, que, segundo Paveau (2021[2017]), é um recurso responsável por gerar relacionalidade e deslinearização, por se configurar como texto digital nativo, já definido e caracterizado neste trabalho.

Quanto ao primeiro critério de análise que elegemos, há uma interação síncrona face a face entre a repórter e a atriz Gal Gadot, em que cada uma, como em uma conversa, com características dialogais, se instaura como ponto de origem a cada vez, assumindo-se como *eu* e instaurando um *tu*, ou seja, tornando-se locutor ao assumir a palavra e instaurando o outro direto como interlocutor. Simultaneamente a isso, as ideologias e os papéis se revelam nas interações, fazendo com que ambas se assumam como enunciativas no próprio dizer e

apelem para os pré-discursos construídos social e culturalmente (como o que emerge em relação à personagem de “Rainha Má”).

É também nesse ponto que os papéis e as identidades aparecem. A repórter, desempenhando esse papel, busca trazer entretenimento e profissionalismo à entrevista, enquanto Gal Gadot, ali como atriz renomada que interpretará a Rainha Má nas telonas, demonstra uma mistura de papéis em determinado momento, ao assumir-se como mãe e trazer a fala das filhas em relação à personagem, tornando-as também locutoras-enunciadoras nesse contexto.

Não queremos afirmar, com essas demonstrações, que os contratos comunicativos são estanques, fechados e inalteráveis; queremos, opostamente, dizer que, nos contratos, os circuitos se imbricam e certos “desvios” e **sobreposições de papéis, identidades e posicionamentos** podem – e costumam com muita frequência – acontecer.

Em relação às **camadas enunciativas** e à **sobreposição de campos dêiticos (digitais ou não)**, percebe-se que há um texto que foi produzido previamente (a entrevista), e outros dois criados em ecossistemas digitais que contêm o texto primeiro por meio de uma **citação**. Nesses novos textos, “a voz que fala” é a da própria identidade assumida pelo perfil Gal Gadot Brasil, que instaura a si próprio como locutor e aos seguidores (e prováveis terceiros) como interlocutores diretos ou indiretos. Há, ainda, outras enunciações possíveis nesse contexto, conforme haja mensagens tanto nos comentários do X quanto no *chat* da publicação no YouTube.

Em relação ao campo dêitico digital que se cria nos ecossistemas X e YouTube, a *origo* não é nem a repórter nem a atriz, mas aquele que se responsabiliza pelo perfil – e que utilizou a entrevista como citação para este fim. Ao mesmo tempo, a complexidade do campo dêitico digital faz com que a interação seja sempre atualizada on-line, a cada vez que algum interlocutor pressuposto “tomar a palavra”, por exemplo.

Esses são, então, apenas alguns exemplos que demonstram o porquê de afirmarmos que **todo texto corresponde a pelo menos um campo dêitico que pode se sobrepor a outros por meio das camadas enunciativas**.

Figura 31 – Exemplo 30 – entrevistas e debates presidenciais de 2022 – Presidente Lula



Fonte: Canal do G1 no Youtube (2022).

Figura 32 – Exemplo 31 – Entrevistas e debates presidenciais de 2022 – candidato Ciro Gomes



Fonte: Canal do G1 no Youtube (2022).

Figura 33 – Exemplo 32 – entrevistas e debates presidenciais de 2022 – candidatos Lula e Bolsonaro



Fonte: Canal do G1 no Youtube (2022).

As imagens buscam demonstrar de que modo quadros enunciativos podem se sobrepor, gerando camadas enunciativas, isto é, interações múltiplas proporcionadas por diferentes campos dêiticos digitais ou não. Assim, no circuito comunicativo, ao passo que um locutor toma a palavra, ele instaura um interlocutor e prevê também um provável “Terceiro”. Simultaneamente a isso, ambas instâncias que tomam fala assumem papéis e identidades que representam seus posicionamentos.

Trouxemos apenas alguns dos muitos exemplos para representar um fenômeno bastante comum e um recurso muito utilizado pelos candidatos presidenciais durante as entrevistas e os debates em diversos canais de comunicação no ano de 2022. Durante as entrevistas, todos os candidatos, sem exceção, agiram de modo a, em determinados momentos, **interagir diretamente com os entrevistadores** e, em outros momentos, **interagir diretamente com o público** que assistia apenas “passivamente” à entrevista. Colocamos as aspas por acreditar que os telespectadores poderiam criar outros **campos dêiticos** e outras interações, física ou digitalmente, por meio de conversas com os familiares presencialmente, interações em grupos de *WhatsApp*, postagens no X ou no Instagram etc.

O recurso que o presidente Lula utilizou nessa entrevista, à época como candidato, bem como o que os demais candidatos utilizaram foi o mesmo daquele utilizado no processo de quebra de quarta parede, já demonstrado neste capítulo. Por meio dos “olhares dêiticos”, os candidatos engajavam metadiscursivamente o público que estava do outro lado da telinha, ao mesmo tempo em que faziam com que eles se envolvessem na cena e, possivelmente, ganhavam eleitores e votos, sobretudo aqueles que se colocavam como “terceiro”, não apenas por não ter direito à fala na enunciação primeira, mas também por ser aquele a quem o locutor direto busca “arrebanhar” (Cavalcante *et al.*, 2022), em uma tentativa de influência.

O circuito comunicativo rege a relação entre os interlocutores, mas também o modo de se portar em respeito a todo o contrato. Por exemplo, na entrevista do candidato Ciro Gomes, o presidenciável, em alguns momentos, se referiu ao candidato Jair Bolsonaro como “O Senhor Presidente [...]”, “Vi o cidadão aqui ontem”, comprovando o que dissemos em Martins (2019) acerca dos **dêiticos sociais** e de outros modos de referir que expressam posicionamentos, apesar daquilo que se diz na expressão. Assim, **mesmo tendo usado formas linguísticas aparentemente polidas, os sentidos podem soar impolidos** o que comprovamos em Martins (2019) ou, até mesmo, violentos (Fernandes, no prelo), tanto em interações fora do ambiente digital, mas também dentro do ambiente digital, como demonstramos em apresentações anteriores, como Martins e Araújo (2023).

O circuito e o campo dêitico são responsáveis por indicar tanto os papéis de locutor-interlocutor quanto os enunciadores do dizer daqueles que participam diretamente da interação *eu-tu*. Em uma mesma interação, no entanto, os interlocutores podem se revestir de diferentes identidades com vista a gerar efeitos possíveis no auditório. Nas entrevistas de 2022, por exemplo, o então candidato Lula se posicionava ora como candidato e líder populista, ora como ex e futuro presidente do Brasil; o candidato Ciro Gomes se posicionava ora como candidato “ficha limpa”, ora como grande conhecedor político; o candidato Jair Bolsonaro se posicionava ora como presidente do país, ora como opositor ferrenho de Lula. Ou seja, os presidenciáveis, embora estivessem no mesmo papel de candidato e entrevistado, se valiam de inúmeras estratégias textuais e argumentativas para confirmar o *ethos* e fortalecer a identidade que seus eleitores têm – e que o terceiro poderia ter.

Assim, **algumas estratégias como o direcionamento do olhar, o uso de dêiticos pessoais e sociais colaboram para gerar camadas enunciativas e a sobreposição de campos dêiticos.**

6 ALGUMAS CONCLUSÕES – O TRABALHO CONTINUA

“*Eu inventei uma coisa nova [...] Não é simétrica ou perfeita, mas é mágica e é minha.*”
(*Larissa Cardoso, canção do filme Encanto*)

A partir das reflexões teóricas e das observações analíticas que fizemos até aqui, chegamos a estas conclusões, que orientaram nosso percurso analítico:

- a) propomos a **noção de campo dêitico digital** para reclamar a expansão, em contexto digital, da tríade *eu-aqui-agora* e seus derivados;
- b) consideramos os novos modos pelas quais **os sujeitos (re)constroem o quadro enunciativo**, no entanto, sem que haja uma ampliação enunciativa;
- c) comprovamos o caráter interdisciplinar da linguística textual, relacionando alguns fatores que se imbricam, como a **tríade social-discursiva-tecnológica**;
- d) destacamos a **menção por meio do @**, enquadrando-a como um fator intrinsecamente dêitico, ainda que não haja uma interpelação direta a um “tu”, visto que aquele que é mencionado por meio desse gesto tecnolinguageiro é notificado e, conseqüentemente, engajado metadiscursivamente;
- e) demonstramos que as **identidades e os papéis sociais**, tanto de locutor quanto de enunciador, podem ser reveladas e assumidas tanto por **indivíduos humanos** quanto por **indivíduos não humanos** no circuito comunicativo;
- f) comprovamos que a **indicialidade** é o conceito que torna a **dêixis um fenômeno de linguagem** presente em todo texto, em todo gênero e em toda interação, digital ou não;
- g) postulamos o conceito de **camadas enunciativas** para considerar as interações que podem se sobrepor, correspondendo a diferentes campos dêíticos a partir das coordenadas *eu-aqui-agora*;
- h) indicamos, por fim, que todo **texto**, além de corresponder a uma **interação** e a um **gênero**, também corresponde, necessariamente, a pelo menos um **campo dêitico**, digital ou não.

Ademais, ressaltamos que esta tese inova em alguns aspectos, pois:

1. ela redefine conceitos ligados à enunciação, à referenciação, à enunciação e à dêixis, observando-os na **tecnodiscursividade**;

2. a coleta respeita o contexto de origem dos textos para o *corpus*, como sugere Émérít (2017), e utiliza, para isso, o recurso do **QR-Code**;
3. a tese cria dois novos termos: **campo dêítico digital**, o espaço-tempo compartilhado digitalmente, e **camadas enunciativas**, interações que podem se sobrepor no mesmo texto, ou no espaço maior da interação como um todo;
4. o trabalho busca explicações para o uso de **sistemas semióticos não verbais**, para entender como eles colaboram para a interatividade e para o desenvolvimento argumentativo do texto;
5. a tese pondera sobre **recursos tecnológicos digitais que cumprem função dêítica**, para além das formas verbais;
6. o trabalho defende a relevância de se analisar a **participação de locutores, interlocutores diretos e terceiros como agentes que assumem identidades discursivas digitais, não importa que sejam humanos ou máquinas**, dentro do hibridismo do tecnodiscurso e da simbiose humano-máquina.

Como sugestões para trabalhos futuros, pensamos que cada um dos oito tipos dêíticos elencados por Martins (2019) possam ser verificados e aprofundados a partir do redimensionamento da dêixis na tecnodiscursividade. Além disso, convém pensar nas estratégias de produção de sentido e de tentativa de influência do outro que podem se revelar nos ecossistemas digitais, a partir, por exemplo, do uso do @ e da #, com vista a agrupar textos, arrebanhar o terceiro ou, até mesmo, ferir diretamente a face do interlocutor direto, como uma demonstração da (im)polidez e da desqualificação do outro.

Esta pesquisa deixa, aos estudos linguístico-textuais, que hoje lidam com uma ecologia dos discursos e aceitam o hibridismo das ações tecnolinguageiras, um conceito de dêixis mais amplo, que define um ponto de referência, uma *origo*, para cada camada enunciativa; e uma concepção mais pontualizada de dêixis como fenômeno referencial híbrido, que pode introduzir referentes ou retomá-los anaforicamente.

Em uma visão antropológico-textual da dêixis, repetimos, com Hanks (2008), que o olhar para esse fenômeno não pode limitar-se à situação imediata e deve abranger todo o cenário do ato de linguagem, que inclui, além dos papéis de locutor-enunciador, interlocutor-enunciador e terceiro, as identidades discursivas que os sujeitos tentam legitimar no texto. Tais identidades podem ser assumidas tanto por humanos e máquinas e evidenciam a intrínseca relação entre aspectos da (tecno)textualidade, da interdiscursividade, da (tecno)discursividade e da argumentatividade.

REFERÊNCIAS

ADAM, J-M. **Textos**: tipos e protótipos. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.

ALMEIDA, E. C. de. **Argumentação e multimodalidade**: análise de processos referenciais em textos da rede social X. 2023. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/75599>. Acesso em: 7 dez. 2023.

AMOSSY, R. Argumentação e Análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 1, n. 1, p. 129-144, 1 nov. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/389>. Acesso em: 20 jun. 2022.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2017.

ARAÚJO, J.; PIMENTA, A. A.; COSTA, S. A proposta de um quadro norteador de pesquisa como exercício de construção do objeto de estudo. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 175-188, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/x6bzHJBc6XsHm3SZT9bNg6M/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BEAUGRANDE, R. A. **New foundations for a science of text and discourse**: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society. Norwood, New Jersey: Ablex, 1997.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral**. 2. ed. Tradução Maria Glória Novak e Maria Luiza Neri; revisão Isaac Nicolau Salum. Campinas: Pontes. 2v. Título original: *Problèmes de linguistique générale*. 1988.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Trad. Fábio Creder. Editora Vozes. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2019[1981].

BRAIT, B. O texto nas reflexões do Círculo e de Bakhtin. *In*: BATISTA, R.de O. **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 13-30.

BÜHLER, K. **Sprachtheorie**: Die Darstellungsfunktion der Sprache. Jena: Fischer. 1934.

CAMUS, L.; MONDADA, L. L'anaphore à distance : enjeux multimodaux, épistémiques et normatifs em interaction. **Langue française**, n. 210, p. 77-100.10.3917/lf.210.0077. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/352314501_L'anaphore_a_distance_enjeux_multimodaux_epistemiques_et_normatifs_en_interaction. Acesso em: 7 jun. 2022.

CARVALHO, A. P. L. de. **Sobre intertextualidades estritas e amplas**. 2018. 136f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em

Linguística, Fortaleza (CE), 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39589>. Acesso em: 5 jun. 2023.

CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contextos de uso**: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. 2000. 218 f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras, Doutorado em Linguística, Recife, 2000. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/19379>. Acesso em: 7 jan. 2021.

CAVALCANTE, M. M. Referentiality. *In*: JUNGBLUTH, K.; DA MILANO, F. (org.). **manual of deixis in romance languages**. Berlin/Boston: De Gruyter. 2015.

CAVALCANTE, M. M. Referenciação. *In*: AZEVEDO, T. M. de; FLORES, V. do N. (org.). **Estudos do discurso**: conceitos fundamentais. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2024.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez Editora. 2014.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. *In*: MARQUESI, Sueli Cristina *et al.* **(Con)textos Linguísticos**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

CAVALCANTE, M. M.; MARTINS, M. A. Referenciação: em síntese. *In*: LIMA, A. H. V.; SOARES, M. E.; CAVALCANTE, S. A. S. (org.). **Linguística Geral**: os conceitos que todos precisam conhecer. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

CAVALCANTE, M. M.; MARTINS, M. A. relação entre deixis e metadiscursividade. 2020. **Revista de Letras**, n. 39, v. 2, jul./dez. 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/57746/1/2020_art_mmcavalcantedemartins.pdf. Acesso em: 7 dez. 2023.

CAVALCANTE *et al.* **Linguística Textual**: conceitos e aplicações. Pontes Editores. 2022.

CAVALCANTE, M. M. BRITO, M A P.; MARTINS, M. A. O funcionamento pré-discursivo e as estratégias textuais. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 68-85, 2024. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v37i1p68-85. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/213925>. Acesso em: 15 mar. 2024.

CAVALCANTE, M. M.; MARTINS, M. A.; MUNIZ-LIMA. (no prelo) Interação e enunciado – por uma definição de campo dêitico digital (no prelo)

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. O contrato de comunicação na sala de aula. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 37, n. 1, p. 1–14, 2012. DOI: 10.5216/ia.v37i1.18861. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/18861>. Acesso em: 15 maio 2021.

CHARAUDEAU, P. Por uma interdisciplinaridade “focalizada” nas ciências humanas e sociais. *In*: MACHADO, I.; COURA-SOBRINHO, J.; MENDES, E. (org.). **A**

transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em estudos da linguagem. Belo Horizonte, Netii Fale/UFMG, 2013.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

CERVONI, J. **A enunciação.** Ática, 1989.

CIULLA, A. **A referenciação anafórica e dêitica** – com atenção especial para os dêiticos discursivos. 2002. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

CIULLA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos.** 2008. 207 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3615>. Acesso em: 14 abr. 2022.

CIULLA, A. Sobre a definição de dêixis a partir de “A natureza dos pronomes”. **Revista Desenredo**, Revista Desenredo, Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 364-379, 2018. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8581>. Acesso em: 14 set. 2022.

CIULLA, A. Sobre a noção de dêixis e critérios de tipologias dêiticas. In: FARIA *et al* (org.). **JORNADA DE LINGUÍSTICA TEXTUAL: diálogos em estudo da linguagem**, 1., 2019, São Luís: EDUFMA, 2019.

CIULLA, A. A dêixis: fenômeno referencial ou enunciativo?. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; CORTEZ, S. L. (org.). **Revista Investigações**, Recife, v. 33, n. especial, Texto: gêneros, interação e argumentação – III Workshop de Linguística Textual, p. 200-216, 2020. DOI: <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2020.244455>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/244455>. Acesso: 10 set. 2022.

CORNILLIE, B.; DE COCK, B. Ways of encoding attention to the interlocutor in contemporary spoken Spanish. **Spanish in Context.**, v. 12, n. 1, p. 1-9. 2015. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/sic.12.1.01cor>. Acesso em: 5 jul. 2020.

CUSTÓDIO FILHO, V.; CAVALCANTE, M. M. Ponto de Vista em Linguística Textual: Efeitos Argumentativos e Aplicações no Ensino de Língua Portuguesa. **Revista Ensin@UFMS**, v. 4, n. 8, p. 379-403, 31 dez. 2023. Disponível em: 5 jan. 2024.

DANTAS, Y. **Simulacros enunciativos e efeitos de blindagem no discurso humorístico.** 2018. 120 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32391/3/2018_tese_ydvalerio.pdf. Acesso em: 5 ago. 2021.

DUCROT, O. **O dizer e o dito.** Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

ÉMÉRIT, L. La publication multisite: un objet linguistique qui interroge les notions de texte et de contexte dans les environnements numérique. **Essais [En ligne]**, v. 12, 2017. DOI : <https://doi.org/10.4000/essais.3026>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/essais/3026>. Acesso em: 12 abr. 2020.

ESTEVEVES, L. B. **Funções discursivas dos processos referenciais de encapsulamento em artigos de opinião**. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22250>. Acesso em: 6 set. 2020.

EVERETT, D. L. **Linguagem: a história da maior invenção da humanidade**. São Paulo: Contexto, 2019.

FERNANDES, J. O. **A textualização da impolidez/violência** (Prelo). Tese (Doutorado em linguística) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-Ce.

FILLMORE, C. J. Some problems for case grammar. **Monograph series on languages and linguistics**, v. 24, p. 35-56, 1971.

FARIA, M. G. dos S. **A metadiscursividade em redações dissertativas de vestibulandos**. 2009. 82 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza-CE, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6612>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FONSECA, F. I. **Dêixis, tempo e narração**. Porto: Fund. Eng. António de Almeida. 1989.

GARFINKEL, H. **Studios en etnometodologia**. Barcelona: Anthropos, 2006.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, 273 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HANKS, W. F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. Tradução Ana Cristina Bentes, Renato Resende, Marco Antonio R. Machado. São Paulo: Cortez, 2008, p. 118-168.

HYLAND, K. Stance and engagement: a model of interaction in academic discourse. **Discourse Studies**, v. 7, n. 2, p. 173-192, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461445605050365>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461445605050365>. Acesso em: 6 mar. 2021.

IKARI, S. *et al.* Religion-related values differently influence moral attitude for robots in the United States and Japan. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 54, n. 6-7, p. 742-759, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/00220221231193369>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/00220221231193369>. Acesso em: 7 dez. 2023.

LEVINSON, S. C. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LYONS, J. **Semantics**: Volume 2. Cambridge university press, 1977.

MAINGUENEAU, D. CHARAUDEAU, P. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

MARTINS, M. A. **A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais**. 2019. 142 f – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/42634>. Acesso em: 5 set. 2020.

MARTINS, M. A. **Dêixis como fenômeno de linguagem**. Comunicação oral apresentada via plataforma digital do Google Meet no Fórum de Debates do Grupo Protexto, 2021, Fortaleza.

MARTINS, M. A. Redimensionando a noção de dêixis: o @ como recurso dêitico na tecnodiscursividade. **Revista da Anpoll**, v. 54, n. 1, e1897, 2023. DOI: <https://doi.org/10.18309/ranpoll>. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/download/1897/1388/7404>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MARTINS, M. A.; MARIANO-ARAÚJO, R. H. **Dêixis e impolidez**: uma noção argumentativa de enunciados impolidos no ambiente digital. 2023. Trabalho apresentado Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação, 5., 2023, São Paulo: PUC.

MARTINS, M. A.; ALMEIDA Dêixis e contato pelo olhar: um estudo de referenciação e gramática do design visual em textos verbo-imagéticos. *In*: SILVA, J; MARTINS, M. A. (org.). **Estudos linguísticos**: (Novos) caminhos. 1ª. ed. Pará: Editora Itacaiúnas, 2020.

MONDADA, L. **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir**: approche linguistique de la construction des objets de discours. Lausanne: Université de Lausanne, 1994.

MONDADA, L. Social Interaction. *In*: JUNGBLUTH, K.; DA MILANO, F. (org.). **Manual of deixis in romance languages**. Berlin/Boston: De Gruyter. 2015.

MUNIZ-LIMA, I. **Modos de interação em contexto digital**. Tese de doutoramento em Linguística (cotutela) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Departamento de Linguística, 2022. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/137024>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MUSSALIM, F. A dimensão discursiva da cognição ou a dimensão cognitiva do discurso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 60, n. 2, p. 400-413, 2018. DOI: 10.20396/cel.v60i2.8651036. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327356071_A_dimensao_discursiva_da_cognicao_ou_a_dimensao_cognitiva_do_discurso. Acesso em: 7 maio 2022.

PAVEAU, M-A. **Os pré-discursos**: sentido, memória, cognição. Trad. G. Costa, d. Massmann. Campinas: Pontes, 2013. [2006].

PAVEAU, M-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. **Organização da tradução** Julia Lourenço e Roberto Baronas. 1ª. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. [2017]

RABATEL, A. **Homo narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa (Volume 2). Pontos de vista e lógica da narração: teoria e análise. Tradução Maria das Graças Soares, Rodrigues, Luís Passeggi, João Gomes da Silva Neto; revisão técnica João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Editora Cultrix, 2012.

SILVA NETO, J. M. Dêixis temporal e pessoal na construção da argumentatividade em artigos de opinião. **Entrepalavras**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 270-286, abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-11413>. ISSN 2237-6321. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1413>. Acesso em: 19 nov. 2020.

THIELEMANN, N. Arguing with scenarios. **Zeitschrift fur Slawistik**, v. 51, n. 2, p. 127-152, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/298538266_Arguing_with_scenarios. Acesso em: 3 set. 2020.

TECNOLÓGICO. In: Infopédia Dicionários Porto Editora. Porto: Porto Editora, 2024. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/vocabulario/tecnológico>. Acesso em: 6 nov. 2022.

WHITNEY, W. D. **A vida da linguagem**. Tradução Marcio Alexandre Cruz. Petrópolis, RJ: Vozes, [1875] 2010.

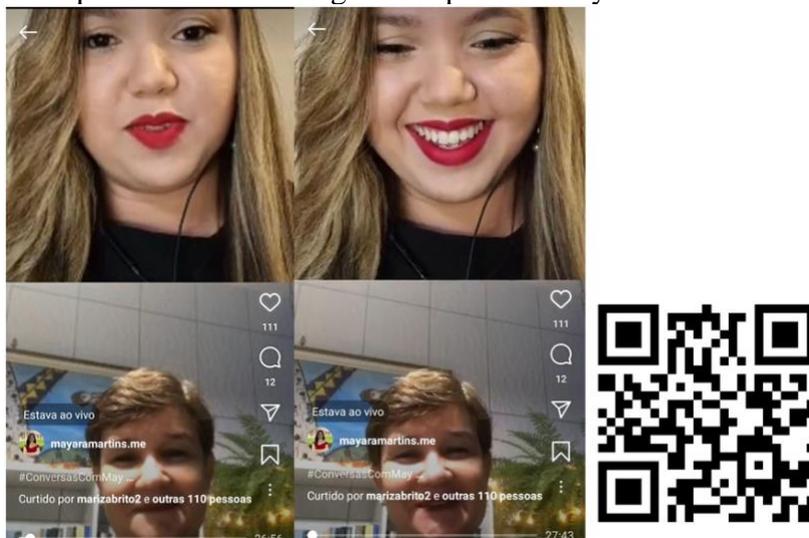
GLOSSÁRIO – MARTINS, M. A.²³

- **Análise ampla do enunciado:** fenômeno que não descarta a enunciação, nem como ato de um locutor se instituir como sujeito, nem como uma ação que envolve sujeitos de dupla face: como de locutor (que fala) e de enunciador (que expressa ponto de vista). A enunciação engloba todos os aspectos sócio-discursivo-tecnológicos envolvidos no enunciado-texto, resultado do ato de linguagem de enunciar.
- **Camadas enunciativas:** termo utilizado para englobar os diversos papéis que os agentes assumem, simultaneamente, nos textos, que se manifestam a partir da instauração de uma *origo* e marcam, ao mesmo tempo, interações múltiplas proporcionadas por diferentes campos dêiticos (digitais ou não) que acontecem quando mais de uma enunciação se dá ao mesmo tempo.
- **Campo dêitico digital:** “espaço” criado a partir de um centro de coordenadas fundamentais, cujo centro é o locutor como *origo* da cena enunciativa, por meio de recursos próprios aos ecossistemas digitais, que geram novos modos de interagir, de referenciar e de argumentar, uma vez que, nesse contexto digital, deve-se considerar tudo aquilo que é incorporado no processo de criação do sistema de coordenadas eu-aqui-agora por meio de recursos digitais e tecno-lógicos não previstos no contexto pré-digital e não contemplados nas outras investigações acerca do contexto e do campo dêitico, fazendo com que locutores e interlocutores partilhem do mesmo “espaço-tempo” nas digitalidades.
- **Dêixis:** fenômeno que não descarta as marcas da língua e as coordenadas de pessoa, tempo e espaço, mas que agrega a esse campo *ego-hic-nunc* inúmeros recursos de linguagem referentes ao contexto, à enunciação e à situação sob uma perspectiva ampla, considerando os papéis sociais que os interlocutores assumem ao interagirem, sempre negociando, por meio de textos.
- **Tecnotexto:** conceito que especifica os textos produzidos em ambiente digital, que, embora se definam pelos mesmos critérios da definição de texto, apresentam, como peculiaridade, o fato de contemplarem principalmente as interações on-line na internet, o que possibilita o funcionamento de recursos próprios desse ambiente de produção, recepção, circulação e co-construção de sentidos.

²³ Optamos por trazer um glossário para demonstrar de que modo conceituamos algumas noções que estão sendo problematizadas, redimensionadas e/ou postuladas pela autora neste trabalho.

ANEXOS – CORPUS DE INTERAÇÕES DIGITAIS

Exemplo 1 – live no Instagram no perfil @mayaramartins.me



Fonte: Print screens de live no Instagram hospedada no canal do Youtube Mayara Martins (2024). A live, intitulada “Referenciação: sobre as coisas a serem ditas”, foi transmitida no dia 04 de junho de 2020, às 20h.

Exemplo 2 – “Dead Pum” e a Turma da Mônica – exemplo estático



Fonte: Página do X (Antigo Twitter) da Turma da Mônica (2022).

Exemplo 3 – Teen Titans Go em português – Episódio “Quebrando a quarta parede!” – exemplo dinâmico



Fonte: Canal do Youtube da DC Kids Brasil (2022)

Exemplo 4 – Tirinha do Armandinho em um blog e no Facebook



👍👎❤️ [redacted] e outras 13 mil pessoas

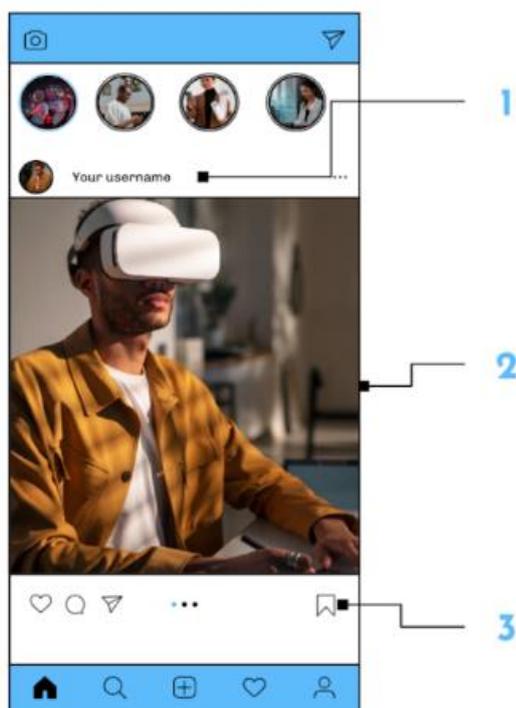
👍 13.381

💬 227

🔄 22.338

Fontes: *Blog do Professor Diego*²⁴ e Página do Facebook do Armandinho (2022).

Exemplo 5 – Esquema de itens em redes sociais



Fonte: elaborado pela autora

²⁴ Disponível em: <https://diogoprofessor.blogspot.com/2019/08/atividade-de-interpretacao-de-uma.html>. Acesso em: 1º jun. 2022.

Exemplo 6 – perfil no X @funceme



funceme
@funceme

Boa noite. Como foi de Dia das Mães? Teve muita gente só poitando comida, hein. Tô ligada :P

Pra segunda, o cenário meteorológico deverá ser semelhante ao observado hoje, ou seja, céu com cobertura variada e chuvas isoladas, principalmente mais a norte do Estado. 🌧️

8:43 PM · 8 de mai de 2022 · Twitter Web App

1 Retweet · 1 Tweet com comentário · 150 Curtidas

Tweete sua resposta Responder

[Redacted] · 8 de mai
Em resposta a @funceme
Hoje trabalhei tranquila ,nem ventilador precisou ,não estava quente 🙌, amiga @funceme a teimosa da ZCIT já pegou a BR?

Fonte: Perfil da Funceme no X (@funceme) (2022).

Exemplo 7 – perfil humorístico no X



Mark Zuckerberg
@marckzuckerberg

Foi mal galera, desliguei os fios da tomada sem querer

2:33 PM · 4 de out de 2021 · Twitter for iPhone

2.895 Retweets · 463 Tweets com comentário · 16,4 mil Curtidas

Fonte: Perfil *fake* Mark Zuckerberg no X (@marckzuckerberg) (2022).

Exemplo 8 – @OCriador



O Criador
@OCriador

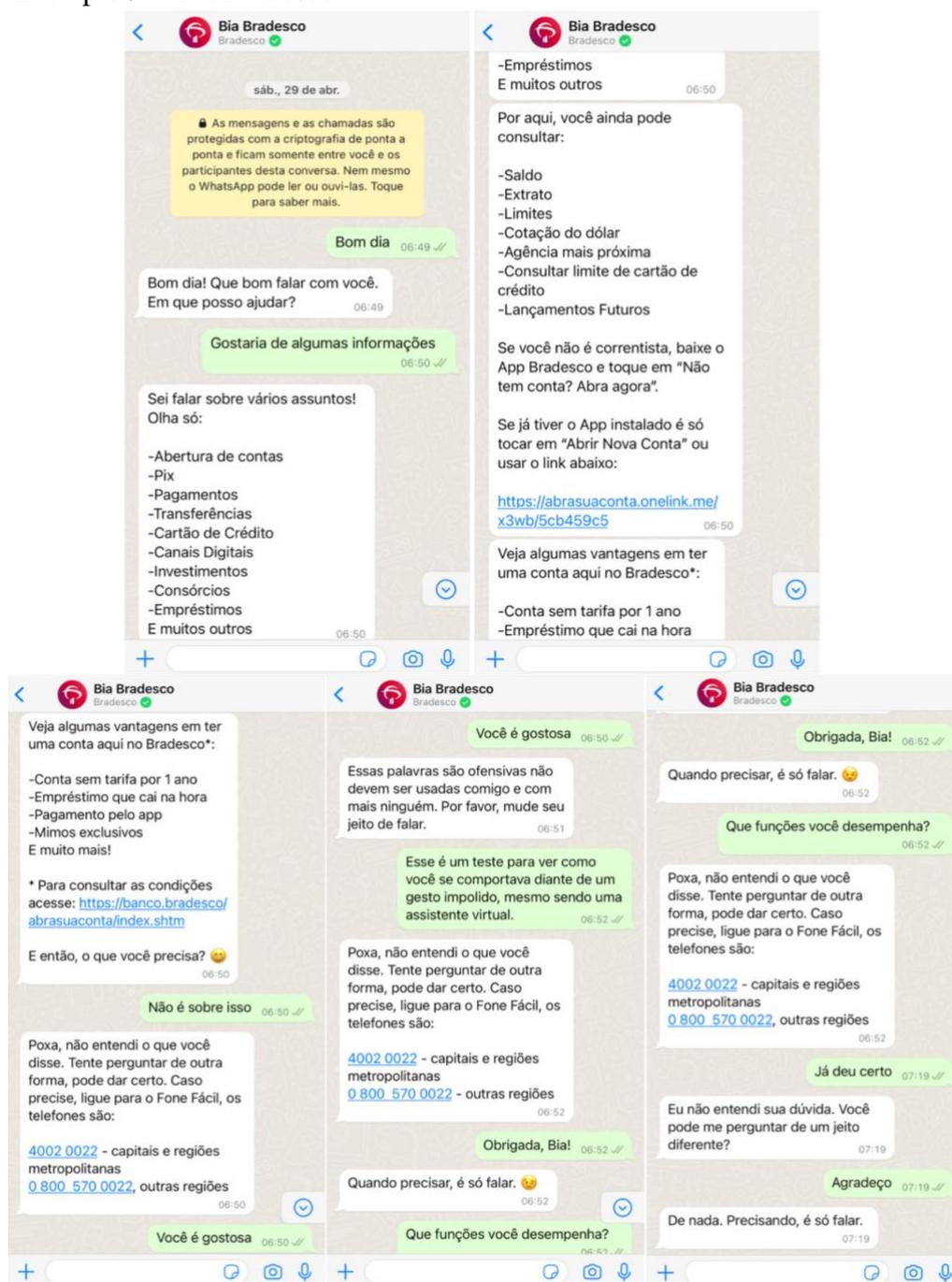
Onipresente, Onisciente, Onipotente e Online.
CEO do CÉU. Contato: ✉️ sacdivino@gmail.com
Embaixador @Dux_Cripto / Mod @SixthReseau
[#web3](#)

📄 Escritor 📍 Brasil 🔗 opensea.io/OCriador
📅 Entrou em dezembro de 2008

5.887 Seguindo · 3.075.168 Seguidores

Fonte: Perfil do O Criador no X (@OCriador) (2022).

Exemplo 9 – Bia Bradesco



Fonte: *Print screens* de telas do atendimento da Bia Bradesco pelo Whatsapp (2022).

Exemplos 10, 11 e 12 – stories de @mayaramartins.me instaurando @nocasomila, @cantordaniel, @brauliobessa



Fonte: acervo da autora.

Exemplo 13 – @gisele na @carasbrasil



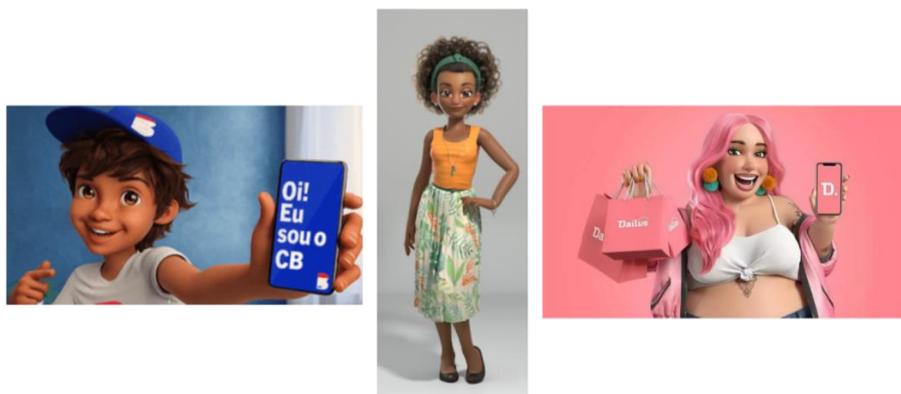
Fonte: Perfil do Revista Caras no Instagram (2022).

Exemplo 14: post com vídeo no X da Blogueirinha do Fim do Mundo



Fonte: Print screens de vídeo publicado no perfil de Maria Bopp no X (@mariabopp) (2022).

Exemplo 15 – Algumas assistentes virtuais e identidades que assumem



Fonte: Google Imagens (2022).

Exemplo 16 – Perfil da Nat Natura no X



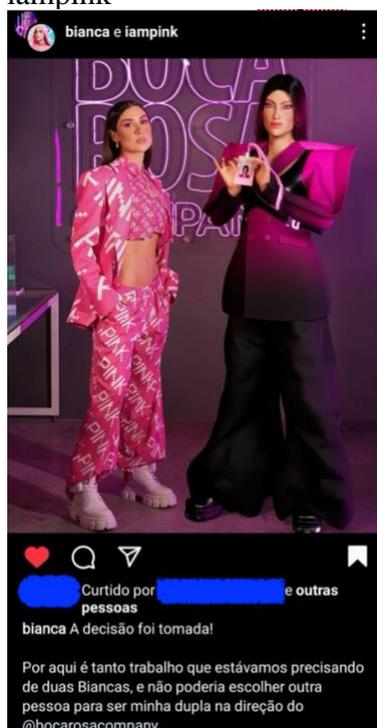
Fonte: Perfil da Natura no X (@naturabrofficial) (2022).

Exemplo 17 – ChatGPT



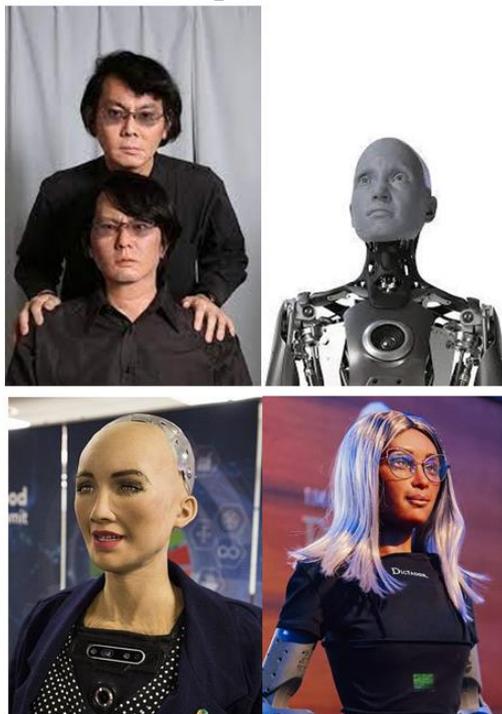
Fonte: *Print screen* de interação com o ChatGPT, da OpenAI (2022).

Exemplo 18 – Bianca Andrade, Boca Rosa e iampink



Fonte: Perfil da Bianca Andrade no Instagram (@bianca) (2022).

Exemplo 19 – robôs e IAs na atualidade – Ameca, Sophia, Mika e os robôs de Ishiguro



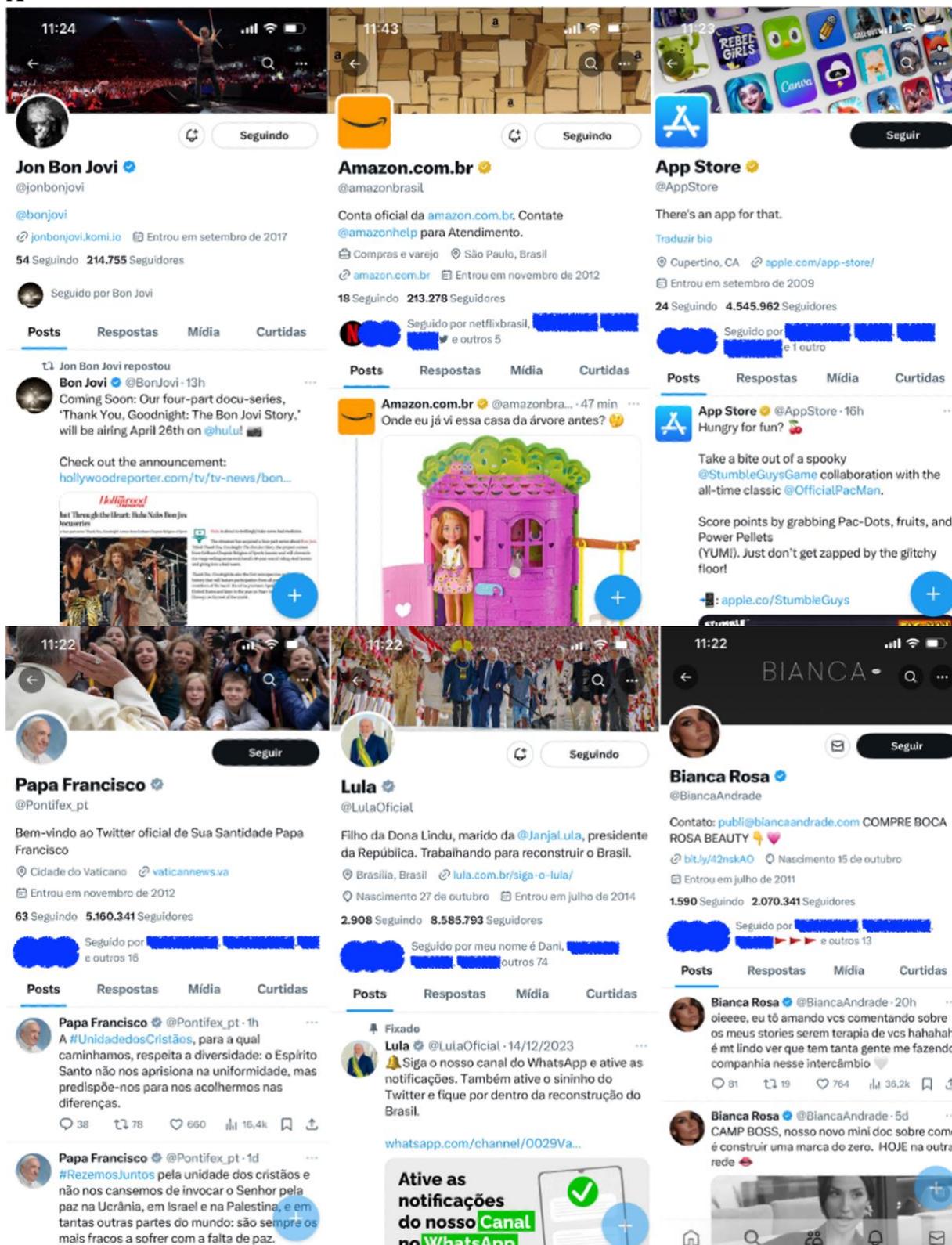
Fonte: Google Imagens (2022).

Exemplos 20 e 21 – Indicialidade, campo dêitico digital e negociação de sentidos por meio do direcionamento do olhar



Fonte: Perfil do Sou eu na vida no X (@souenavida) e Página do Facebook do Suricate Seboso (2022).

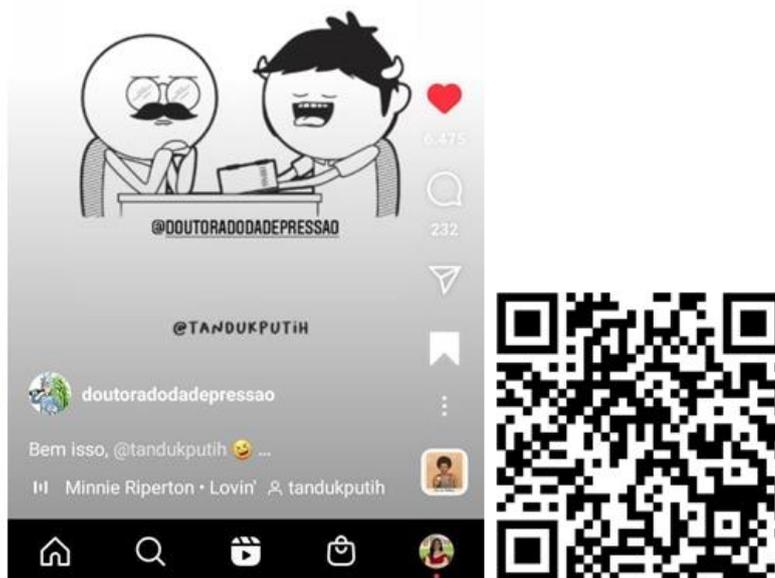
Exemplos 22, 23, 24, 25, 26 e 27 – a cor e os sentidos de identidades de perfis verificados no X



Fonte: Perfis do Papa Francisco, Lula, Bianca Rosa, Jon Bon Jovi, Amazon e App Store no X (2022)

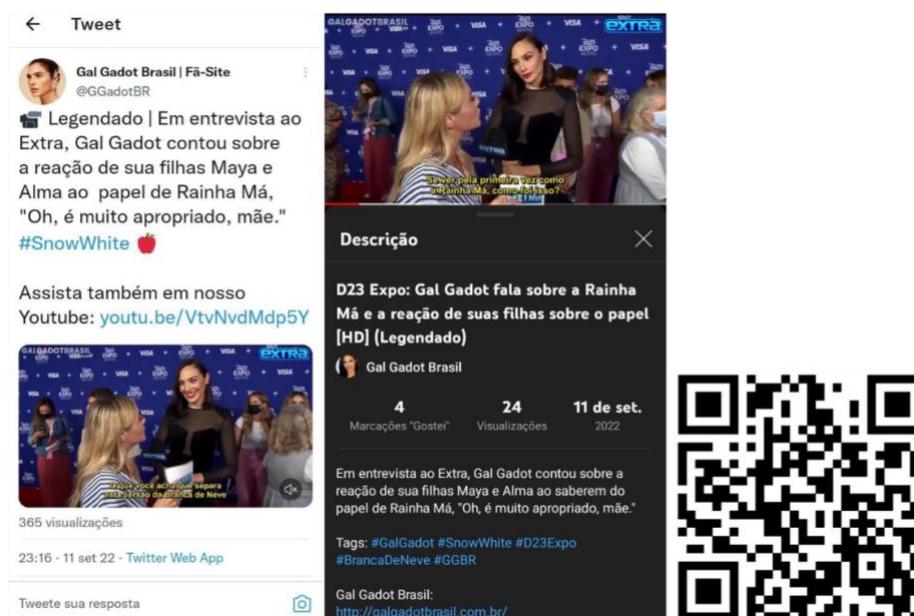
Exemplo 28 – Indicialidade, campo dêitico digital e negociação de sentidos por meio de aspectos sonoros – recontextualização e construção de sentidos

O musical do Doutorando(a)



Fonte: Perfil do Doutorado da Depressão no Instagram (@doutoradodadepressao) (2022).

Exemplo 29 – post com vídeo no X e vídeo no YouTube



Fonte: Perfil de fãs brasileiros de Gal Gadot no e canal do Youtube homônimo (2022).

Exemplo 30 – entrevistas e debates presidenciais de 2022 – Presidente Lula



Fonte: Canal do G1 no Youtube (2022).

Exemplo 31 – Entrevistas e debates presidenciais de 2022 – candidato
Ciro Gomes



Fonte: Canal do G1 no Youtube (2022).

Exemplo 32 – entrevistas e debates presidenciais de 2022 – candidatos Lula e Bolsonaro



Fonte: Canal do G1 no Youtube (2022).

APÊNDICE A – QUADRO-SÍNTESE DE PESQUISA ADAPTADO E EXPANDIDO

Mayara Arruda Martins – (Orientadora: Mônica Magalhães Cavalcante)

Título da tese – Tecnotextualidade e campo dêitico digital – análise de aspectos interacionais e enunciativos

Quadro 2 – Quadro-síntese de pesquisa adaptado e expandido por Martins (2024)

MATERIAL ADAPTADO DE ARAÚJO, PIMENTA E COSTA (2014), POR MAYARA ARRUDA MARTINS (2024), COM BASE NO MODELO DA DISCIPLINA “MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO LINGUÍSTICA”, MINISTRADA PELA PROFA. DRA. MARIA ELIAS SOARES NO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC).		
ÁREA E LINHA DE PESQUISA: LINGUÍSTICA – Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização		
OBJETO DE INVESTIGAÇÃO: Interação/Dêixis/Referenciação		
TEMA: Enunciação, dêixis e interações digitais		
DELIMITAÇÃO DO TEMA: Enunciação e interação sob uma perspectiva ampliada dos tecnotextos em campo dêitico digital		
OBJETIVO GERAL	PROBLEMA DE PESQUISA	HIPÓTESE BÁSICA
Propor a definição e a caracterização de campo dêitico digital nas interações da tecnodiscursividade e da tecnotextualidade, investigando a interação e a enunciação em contexto digital, bem como os recursos envolvidos na	Por quais modos os indivíduos interagem em textos digitais, em termos de semioses utilizadas na instauração da relação <i>eu-tu</i> e dos papéis associados a esses locutores?	A noção de campo dêitico digital contribui para evidenciar os modos como acontecem as interações digitais, nas quais a dêixis se revela como um recurso de linguagem fundamental que contribui desde as interações humanas mais básicas às interações simbióticas entre o humano e máquina, o que leva a uma ampliação de conceitos que pode afetar até mesmo a própria perspectiva de análise do

manifestação da dêixis em textos digitais.		enunciado/texto/ato de linguagem nos estudos em Linguística Textual.
DESDOBRAMENTOS		
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES DE PESQUISA	HIPÓTESES SECUNDÁRIAS
Redimensionar a dêixis como um fenômeno enunciativo e interacional que precisa evidenciar o ato de enunciação, conforme Benveniste, mas também os pontos de vista dos enunciadores, conforme Rabatel	Como a dêixis pode ser investigada em seu caráter amplo, abarcando tanto o papel dos locutores no ato de enunciação, conforme Benveniste, quanto os pontos de vista dos enunciadores, conforme Rabatel?	A dêixis é um fenômeno de linguagem amplo que funciona como um jogo de “camadas enunciativas” sobrepostas, pois se manifesta a partir da instauração de uma <i>origo</i> e marca, ao mesmo tempo, o ato de enunciação por meio do qual alguém se instaura como locutor e imprime pontos de vista dos enunciadores.
Demonstrar como se dá o jogo enunciativo nas ocorrências de funções dêíticas presentes em textos digitais, considerando a distribuição dos papéis dos actantes no circuito comunicativo, chegando a uma proposta ampliada de análise dos textos do ponto de vista enunciativo e interacional e a uma concepção de campo dêítico digital.	Que relação há entre o jogo enunciativo nas funções dêíticas presentes nos textos digitais e a distribuição dos papéis sociais e actantes no circuito comunicativo?	Existe relação entre o jogo enunciativo nas funções dêíticas presentes nos textos digitais e a distribuição dos diferentes papéis sociais e actantes que podem ser representados tanto por humanos quanto por não humanos.

<p>Analisar as funções dêiticas em diferentes interações, desde aquelas que simulam o face a face àquelas que utilizam recursos que se propõem a substituir papéis humanos.</p>	<p>Em que medida a dêixis, ainda que em seu objetivo inicial de gerar uma “simples” interação <i>eu-tu</i>, colabora para que as relações simbióticas entre humanos e máquinas sejam possíveis em contexto digital?</p>	<p>Tendo em vista a complexidade da relação de simbiose que há entre humanos e máquinas e as modificações tecnológicas que impactam os modos de interagir e de referenciar no contexto digital, se geram novos modos de instauração da dêixis e de criação de campo dêitico, sendo necessário, portanto, analisar o que chamamos, neste trabalho, de campo dêitico digital.</p>
<p>Demonstrar o funcionamento da dêixis na tecnotextualidade, com ênfase nas formas próprias e nos recursos próprios dos textos nativos digitais para engajar o interlocutor e demonstrar os posicionamentos do locutor/enunciador, como é o caso do @ e da #.</p>	<p>Por quais meios a tecnodiscursividade evidencia a dêixis, colaborando para o funcionamento do fenômeno?</p>	<p>Alguns tipos dêiticos elencados por Martins (2019) podem se manifestar de modo muito peculiar em textos na tecnodiscursividade, como é o caso do @ para mencionar o “tu”, aquele com quem se fala, e da # para relevar os posicionamentos do locutor/enunciador.</p>
ASPECTOS METODOLÓGICOS		
<p>MÉTODO DE ABORDAGEM Partimos das lacunas que os trabalhos apresentam sobre as reflexões que construímos a partir do</p>	<p>TIPO DE PESQUISA Quanto aos objetivos, nossa pesquisa se caracteriza como explicativa, com base em Gil (1999).</p>	<p>DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO Corpus constituído por interações multissemióticas (verbal, oral, imagética, sonora, gestual etc.) que simulam o face a face, ou por outras interações tecnodiscursivas que demonstram a simbiose humano-</p>

<p>que investigamos para, em seguida, utilizarmos o método indutivo, responsável por nos fazer criar novas hipóteses.</p>		<p>máquina e composto de pelo menos 30 textos de gêneros diversos com interações – estáticas ou dinâmicas – no contexto digital, que aparecerão no trabalho por meio de QR-Codes, links, e/ou prints de tela.</p>
<p>TÉCNICAS No que diz respeito aos procedimentos técnicos, realizaremos uma pesquisa bibliográfica, de acordo com a caracterização de Gil (1999).</p>	<p>DESCRIÇÃO DA COLETA Cerca de 30 textos coletados serão categorizados em três grupos textuais, todos digitais: a) um que simule interações face a face, quer sejam com apenas um locutor e um enunciador, quer sejam interações em grupos; b) um que acontece em redes sociais em interações síncronas e assíncronas; c) um que revele a interação direta entre indivíduo e máquina, em que ambos podem assumir-se como <i>eu</i> e convocar um <i>tu</i>, como assistentes virtuais, aplicativos e chatbots.</p>	<p>PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE A análise dos dados será dividida em duas etapas: uma mais teórica e outra mais empírica. A primeira, mais teórica, consiste em problematizar os conceitos com os quais lidamos. Já o segundo passo consiste em uma caracterização de três tipos de situações de interação digital, como demonstrado na “Descrição da coleta”.</p>

ALGUNS ASPECTOS TEÓRICOS

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA [organização dos capítulos do desenvolvimento]:

- i) o conceito de **enunciação** e o viés teórico-analítico ampliado do **enunciado**;
- ii) o **contexto**, o **circuito** e a **situação comunicativa**;
- iii) a noção de **dêixis** e de **dêiticos**;
- iv) o **campo dêitico** e o **campo dêitico digital**;
- v) os pressupostos da **referenciação** e da **referenciação dêítica**.

ESTADO DA ARTE [percurso teórico da introdução]:

- i) a Linguística e o caráter **interdisciplinar** desta pesquisa;
- ii) o uso dos termos **linguístico** e/ou **linguageiro**;
- iii) a noção de **dêixis** e de **dêiticos** e seus efeitos nos textos;
- iv) o humano como ser **social** e **tecnológico/tecno-lógico** em interações humano-humano e humano-máquina;
- v) ampliação/redimensionamento de conceitos: **dêixis**, **campo dêitico**, **contexto**, **situação comunicativa**.

Fonte: elaborado pela autora.